

UNIVERSIDADE DO VALE DO RIO DOS SINOS - UNISINOS
UNIDADE ACADÊMICA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO
NÍVEL MESTRADO

TATIANE MILANI

AGONÍSTICA EXPRESSA EM CIRCULAÇÃO:
O Papa Francisco como articulador de sentidos

São Leopoldo

2019

TATIANE MILANI

**AGONÍSTICA EXPRESSA EM CIRCULAÇÃO:
O Papa Francisco como articulador de sentidos**

Dissertação apresentada como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Comunicação, pelo Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação da Universidade do Vale do Rio dos Sinos - UNISINOS

Orientadora: Profa. Dra. Ana Paula da Rosa

São Leopoldo

2019

M637a Milani, Tatiani.
Agonística expressa em circulação: o Papa Francisco como articulador de sentidos / Tatiane Milani. – 2019.
159 f. : il. color. ; 30 cm.

Dissertação (mestrado) – Universidade do Vale do Rio dos Sinos, Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação, São Leopoldo, 2019.
“Orientadora: Profa. Dra. Ana Paula da Rosa.”

1. Francisco, Papa, 1936-. 2. Comunicação - mídia. 3. Interação social. 4. Agonística. I. Título.

CDU 659.3

TATIANE MILANI

**AGONÍSTICA EXPRESSA EM CIRCULAÇÃO:
O Papa Francisco como articulador de sentidos**

Dissertação apresentada como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Comunicação, pelo Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação da Universidade do Vale do Rio dos Sinos - UNISINOS

Aprovada em 10 de abril de 2019

BANCA EXAMINADORA

PROFA. DRA. VIVIANE BORELLI - UFSM
PARTICIPAÇÃO POR WEBCONFERÊNCIA



PROF. DR. JOSÉ LUIZ WARREN JARDIM GOMES BRAGA - UNISINOS



PROFA. DRA. ANA PAULA DA ROSA – UNISINOS (Orientadora)

AGRADECIMENTOS À CAPES

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001.

Às pessoas que muito me inspiraram:

*Renata – minha afilhada (in memoriam)
Para sempre em meu coração*

*Mylene Ferreira
Amiga, parceira de produção*

*Vanderlei Fão
Companheiro, apoio em todas as horas*

*Ana Paula da Rosa
Anjo, no papel de orientadora*

AGRADECIMENTOS

Em cada etapa da vida acadêmica que escolhemos trilhar, não só o fazer científico está na equação. Somos impulsionados a uma dedicação máxima, abrindo mão de muitas coisas, e uma delas, muitas vezes é abrir mão de estar perto de quem amamos. E são exatamente essas pessoas as responsáveis pelo carinho, paciência, compreensão e estímulo oferecido para que a jornada seja cumprida. Dois anos não parecem muito tempo, mas é tempo suficiente para uma intensa transformação: um projeto vira uma dissertação, e o maior impacto de todo esse percurso está no ser humano que escolheu embarcar nesse voo. Todas essas transformações só foram possíveis por conta de uma rede de apoio que não mediu esforços para estar comigo:

Minha gratidão eterna a Deus, pela oportunidade de chegar aqui e realizar um sonho, permitindo que eu continuasse mesmo nos dias em que achava não ser mais possível. Por me fazer sentir uma pessoa amada.

Aos meus pais Peri e Claudete, pelas incontáveis orações, carinho, preocupações, e acima de tudo pela confiança e dedicação para a realização de um sonho que era meu, mas que desde o início foi também de vocês.

Aos meus irmãos Luciane e Vinícius, por compreenderem o motivo da nossa distância, e por me esperarem todo mês com a melhor companhia e o melhor abraço. A vocês, minha família, não só a gratidão, mas a dedicação de todo esse esforço.

Também quero agradecer ao Vanderlei, por ter abraçado os sonhos e os desafios que viriam com ele, sempre ao meu lado, em todas as horas. O apoio, a compreensão, o carinho, o choro e o riso, a produção e a entrega. Cada etapa realizada em conjunto. Igualmente, agradeço à toda a sua família. Não tenho palavras para dizer a importância da paciência, apoio, orações e contribuições em todos os aspectos. Além de um companheiro para vida, sempre tive ao meu lado uma família que me ajudou a ultrapassar as dificuldades. Minha gratidão eterna.

Aos meus amigos, especialmente a Daniele Bühring. Esse trabalho só foi possível graças a um apoio diário e constante, desde o dia em que decidi começar. A amizade é a coisa mais importante e mais valiosa que uma pessoa pode ter, e eu com certeza sou eternamente grata a esses anjos que Deus me deu como amigos. Obrigada.

Um agradecimento especial a Unisinos, por me receber, por me incentivar a ser melhor em cada aspecto da minha vida. Obrigada pela ajuda em conseguir uma bolsa junto a Capes, tornando um fato determinante para que pudesse estar aqui.

Aos professores, que com certeza plantaram sementes em mim para toda a vida. Estas que procuro cuidar todos os dias. Obrigada por proporcionarem muito mais que ensino, mas lições de vida que com toda certeza estão bem alicerçadas em meu ser.

Um agradecimento especial aos colegas do PPGCC da Unisinos, pois o conhecimento e o desenvolvimento de uma pessoa só acontecem em conjunto. Um muito obrigado àquelas pessoas que foram essenciais em muitos aspectos, formando uma amizade verdadeira para todo o sempre.

Por último, para que seja eternizado, quero não só agradecer, mas dedicar todo o meu percurso e trabalho, assim como o resultado dessa dissertação, à minha muito mais que orientadora Ana Paula da Rosa. Deus me deu um anjo que me guiou sempre, todos os dias desses dois anos; me segurou na mão, me incentivou a dar sempre o meu melhor, me amparou nas horas mais difíceis, e acima de tudo confiou em mim. Ana, não há palavras suficientes que possam descrever a pessoa excepcional que és, e o que você representa para mim. Tenho certeza que nossa jornada não ficará somente nas salas da Unisinos. Eterna gratidão a você.

“A cultura do encontro requer que estejamos dispostos não só a dar, mas também a receber de outros. Os mass media podem ajudar-nos nisso, especialmente nos nossos dias, em que as redes da comunicação humana atingiram progressos sem precedentes”. (PAPA FRANCISCO, 2014).

“Reconheço, de fato, que às vezes os sentidos nos enganam, mas isso não me leva a suspeitar de que as minhas percepções sensoriais não sejam, em geral, dignas de confiança, ou mesmo que possam estar me enganando neste exato momento”. (AUSTIN, 1990).

RESUMO

O objeto de pesquisa explorado nesta dissertação está inserido em um contexto de transformações não só da Comunicação, mas da sociedade de modo geral que se transforma a partir de novos modelos interacionais, assim como da complexidade de tais relações. A pesquisa tem como objeto o Papa Francisco, em que o empírico é constituído a partir de dizeres e modos de agir do pontífice durante os cinco primeiros anos do pontificado (2013-2018). A entrada de uma figura religiosa para a investigação no campo da Comunicação é proposta por conta do complexo movimento de processualidades interacionais percebidas em acontecimentos nesse período, evidenciando a acelerada produção de sentidos nas interações entre a Igreja Católica, a mídia e a sociedade. Diante da inserção do objeto na circulação, o objetivo central da pesquisa é perceber as especificidades e lógicas interacionais em que ocorrem os embates interacionais, e como o Papa Francisco desenvolve táticas para articular essa disputa de sentidos presente na agonística. O *corpus* da pesquisa é constituído por um elemento interacional acionador da circulação – em nosso trabalho a coletiva no avião em 2013, seguido por dois episódios que são desencadeados nessa coletiva: o episódio 1 – frase sobre os homossexuais e o episódio 2 – casamento de segunda união; e por último, um episódio que não está diretamente relacionado com a coletiva, mas se constitui a partir das lógicas interacionais de avião que é o episódio 3 – Casamento realizado em voo. Os episódios são selecionados na pesquisa pois tratam de conflitos sociais potencializados pela circulação, que demandam uma postura do Papa Francisco que tenta orquestrar os debates, assim como há o posicionamento da sociedade que está imbrincada em tais questões. Para a análise das materialidades, observamos as especificidades do elemento acionador da circulação e fazemos uma relação com a sistematização dos episódios, que dentro de suas particularidades, constituem circuitos. A partir da observação dos traços articuladores em cada episódio, delimitamos o caso de pesquisa, formulado seguindo marcas e operações discursivas presentes nas interações dos participantes em cada circunstância. Portanto, neste trabalho nos interessa olhar para os seguintes eixos: as lógicas e estratégias no contexto da conversa de avião; os circuitos; o modo como o papa tenta pautar o debate; a agonística, e as imagens em disputa por meio dos sentidos em tensão. Os acionamentos teóricos propostos pelo objeto empírico partem da inquietação de como são percebidos os sentidos (VERON, 1980; DELLEUZE, 1974) a partir de interações (BRAGA, 2012; AUSTIN 1990), e o que percebemos enquanto ação comunicativa a partir dos dizeres dos sujeitos, tendo em vista as processualidades. Em seguida adentramos na temática da circulação (VERON 2013; FAUSTO NETO, 2013; FERREIRA, 2006; 2007). Esta é abordada desde a estrutura do modelo comunicacional, fazendo o percurso na esfera das gramáticas de produção e de reconhecimento que são o processo que resulta nos sentidos em disputa. Em seguida, trabalhamos com a noção de circuitos enquanto um lugar complexo de interações, e para fechar o item de circulação abordamos as disputas imagéticas (ROSA, 2012; 2014; 2015) que ocorrem também diante da vasta produção de sentidos. O capítulo teórico se encerra alicerçado no contexto dos arranjos disposicionais (BRAGA 2011; 2017; 2018) dando centralidade à agonística em jogo, sendo esta o processo comunicacional ocorrente.

Palavras chave: Papa Francisco. Circulação midiática. Dispositivo interacional. Imagem. Agonística.

ABSTRACT

The research object explored in this dissertation is inserted in a context of transformations not only from the Communication, but from a society, general speaking, that transforms from new interactive models, as well as the complexity of such relations. The research aims at Pope Francis, in which the empirical is constituted from sayings and ways of acting of the pontiff during the first five years of the pontificate (2013-2018). The entry of a religious figure for the research in the communication field is proposed due to the complex movement of interactional procedurals perceived events in this period, reflecting the accelerated production of meanings in interactions between the Catholic Church, the media and society. Before inserting the object into the circulation, the central objective of the research is to understand the specifics and interactive logic in that interactional clashes occur, and how Pope Francis develops tactics to articulate this dispute presented in the agonistic. The corpus of the research consists of an interactional element starter circulation - in our work the collective on the plane in 2013, followed by two episodes that are triggered in this collective: Episode 1 – sentence about homosexuals and Episode 2 - second wedding union, and finally, an episode that is not directly related to the collective, but is constituted from the interactional logics of airplane that is the episode 3 – Wedding carried out in flight. The episodes are selected in the research because they deal with social conflicts enhanced by circulation, which demand a stance from Pope Francis who tries to orchestrate the debates, just as there is the positioning of society that is embedded in such issues. For the analysis of the materialities, we observe the specificities of the triggering element of the circulation and make a relation with the systematization of the episodes, which within their particularities constitute circuits. From the observation of the articulating traits in each episode, we delimit the research case, formulated following discursive marks and operations present in the interactions of the participants in each circumstance. Therefore, in this work we are interested in looking at the following axes: the logics and strategies in the context of airplane talk; the circuits; the way the pope tries to guide the debate; the agonistic, and the images in dispute through the senses in tension. Theoretical drives proposed by empirical object depart from caring how the senses are perceived (VERON, 1980; DELLEUZE, 1974) from interactions (BRAGA, 2012; AUSTIN 1990), and what we perceive as communicative action from the sayings of the subjects, in view of proceduralities. Then we enter in the circulation theme (VERON 2013; FAUSTO NETO, 2013; FERREIRA, 2006; 2007). This is approached from the structure of the communicational model, making the journey in the sphere of grammars of production and recognition that are the process that results in the senses in dispute. Then, we work with the notion of circuits as a complex place of interactions, and to close the circulation item we approach the image disputes (ROSA, 2012; 2014; 2015) that also occur in the face of the vast production of meanings. The theoretical chapter ends up based on the context of the dispositional arrangements (BRAGA 2011; 2017; 2018) giving centrality to the agonist in play, being this the communicational process that occurs.

Key words: Pope Francis. Media circulation. Interactive device. Image. Agonistic.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Íntegra da coletiva no voo de retorno do Brasil	35
Figura 2 – Comentários na publicação do G1 no <i>Facebook</i> a respeito do processo de anulação do casamento	41
Figura 3 – Comentários das publicações do <i>Vatican News</i> no <i>Facebook</i>	43
Figura 4 – Comentários no <i>post</i> do G1 no <i>Twitter</i>	46
Figura 5 – Esquema da circulação discursiva de Eliseo Verón	59
Figura 6 – Matéria publicada pelo Portal Terra.....	82
Figura 7 – Cumprimentos do jornalista com o Papa Francisco	83
Figura 8 – Trechos da fala do Papa Francisco com os jornalistas	85
Figura 9 – Postura do Papa Francisco na coletiva do voo de retorno do Brasil em 2013	87
Figura 10 – Conjunto de manchetes com temáticas derivadas da coletiva em 2013.....	88
Figura 11 – Pergunta e resposta sobre o tema da homossexualidade	91
Figura 12 – Matéria sobre a coletiva no site ACI Digital.....	93
Figura 13 – Matéria publicada pelo jornal Folha de São Paulo.....	95
Figura 14 – Análise da entrevista	95
Figura 15 – Comentários na primeira matéria	96
Figura 16 – Comentários na análise	97
Figura 17 – Matéria do Portal G1 sobre a entrevista do Papa Francisco	98
Figura 18 – Comentários na matéria do G1	99
Figura 19 – Publicação da página Diversidade Católica	100
Figura 20 – Comentários da publicação	101
Figura 21 – Destaque da resposta do Papa Francisco em relação aos sacramentos para divorciados	104
Figura 22 – Reportagem sobre os temas abordados na coletiva em voo em 2013	106
Figura 23 – Parágrafos do relatório que apontam para a reflexão em torno do tema dos recasados.....	107
Figura 24 – Comentários a respeito da coluna no site da Folha de S. Paulo.....	108
Figura 25 – Matéria do G1 com as falas do Papa Francisco sobre mal-entendidos	109
Figura 26 – Comentários na publicação do G1 no <i>Facebook</i> a respeito do processo de anulação do casamento	111
Figura 27 – Publicação e comentários da Veja no <i>Twitter</i>	112
Figura 28 – Manchete da matéria publicada no site do Jornal Nacional.....	113

Figura 29 – Trecho da matéria no site do Jornal Nacional.....	114
Figura 30 – Manchete da Folha de S. Paulo sobre o Sínodo.....	115
Figura 31 – Comentários na matéria publicada no <i>Facebook</i>	116
Figura 32 – Últimos dois parágrafos da matéria no site ACI Digital.....	117
Figura 33 – Conjunto de prints das publicações do <i>Vatican News</i> no <i>Facebook</i> sobre a exortação <i>Amoris Laetitia</i>	118
Figura 34 – Comentários das publicações do <i>Vatican News</i> no <i>Facebook</i>	119
Figura 35 – Manchete do Portal G1 sobre a exortação <i>Amoris Laetitia</i>	120
Figura 36 – Comentários na matéria do G1.....	121
Figura 37 – Trecho da matéria publicada pelo site ACI Digital.....	122
Figura 38 – Manchete da Folha de S. Paulo sobre os cardeais que acusam o Papa Francisco	123
Figura 39 – Parte da matéria publica no site da Folha de S. Paulo	124
Figura 40 – Matéria sobre o casamento no avião no site <i>Vatican News</i>	128
Figura 41 – Matéria sobre o casamento no avião no site <i>Vatican News</i>	128
Figura 42 – Comentários na postagem sobre o casamento no avião na página do <i>Vatican News</i>	129
Figura 43 – Post do <i>Twitter</i> usado na matéria da Folha de S. Paulo	131
Figura 44 – Comentários no <i>post</i> do G1 no <i>Twitter</i>	132
Figura 45 – Manchete do site O Globo.....	133
Figura 46 – Trechos da matéria do site O Globo.....	134
Figura 47 – Comentários em publicação da Revista Veja no <i>Facebook</i>	135
Figura 48 – Postagem da ACI Digital sobre críticas ao Papa Francisco	137

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	13
1.1 O macrocontexto da religião em um cenário de mediação.....	16
1.2 O fazer comunicacional do Papa Francisco: uma abertura à sociedade.....	20
1.3 Contexto Acadêmico: Papa Francisco como objeto em outras pesquisas	23
2 OBJETO EMPÍRICO EM OBSERVAÇÃO: IDENTIFICAÇÃO DOS PRINCIPAIS ELEMENTOS PARA A CONSTRUÇÃO DO CASO	30
2.1 COMO PENSAR O OBJETO DE PESQUISA?	30
2.2 Campo de observação.....	33
2.2.1 Os episódios: Da coletiva no voo em 2013 ao casamento no avião em 2018.....	35
2.3 Plano de investigação: A sistematização do caso de pesquisa	47
2.3.1 Objetivos e Problema de Pesquisa.....	50
3 A TEORIA ACIONADA PELO OBJETO EMPÍRICO	52
3.1 Condições para a produção de sentido: Do fluxo às processualidades.....	53
3.2 Circulação: Da estrutura comunicacional à produção de sentidos em circuitos.....	57
3.2.1 Da origem às gramáticas	57
3.2.2 Circuitos como um lugar complexo de interações	60
3.2.3 Imagens em disputa: sentidos acionados em circulação.....	63
3.3 Arranjos disposicionais: A agonística enquanto ação comunicacional em curso.....	67
4 ABORDAGEM METODOLÓGICA: MOVIMENTOS ANALÍTICOS	73
4.1 Estudo de caso – O objeto sendo analisado a partir de uma processualidade.....	76
4.1.1 Tática de abordagem do caso	77
5 ANÁLISE DOS OBSERVÁVEIS	80
5.1 Coletiva no voo de retorno de 2013: Elemento interacional acionador da circulação	81
5.1.1 Primeiro contato do Papa Francisco com os jornalistas: 22 de julho de 2013	81
5.1.2 Encontro com os jornalistas no voo de retorno: 28 de julho de 2013	85
5.1.3 A coletiva como espaço de interação: O acionamento da circulação.....	88
5.2 Episódio 1: Circuito da frase do Papa Francisco sobre os homossexuais	90
5.2.1 A reverberação da frase constituindo circuitos: A produção de sentidos expressa no episódio 1.....	94
5.2.2 Mapeamento das microprocessualidades do episódio 1	102
5.3 Episódio 2: Circuito sobre o casamento de segunda união.....	103

5.3.1 A circulação do episódio 2: Produção de sentidos a partir do Sínodo de 2014.....	107
5.3.2 Reforma no processo canônico: Retomada do circuito em 2015	110
5.3.3 Agonística em reverberação: 2016	117
5.3.4 Mapeamento das microprocessualidades do episódio 2.....	125
5. 4 Episódio 3: Circuito do casamento no voo de retorno do Chile em 2018.....	127
5.4.1 A diversidade argumentativa dos atores sociais: A disputa imagética em jogo.....	130
5.4.2 A lógica interacional em voo: O circuito do casamento acionado pela coletiva no avião	136
5.4. 3 Mapeamento das microprocessualidades do episódio 3.....	138
5.5 Análise Transversal	140
5.5.1 Lógicas interacionais operadas pelo Papa Francisco em voo.....	140
5.5.2 Circuitos que emergem em circulação e a partir das interações dos participantes.....	141
5.5.3 O modo como o Papa Francisco tenta pautar o debate.....	142
5.5.4 Agonística enquanto problemas comunicacionais a serem geridos	143
5.5.5 Imagem em disputa.....	143
5.5.6 A consolidação de táticas do Papa Francisco a partir das especificidades dos episódios	146
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	148
REFERÊNCIAS BIBIOGRÁFICAS	156

1 INTRODUÇÃO

Quando adentramos em pesquisas sob perspectivas comunicacionais estamos imersos em um cenário de complexificação de objetos. Estes partem dos processos básicos de comunicação e vão sendo alterados conforme acontecem as transformações na sociedade. É necessário ressaltar que a comunicação sempre existiu, pois é a base para qualquer linguagem, seja verbal ou não. Para que duas pessoas iniciem uma interação é necessário que haja comunicação entre elas (BRAGA, 2015).

Sob esse ponto de vista, para analisar um objeto sob o prisma da comunicação é necessário fazer a ressalva de que comunicação não é só o resultado do que é veiculado na mídia, e que ela não acontece somente porque existem tecnologias. Isso seria tratá-la como epifenômeno das mídias. Contudo, com a mídia (tecnologia) a comunicação se transforma e altera também a forma como as pessoas interagem. Do mesmo modo, o campo midiático também modifica a forma de comunicar. Quando olhamos para objetos midiáticos estamos observando aspectos da mídia sob a perspectiva da comunicação, pois ela viabiliza o desentranhamento de todos os processos sociais (BRAGA, 2018a).

Destacando a importância dos processos comunicacionais, o nosso objeto de pesquisa é investigado em um contexto que vai além da centralidade dos meios de comunicação na sociedade. Ao trazermos o líder do Catolicismo para as discussões do campo da Comunicação, estamos nos remetendo a uma sociedade em transformação constante, chamada sociedade em midiatização¹. Nessa fase uma das características é a urgência dos processos comunicacionais, e sobretudo inquietações com as lógicas e particularidades destes. Quer dizer, está além de estudar o uso das mídias ou invenções tecnológicas, sendo necessário questionar e problematizar os processos sociais, assim como nos permite uma abertura para debater e repensar o próprio campo. O central nas investigações está em questionar como a sociedade faz as coisas e porque faz dessa forma.

Entre debates de todas as esferas sociais o Papa Francisco² tem se tornando uma figura cara à sociedade, de modo a ser questionado severamente em alguns casos, até ocasiões em que é comparado a uma figura divina. Para isso nos propusemos a uma pesquisa ampla sobre etapas e acontecimentos envolvendo os cinco anos do pontificado de Francisco, em que o aspecto comunicacional aparece em evidência. Fortalecendo o debate comunicacional,

¹ Estudos em midiatização são a temática central da linha de pesquisa a qual me inscrevo: Linha de Pesquisa 4 – Midiatização e Processos Sociais do Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação.

² Jorge Mario Bergoglio foi eleito papa em 13 de março de 2013.

observamos uma acelerada produção de sentidos nas interações entre a Igreja, a mídia e a sociedade.

O objetivo maior enquanto pesquisadora é trabalhar com a interface Comunicação e Religião de modo a observar como se dão os processos interacionais midiáticos, e como esse movimento em midiatização permite que aconteçam transformações internas tanto no campo da Religião como no da Comunicação.

Para as pesquisas em Comunicação há sempre desafios, dado que os processos sociais estão cada vez mais complexos sendo atravessados por lógicas midiáticas. Nesse sentido, percebemos que a comunicação está em tudo, mas ao mesmo tempo nos traz interrogações que vão para outros campos, como o religioso, o político, o jurídico, o educacional. E são nesses espaços de interface que precisamos explicitar o que é comunicacional em nossos objetos de pesquisa. Afinal, os processos comunicacionais em suas múltiplas plataformas, estão além da ideia de transmissão de mensagens e de informação, passando a ser “um novo de ser e viver em sociedade”. (FAXINA; GOMES, 2016). Isso não significa tratar dos efeitos da mídia sobre a sociedade, mas como a própria sociedade passa a agir de maneira diferente em função dos avanços midiáticos e comunicacionais.

Na ambiência de uma sociedade em midiatização, o objeto de pesquisa adentra as processualidades da circulação midiática, que por sua vez trabalha com a noção de circuitos. Esse processo pode ser visto quando as práticas sociais de um determinado campo, o religioso no nosso caso, não é mais gerado por variáveis e lógicas do campo religioso somente. Há um atravessamento de lógicas de vários campos, o que inclui fortemente, o atravessamento do campo midiático. Pretensiosamente podemos dizer que, todo e qualquer campo social observado na ambiência da midiatização, não opera mais de forma individual, hoje estão atravessados pelas lógicas midiáticas.

Considerando, de antemão, algumas questões emblemáticas da atuação do pontífice, o que questionamos diz respeito a sua postura e dinâmica comunicacional, que precisa estar em diálogo com o diverso. Sendo assim, a pergunta norteadora da nossa proposta de pesquisa é formulada da seguinte maneira: De que forma se manifesta a disputa de sentidos na circulação midiática de episódios que polemizam a relação Igreja-comunicação-sociedade? E como o Papa Francisco age sobre o contexto dos processos agonísticos dos participantes expressos nas interações?

Para responder a estas perguntas trabalhamos com a configuração de um caso de pesquisa organizado em torno de episódios que constituem circuitos, cada um em sua especificidade e lógicas internas, mas que têm o Papa Francisco como elemento comum.

Partimos da coletiva de imprensa concedida por Francisco no retorno da viagem do Brasil em julho de 2013, e a partir dessa coletiva selecionamos dois episódios que são acionados em circuitos: o primeiro a partir da resposta do Papa Francisco para a questão da homossexualidade, e o segundo a partir do tema do casamento de segunda união. Em seguida adicionamos um terceiro episódio que apresenta características circulatórias semelhantes, que é o casamento que o papa realiza no avião na viagem ao Chile em janeiro de 2018. Tais episódios são escolhidos pelas articulações e tensionamentos no âmbito social, ou seja, são ocasiões em que há um intenso debate entre as doutrinas da Igreja Católica e questões político-sociais.

O objetivo geral da pesquisa tem a finalidade de perceber as particularidades e lógicas em que ocorrem os embates interacionais, e como o Papa Francisco tenta articular os problemas comunicacionais entre uma Igreja extremamente instituída, mas que precisa mudar as formas de interação e relação com seus fiéis. O central, especificamente, está em observar como o papa faz essa articulação na disputa de sentidos do debate tendo que responder a todos os públicos. Os objetivos específicos se constituem em: observar as lógicas e estratégias discursivas dos participantes nas interações agonísticas; examinar as gramáticas de produção e de reconhecimento que emergem no processo de circulação; investigar como o Papa Francisco redimensiona a agonística fazendo prevalecer sua própria organização de posições no debate; e analisar, na disputa de sentidos, as formulações imagéticas sobre a figura do Papa Francisco e da própria Igreja Católica.

A partir dessas pontuações e das descrições das materialidades empíricas, organizamos o *corpus* analítico a partir de elementos das mídias institucionais católicas, das mídias tradicionais e também das manifestações agonísticas dos atores sociais. Desse material selecionado resultaram operações, que dão consistência ao que se deseja investigar na pesquisa. Operações como as estratégias que envolvem o contexto de conversa de avião; os circuitos; o modo como o papa pauta o debate; a agonística, e as imagens em disputa por meio dos sentidos em tensão.

O texto é constituído por este capítulo introdutório que abarca os elementos de contexto da midiatização, em que tanto a pesquisa quanto o objeto se inserem. Na sequência, ainda como parte introdutória da dissertação, abordamos características comunicativas do Papa Francisco, assim como sua abertura à sociedade. Com esse foco, abordamos o contexto acadêmico em que o Papa Francisco também aparece como objeto central.

No capítulo 2 construímos uma reflexão aprofundada sobre o modo como o objeto de pesquisa nos toca, e como o observamos ao longo da pesquisa. A ênfase desse capítulo está

em observar o objeto empírico pela perspectiva êmica, em que desenvolvemos um olhar sem direcionamentos teóricos ao objeto, com intenção de observá-lo em suas particularidades. Em seguida, os itens compreendem a constituição do que é o objeto de pesquisa, a descrição das materialidades, como o caso é construído a partir de operações e também a problemática da pesquisa junto aos objetivos.

Na sequência, o capítulo 3 aborda as proposições teóricas acionadas pelo objeto de pesquisa, dando ênfase justamente a uma demanda do objeto às conceituações. Trabalhamos com as condições de produção de sentidos, e em seguida adentramos no horizonte da circulação midiática, perpassando os conceitos de gramáticas de produção e de reconhecimento, circuitos, imagem e imaginário.

No capítulo 4 fazemos o percurso metodológico da dissertação. Delineamos o que se entende por estudo de caso, e porque nossa pesquisa é abordada a partir dessa metodologia. Ainda nesse capítulo indicamos os passos analíticos para o caso de pesquisa.

A análise dos observáveis é desenvolvida no capítulo 5. Nele produzimos observações detalhadas de cada episódio de forma individual, sendo analisados à luz das operações que compõem o caso. Em seguida, trazemos a análise transversal que recupera e fecha o caso de pesquisa relacionando as lógicas e as especificidades de cada episódio. Por último, potencializamos a trajetória acadêmica do mestrado e da pesquisa com as considerações finais sobre todo o processo. Por fim organizamos as referências bibliográficas, sendo uma parte preciosa de todo o percurso, pois nos dão sustentação desde os primeiros passos.

1.1 O macrocontexto da religião em um cenário de midiatização

Ao compreendermos a sociedade como em processo contínuo de midiatização, o fenômeno religioso passa a estar atravessado por esses processos, sendo necessário trazer um diálogo epistemológico em torno das características da midiatização da religião. O conceito se estabelece em um lugar em que sua principal característica é uma constante produção de sentidos, devido ao fato de que os meios de comunicação não são utilizados apenas como mediadores de informação, mas como dispositivos que moldam a forma de viver e se expressar dos indivíduos na sociedade. Ou seja, na midiatização transita uma multiplicidade de sentidos, pois há uma necessidade de interação e de resposta. E o resultado de toda essa demanda social escapa de uma completa compreensão, pois se dá em fluxo constante.

Faz-se necessário introduzir que as discussões acerca do conceito de midiatização foram fundamentais para o avanço da pesquisa, assim como o entendimento das

processualidades midiáticas, presentes hoje em um contexto que atravessa os demais campos sociais. O fenômeno da midiaticização está presente em uma sociedade que se transforma, envolvendo processos cada vez mais complexos, e que suas particularidades não finalizam o conceito. Isso posto, trabalhamos com as evoluções de uma sociedade em vias de midiaticização, e não de uma sociedade já midiaticizada.

Justifica-se a necessidade de compreensão desse conceito, porque enquanto líder da Igreja Católica, o Papa Francisco, mesmo já visto como um ícone pelo lugar que ocupa, se destaca por apresentar uma postura mais aberta, e sobretudo, midiática, logo, tensionadora dos lugares de fala da Igreja. Nessa perspectiva, a conjuntura sócio-política-religiosa interpenetra-se com as lógicas de midiaticização, e esse fenômeno suscita transformações em todo catolicismo.

Ao pensar a midiaticização, Gomes (2010, p. 162) destaca que “ela é a forma como o receptor se relaciona com a mídia e o modo como se justifica e tematiza essa mesma relação”. Dessa forma o autor caracteriza o conceito como um “processo social mais complexo”, que tem como cerne “mecanismos de produção de sentido social”. Já não é mais a mediação como categoria explicativa do processo comunicacional, mas a midiaticização expandida que passa a explicar e descrever o nosso modo de ser no mundo, em contato com os outros. Quer dizer, não se trata de uma mera transformação de tecnologias em meios, mas se trata de um processo tal, que essa transformação de tecnologias em meios vai organizando a sociedade de uma outra forma.

A midiaticização não é apenas uma influência dos aparatos técnicos de forma regulamentária, mas passa a ter influência emocional e existencial na vida das pessoas. A midiaticização é a expansão das possibilidades de anunciar sentidos, ou seja, é preciso exteriorizar os sentidos via processos mecânicos, e é nesse processo de exteriorização que se funda a possibilidade da troca hoje.

Podemos considerar que, ao invés de um conceito fechado, a midiaticização se caracteriza como um processo constituído por diversas características, que vão de aspectos mais técnicos dos meios de comunicação a processos sociais que envolvem transformações em todos os âmbitos. Nas palavras de Faxina e Gomes (2016, p. 187), a midiaticização “configura para as pessoas um novo modo de ser no mundo, onde os meios não são mais utilizados apenas como instrumentos possibilitadores das relações pessoais, mas fazem parte da autocompreensão social e individual”.

Na perspectiva de Braga (2006), temos a noção de mediaticização como “processo interacional de referência”, pois de acordo com o autor o processo não está completado.

“Processo de referência” significa dizer que “consideramos determinados processos como principais, dominantes, de tendência hegemônica”. O autor reitera que a midiatização não deve ser demarcada apenas como algo que organiza e transmite mensagens e que configura a produção de significados, mas, ressalta que pode ser vista como os modos pelos quais a sociedade se constrói.

Dessa forma, podemos entender a midiatização como um processo tecnológico avançado, em que os próprios meios tecnológicos e suas referências se expandem a tal ponto na sociedade, tanto a nível de produção como de recepção, que eles já não são apenas uma condição específica de meios como intermediários ou mediadores. Os processos da midiatização determinam que toda experiência humana passe a se realizar em função de uma atividade que não está mais nas mãos dos meios de comunicação ou do comunicador, mas da sociedade. Não há mais audiências rígidas, pois a própria recepção está no processo de produção de conteúdo, fazendo com que o processo seja constante e não linear.

Fausto Neto (2006) propõe que a relação entre produtor e receptor é marcada por desajustes, e não mais pela lógica da linearidade, e por isso, “às noções de comunicação, associadas a totalidades homogêneas, dão lugar às noções de fragmentos e às noções de heterogeneidades”. (FAUSTO NETO, 2006, p. 3). Dessa forma não é mais possível medir ou quantificar como uma informação chega até o receptor, pois nessa esfera ele mesmo está produzindo outros sentidos e devolvendo a sociedade, que por sua vez dá continuidade ao processo.

No contexto da sociedade em midiatização, os campos sociais se inserem em uma ambiência em que as fronteiras, constantemente, estão em tensionamento. Ou seja, ao trabalharmos com o campo religioso percebemos suas lógicas sendo atravessadas não só pelo campo da mídia, mas por outros campos sociais, e vice-versa. A partir de uma conjuntura que engloba o religioso, as lógicas políticas e sociais, percebemos que há um fenômeno social cujas lógicas são imbrincadas com as lógicas da midiatização.

Nessa perspectiva, acionamos o conceito de midiatização da religião de modo que possamos observar a complexidade do fenômeno, e não apenas com a centralidade voltada a dependência da religião perante a mídia (SBARDELOTTO, 2017). Ou seja, os processos comunicacionais possibilitados pelas redes sociais digitais indicam novas possibilidades de interação, assim como a complexificação do fenômeno religioso.

É a partir das interações no ambiente digital que Sbardelotto (2012, p. 2-3) explica que “novas modalidades de experiência da fé, embebidas em lógicas midiáticas a partir do deslocamento das práticas religiosas para a ambiência comunicacional da internet”. O autor

demonstra que são as interações que ocupam o papel central no processo, e não as técnicas e tecnologias comunicacionais, contudo, as apropriações ocorrem de modo complexo.

A mídia faz com que o campo religioso seja permeado pelas culturas e lógicas midiáticas “tendo de reestruturar-se a elas, como uma estratégia de permanência junto aos seus públicos”. Por sua vez, o campo religioso é marcado por agenciamento e submissões, pois para manter relações com seus fiéis ou outros públicos “o campo religioso tem mudado alguns de seus modos de funcionamento”. (BORELLI, 2007, p. 26). A autora enfatiza que algumas ações são “adequadas às lógicas midiáticas como uma forma estratégica de operacionalidade do próprio campo, pois é preciso fazê-lo funcionar assim para que venha a ser reconhecido”. (BORELLI, 2007, p. 26).

Levando em conta o foco nas interações e as lógicas midiáticas, a religião está atravessada pelas transformações da sociedade, porém, em um nível que também o fazer da religião se transforma, e isso acontece não só com o campo religioso. Quando acionamos a figura do Papa Francisco para a pesquisa em comunicação, é a partir desses desdobramentos que o líder católico passa a ser olhado à luz da midiatização. Francisco está imerso nessa ambiência, e conforme sua forma de interação com o mundo e com a própria Igreja é que percebemos a complexidade dessas interações, sobretudo quando o que é dito não se limita a ficar sob o domínio do interlocutor.

Sbardelotto (2012, p. 5) afirma que nessa lógica midiática não significa que as práticas religiosas estão sendo substituídas pelas mídias, “nem que somente graças às mídias, a religião continua mantendo seu espaço na vida social”. O que o autor destaca é que os meios de comunicação não aparecem apenas como instrumentos para potencializar as relações entre instituição religiosa e sociedade, mas atravessam o fazer da religião, alterando a experiência e as formas de contato.

Com efeito, os meios de comunicação “não apenas cobrem e representam a religião; na verdade, interagem com ela por maneiras que estão mudando tanto as mídias quanto a religião”. (HOOVER, 2014, p. 46). O autor expressa a ideia de que as afetações e as trocas são mútuas, e não observadas de modo vertical em sentido de imposição de lógicas.

O fenômeno da midiatização aponta para uma complexidade crescente da comunicação, sendo necessário observar as práticas do campo religioso a partir de um olhar comunicacional, que também é atravessado por lógicas de outros campos sociais. Na concepção de Sá Martino (2016), não é a mídia que transforma os processos sociais, porque ao olhar os meios com essa importância exagerada, estaríamos olhando para a sociedade dos meios. “Os ‘meios’, em si, não fazem nada quando não são colocados no conjunto das

relações humanas [...]. A mídia só pode interferir nas práticas e vivências religiosas porque essas relações sociais existiam *antes* de qualquer vínculo com a mídia”. (SÁ MARTINO, 2016, p. 35).

Ou seja, o autor destaca que são os “efeitos” da mídia sobre as práticas religiosas, porque essa relação se constitui de forma mais complexa. Isto é, os meios não aparecem apenas como instrumentos para potencializar as relações entre instituição religiosa e sociedade, mas atravessam o fazer da religião, alterando a experiência e as formas de contato.

Bratosin (2016) aponta como principal desafio para a midiatização a “dupla interdependência”, na forma de transmissão da informação sobre a experiência que é vivida, e o conteúdo dessa experiência. Ou seja, há um processo não só de afetação, mas uma alteração nas condições significativas da religião. Dessa forma, há uma alteração do modo de fazer religioso, porque podemos perceber uma interdependência dos campos midiático e religioso (BRATOSIN, 2016).

Sendo assim, o nosso objeto enquanto uma processualidade sai do estrito relacionamento entre instituições (mídia e religião), e se abre para as processualidades interacionais. Isso, por sua vez, traz o comunicacional como central na perspectiva da religião e não o contrário.

Dado esse contexto, passamos a nos inquietar com algumas questões emblemáticas e de grande repercussão midiática do Papa Francisco, que passam a gerar produções outras. A ênfase da postura do papa chama a atenção para uma linguagem e comportamento próprio, que por vezes tensionam o seu próprio lugar de fala.

1.2 O fazer comunicacional do Papa Francisco: uma abertura à sociedade

Após ser eleito pontífice em março de 2013, Jorge Mario Bergoglio mostra ao mundo uma postura de abertura e liderança diferenciada. Desde a opção pelas vestes e objetos simples até a forma de ser servido, Francisco se coloca à serviço, e dá especial atenção a gestos acolhedores e carismáticos. Em seguida se coloca como o próprio exemplo de humildade, representado pela preocupação e contato com as pessoas e também pelo diálogo.

Minha trajetória acadêmica evidencia o interesse na interface Comunicação e Religião³, tendo iniciado algumas pesquisas breves ainda na graduação sobre o Papa Francisco. Inicialmente, a motivação em pesquisar sobre Francisco foi motivada pelo seu

³ Como Trabalho de Conclusão de curso fiz a seguinte pesquisa: O Acontecimento Renúncia de Bento XVI em jornais de referência. Nessa pesquisa o objeto empírico foi construído sobre outro pontífice, mas que já tratava dessas questões interacionais, ainda que sob outras angulações.

modo de liderar, que ao chegar à cúpula da Igreja já dá pistas de transformações que viriam nesse papado, e que de imediato mostravam uma nova forma de relacionamento da instituição com a sociedade. Francisco passa a se destacar por críticas enfáticas a alguns setores da sociedade, apontando pareceres na área financeira, ambiental, direitos humanos e midiática. Diante de seus posicionamentos as pessoas passam a receber seus discursos de variadas formas, gerando debates e tensionamentos. É nesse ponto que o interesse de uma pesquisa comunicacional sobre o Papa Francisco surge.

Para ingressar com um projeto para o mestrado, a inquietação surgiu da ascensão do perfil do Papa Francisco no site de rede social *Instagram* em março de 2016, três anos depois de sua eleição. Sob esse aspecto, ao estar em contato direto com os fiéis e de forma contínua na esfera digital, há a percepção de que há uma abertura do papa/Igreja para a midiatização. Considerando o caminho de reflexão sobre a comunicação que a Igreja Católica tem feito durante os séculos, a participação diária de um papa em uma rede social gera curiosidade, e ao mesmo tempo implica dizer que a Igreja precisa acompanhar as transformações promovidas pela comunicação na esfera midiática.

Subentende-se que há a necessidade de uma interação mais aberta e receptiva com a sociedade por parte da Igreja Católica, possivelmente, em vista de um declínio significativo no número de fiéis nos últimos anos. Considerando a necessidade da Igreja em estreitar laços com as diferenças foi preciso um novo perfil pontifício. Dado esse contexto, passamos a nos inquietar com algumas questões emblemáticas e de grande repercussão midiática do Papa Francisco, que passam a gerar produções diversas.

A ênfase da postura do papa chama a atenção para uma linguagem e comportamento próprio, que por vezes tensionam o seu próprio lugar de fala. Enquanto representante da Igreja Católica, Francisco muda a forma de relacionamento da instituição, tanto relacionada à mídia como à sociedade em geral, ganhando destaque em discursos e atitudes voltadas às minorias e/ou assuntos sociais que antes não geravam retornos significativos por parte da Igreja.

Na contramão dessa visão positiva sobre o Papa Francisco, ao longo de seu pontificado, membros da Igreja Católica, como bispos e cardeais, assim como líderes de outras instituições religiosas, passam a se posicionar a respeito de demandas e atitudes do papa. A sacada comunicacional aqui é perceber as distintas e variadas formas com que as pessoas se manifestam em relação aos discursos ou atitudes do Papa Francisco, que são divulgadas nos meios de comunicação. Com a demanda de espaços midiáticos sob o acesso de muitas pessoas, quando um assunto é lançado na rede a repercussão deste acaba sendo imprevisível e sem possibilidade de controle. É nesse cenário que passamos a olhar para

processos sociais que vão se transformando por conta das interações entre as pessoas e do processo comunicacional em andamento.

Comunicacionalmente observamos um fenômeno extremamente importante. Esses atravessamentos de uma religião conservadora com uma tentativa de ruptura dão origem a disputas interacionais significativas. Ou seja, uma instituição conhecida pelos inúmeros estudos e reflexões sobre a comunicação, mas que mantinha um certo afastamento desta, passa a operacionalizar uma mudança estrutural significativa. Por conta dos discursos e ações do Papa Francisco a Igreja Católica ganha maior espaço na mídia tradicional. Logo, há uma considerável participação argumentativa de pessoas não só católicas, mas que são impelidas a manter o debate. Nessas disputas por posicionamentos os sentidos entram em tensão, e por consequência a imagem do Papa Francisco e também da instituição.

Ao se posicionar de maneira acolhedora em alguns momentos, assim como de crítica em outros, o papa rompe com protocolos. Enquanto líder, Francisco trabalha para a instituição, mas ao mesmo tempo tensiona e critica o seu lugar de fala. Por conta de poder exercer esse debate, o papa sofre críticas de ambos os lados: dos defensores da instituição absolutamente tradicional, mas sofre críticas também daqueles que criticam a instituição, afinal, Francisco enquanto papa também representa a instituição.

Dessa forma, as particularidades comunicacionais de todo esse conjunto são a causa de inquietação que levam a essa pesquisa. Na medida em que a sociedade avança em processos, ritmos, práticas e invenções, que a Igreja não acompanha justamente por estar fortemente instituída, é quando a figura do papa tenta superar essa dualidade. Contudo, essa mesma tentativa coloca o papa em outras dimensões agonísticas. Ou seja, os fiéis católicos assim como a sociedade em geral – a partir de suas demandas – não aceitam mais as respostas tradicionalmente dadas pela Igreja Católica às questões sociais. Há uma necessidade de mudanças no diálogo entre instituição e sociedade, e é exatamente esse processo que se torna o central em nossa pesquisa, pois isso se torna um problema comunicacional ao qual o Papa Francisco se vê impelido a assumir. Os embates, a agonística acontece exatamente porque se trata de uma instituição já consolidada por suas regras e doutrinas e que não consegue avançar nas respostas que a sociedade espera.

Assim, compreendemos que há um fenômeno em andamento e que precisa ser investigado. São processos sociais em mutação por meio da comunicação, ou seja, a partir de disputas interacionais que passam a transformar o fazer religioso e a imagem de uma instituição milenar. Por muito tempo os estudos envolvendo os campos da Comunicação e da Religião debruçaram-se sobre as formas de utilização dos meios de comunicação pelas

instituições religiosas, bem como a forma que os meios as afetavam. Com essas especificidades em jogo, observamos que são características próprias de uma sociedade em mediação, de uma sociedade que tem os campos imbricados, com afetações múltiplas em todos os campos sociais.

Hoje somos impelidos a pesquisar fenômenos tanto religiosos como comunicacionais muito mais complexos, que não se resumem a análises simples. Ao contrário, com a mediação os objetos empíricos acabam não se estabilizando. Isso significa que a transformação é própria de sua constituição, pois antes mesmo de sua consolidação já são reinventados, renovados, e até substituídos.

1.3 Contexto Acadêmico: Papa Francisco como objeto em outras pesquisas

Quando adentramos em uma pesquisa passamos por uma etapa de fazer coletivo, que é quando olhamos para as pesquisas anteriores. Nesse caso buscamos por trabalhos que também tivessem como objeto central o Papa Francisco, e não as mesmas interfaces conceituais. Estas, fazem parte do processo epistemológico para dar conta de ângulos conceituais distintos. Neste item, o que trazemos são pesquisas da área da Comunicação e da área da Linguística, que de alguma forma nos dizem algo sobre o objeto. Não foram contempladas as pesquisas sobre o Papa Francisco em áreas como a Teologia e Ciência das Religiões, justamente porque buscamos enfatizar o comunicacional. Entre teses, dissertações e artigos, encontramos um total de 16 trabalhos, sendo elencados seis deles considerados relevantes para a construção do nosso caso em particular.

Em 2014, Paulliny Fernandes Tort defendeu a dissertação “Dois Franciscos: O amor como meio de comunicação simbolicamente generalizado, de São Francisco de Assis a Jorge Mario Bergoglio” (UNB), em que observa a forma diferenciada de comunicar do Papa Francisco. Tort (2014) adentra o caminho dos afetos, partindo da “importância do amor enquanto meio de comunicação simbolicamente generalizado”. Ou seja, inicia da ação comunicacional de São Francisco de Assis, e faz um comparativo com o Papa Francisco para perceber códigos simbólicos que diferem o modo de se comunicar do papa.

Nesse sentido, a autora trabalha com a noção do afeto – amor – como instrumento que transcende a mediação técnica. Para isso Tort (2014) observa as postagens no *Twitter* após a renúncia de Bento XVI, e identifica uma mudança de foco no aspecto comunicacional. Assim, elenca as palavras mais usadas e a palavra *amor* aparece com incidência significativa, o que leva a pesquisadora a perceber tal característica como “prioridade na performance

comunicativa de Bergoglio”. Nesse caso a autora chama atenção para a sua interpretação de performance na postura de Francisco, dizendo que não diz respeito a uma atuação teatral, mas “um conjunto de sinais que conformam a conduta de comunicação”. (TORT, 2014, f. 121-122).

Nessa pesquisa encontramos similaridades com a nossa forma de observar a ação comunicacional do Papa Francisco. Ou seja, também observamos um conjunto de materialidades que possam mostrar aspectos específicos para perceber quais as lógicas dessa comunicação diferenciada do papa. E nessa perspectiva, Tort (2014) destaca os seguintes elementos:

Seus discursos, suas aparições públicas, seus posicionamentos ante temas polêmicos, suas relações com fiéis e com lideranças políticas e/ou religiosas atingem um nível de repercussão midiática reservado a poucos líderes mundiais. Mesmo assim, ele consegue transmitir um “clima” de espontaneidade que costuma cativar a audiência. Não vemos em Bergoglio a postura cerimoniosa e protocolar de Bento XVI, por exemplo. Ao contrário, o novo papa se permite ser flagrado em situações de descontração, transmitindo ao público uma ideia geral de desembaraço, simplicidade e bem-estar. (TORT, 2014, f. 122).

Essa citação nos é relevante pelos apontamentos que de alguma forma também observamos. Ou seja, há uma percepção inicial de que o Papa Francisco tem um modo próprio de tratar questões conflituosas, e que é justamente essa especificidade que chama as pessoas para o debate. A autora inclusive assinala esse aspecto “espontâneo” como uma característica em que o pontífice acaba aparecendo na mídia em momentos de descontração. Na nossa pesquisa nos indagamos se essa peculiaridade está ligada a uma característica pessoal, ou se faz parte de estratégias de enunciação corporal, atreladas a uma lógica de pautar o debate midiático. Esse “permitir ser flagrado” pode estar ligado a uma ideia performática que faz parte da performance enunciativa do papa, que é transmitida também através da postura corporal.

Ainda em 2014, a pesquisadora Joice de Araujo Reis defendeu a dissertação “Fé na ponta dos dedos: produção de presença e cultura do encontro na jornada de Francisco” (UERJ). Aqui a autora se atém a olhar a ideia de presença a partir da forma corporal de se comunicar do Papa Francisco. Ou seja, ela investiga as afinidades entre “produção de presença” e a “cultura do encontro” proposta por Francisco, e percebe a presença “enquanto movimentos que privilegiam a experiência adquirida através dos corpos, do ambiente físico e da interação com objetos”. Para observar tais aspectos, Reis (2014) olha para momentos específicos da visita do Papa Francisco ao Brasil em 2013, para perceber como esse processo

é evidenciado, se por discursos, expressões visuais ou gestos. Nesse sentido, a pesquisadora pensa o corpo para além de um produto, mas como um “agente co-produtor das práticas culturais e subjetivas”. (REIS, 2014, f. 40).

Reis refaz o percurso dos passos do papa e captura imagens que contenham indícios de gestos e discursos em que a expressão corporal está em evidência, como por exemplo, abraços em determinadas pessoas e o modo de reportar-se ao outro. Diante de tais aspectos, a pesquisadora aborda o conceito de presentificação para remeter a um conjunto de fatores que marcam um determinado espaço ou época. O corpo, nessa pesquisa, está atrelado a uma característica de normalidade em que o papa se expressa, o que explica a sua ênfase na “cultura do encontro”.

A autora (2014) também pontua a linguagem imagética do Papa Francisco a partir do uso de metáforas e analogias ao falar de situações concretas, e por conta disso, a forma de comunicar do pontífice condiz com a proximidade com as pessoas. Por consequência, essa atitude intensifica “o impacto da mensagem sobre as pessoas”, justamente porque faz uma referência espacial com a sua volta.

Uma indagação pertinente a nossos estudos é quando a autora questiona: “quais são as dinâmicas e as lógicas comunicacionais ativadas por essa proposta?”. (REIS, 2014, f. 49). A partir do olhar para as expressões corporais, há uma tentativa de perceber nuances de como a ação comunicacional do líder católico se faz e, também, identificar a repercussão disso. Dessa forma a autora conclui que, “a repercussão gerada na mídia e mobilização das pessoas em torno das iniciativas de ‘encontro’ promovidas pelo Papa parecem subsidiar a compreensão do desejo de presença”. (REIS, 2014, f. 64). Isto é, essa presença como experiência que retoma a dimensão espacial da existência humana, e também como uma reação de um cotidiano religioso, marcado ao longo dos séculos por uma relação cartesiana, sem demonstrações significativas de afetos entre um líder religioso e seus públicos.

Na área da linguística, destacamos a pesquisa de Dayane Sávia, de 2016, “Mídia e Religião: A construção dos imaginários sociodiscursivos referentes ao Papa Francisco nas notícias das revistas Veja e Carta Capital”. A pesquisadora tem como eixo central analisar a construção da imagem do Papa Francisco no jornalismo das duas revistas, a partir de imaginários sociodiscursivos. Aqui há uma identificação relevante com nossa pesquisa que perpassa a ideia de perceber imagens que são construídas a respeito do Papa Francisco a partir de um conjunto de elementos.

Na dissertação, Monteiro (2016) define como recorte temporal o período de março de 2013 a dezembro de 2014, e tem como referência conceitual a teoria semiolinguística. A

autora também trabalha com recepção, de modo a perceber como a sociedade tem recebido esse tipo de imagem. A análise da dissertação contou com a observação das especificidades relativas à linguagem que as revistas utilizaram para se referir ao pontífice, em que a autora percebeu uma certa oposição de posicionamento e tratamento dos acontecimentos envolvendo o papa.

Um destaque encontrado que nos parece importante observar, é que a partir de comentários do *Facebook*, a pesquisadora identificou a plataforma como um ambiente “fértil para a criação e disseminação de imaginários”. (MONTEIRO, 2016, f. 134). Outro aspecto interessante dessa pesquisa é que ao trabalhar com recepção, a autora aplica determinados métodos de análise que se assemelham ao que fazemos quando trabalhamos com um fenômeno em midiatização e com circulação de sentidos. Embora essas demandas conceituais não apareçam no trabalho de Monteiro, a análise dos comentários permitiu a percepção de como as revistas constroem as elaborações imagéticas sobre o papa e a Igreja Católica, assim como também observar “como essas imagens chegam ao público e quais efeitos podem causar no momento da recepção”. (MONTEIRO, 2016, f. 134).

Ou seja, esse processo de observação mais detalhado a partir da recepção, e uma resposta ou não das revistas, só é possível por conta de um ambiente digital que favorece esse tipo de interação, como é o caso do *Facebook*. Dessa forma, o conteúdo publicado não fica sob domínio apenas do que a revista publicou. Ele passa, sobretudo, a ser ressignificado e ganha outras conotações por parte dos atores sociais, e novamente quando retorna até a revista e ela se posiciona uma segunda vez. É nesse processo que a produção de sentidos circula, e potencializa a criação de imaginários diversos sobre um mesmo objeto ou assunto.

Dialogando com nossa pesquisa, também identificamos um site de rede social, no caso o *Twitter*, como um espaço que há maior disseminação de sentidos relacionados ao humor. No episódio em que o papa realiza o casamento em voo, os atores sociais passam a se apropriar de aspectos imagéticos para ironizar o ato, tanto relacionado ao papa, quanto ao casal de noivos. Os sites de redes sociais são espaços em que as próprias plataformas possibilitam a diversidade de interação, ofertando opções de comentários que não são possíveis em sites tradicionais. Assim, em plataformas como o *Twitter* e *Facebook* há maior incidência de comentários com memes, gifs e imagens, resultando em uma ampla diversidade de sentidos, logo, imaginários passam a ser construídos simbolicamente.

Destacamos o artigo “Acontecimento, celebridade e carisma: uma análise da imagem pública do Papa Francisco” de Paula Guimarães Simões e Juliana da Silva Ferreira (2015) na área da comunicação. Nesse trabalho as autoras observam a construção da imagem do Papa

Francisco a partir do programa Fantástico da Rede Globo, indicando como acontecimento a eleição do pontífice. As autoras se debruçam em fazer uma análise acontecimental, sendo perpassada pelo entendimento de que o carisma papal está atravessado pela performance.

Nesse sentido, se referem ao próprio papa como acontecimento a partir de duas dimensões: “o seu poder de afetação e o seu poder hermenêutico”. Para observar esses traços trabalham com o conceito de performance de Goffman (2013), que trata da performance enquanto desempenho dos participantes, e também analisam as atitudes do papa sob o olhar do carisma do ponto de vista de Weber (1979). Dessa forma, problematizam como o programa televisivo construiu a imagem do papa no imaginário social na visita ao Brasil em julho de 2013.

Nas considerações as autoras destacam que os valores compartilhados socialmente pelo papa são valores que estão relacionados à sua imagem pública, e por vezes são destacados pelos discursos que foram observados para construção de uma performance. São esses valores que mobilizam os fiéis de todos os credos, pois estão presentes em discursos “inflamados por mudanças e com atos inesperados de um chefe de igreja”. As pesquisadoras abordam ainda as demais questões discursivas que indicam para maior abertura do Papa Francisco com grupos e pessoas até então desconsiderados pela Igreja. Dessa forma entendem o Papa Francisco como o acontecimento: “um divisor de águas que aponta algumas mudanças na Igreja, enredada em problemas que devem ser contornados”. (SIMÕES; FERREIRA, 2015, p. 82).

Olhando as interfaces com a nossa pesquisa é possível dizer que há sim uma força acontecimental em torno da figura do papa, porém, em nosso caso observamos a construção de sua imagem a partir da circulação de sentidos, que se encontra em uma esfera que não engloba somente a produção jornalística. Nos debruçamos a olhar a imagem a partir da produção de sentidos que os circuitos interacionais constroem e acionam. Contudo, a ideia de performance trabalhada por nós está no sentido discursivo, isto é, de um modo de performar, de fazer, que vai além da ideia de desempenho performático do papa. Essa performance em questão é atravessada pela midiatização, e isso inclui uma performance com propósito de fazer circular um gesto, uma postura, uma forma de falar.

Nesse mesmo movimento, na área da linguística encontramos o artigo “Entre o acontecimento e a memória: discursos sobre o Papa Francisco em capas de revista de grande circulação”, de Fabio Elias Verdiani Tfouni (2016). Nele o autor mantém como foco na análise do discurso pêncheutiana para observar os discursos do pontífice em revistas. A partir disso, elenca se tais discursos podem ser considerados como acontecimentos. Os resultados do

trabalho indicam que há, sim, uma indicação por parte das revistas, em caracterizar os discursos como acontecimento acrescentando a espetacularização do papa.

Da mesma forma que o artigo anterior, esse foca no acontecimento jornalístico. Compreendemos a análise dos discursos do papa como elementos também interessantes, porém, em nossa pesquisa não nos detemos a observar detalhadamente os discursos do papa, mas os sentidos de seus discursos em determinados ambientes. O que, por sua vez, geram outros sentidos nos circuitos de fluxo adiante.

Por fim, destacamos o artigo da Marilena Inácio de Souza “Dos discursos do Papa Francisco à produção e circulação de pequenas frases: A construção do papa heterodoxo”, da área da linguística. A pesquisadora trabalha com a potencialidade que a combinação de meios de comunicação tradicionais e digitais têm de fazer circular pequenas frases. Para isso faz um recorte de enunciados do Papa Francisco extraídos de seus discursos e que ganham significativa relevância na mídia. Souza (2016) tem como objetivo identificar se a proposta hermenêutica do papa tem interferência na interpretação que é feita do que ele diz, e se isso já dá pistas interpretativas ao leitor.

O artigo aborda frases do papa que ganham repercussão por propiciarem debates e produções de sentidos variados. São questões que geralmente produzem alguma contradição dentro do próprio discurso da instituição.

Assim, as aforizações “Homossexuais não devem ser julgados e marginalizados”, “Não há fogo no inferno, Adão e Eva não são reais!”, “Não existe um Deus católico, mas um Deus”, “Cristãos não devem procriar como coelhos”; “Igreja não pode ser museu de memórias”, sugerem ao leitor a construção de uma imagem do papa Francisco como revolucionário e heterodoxo, que não apenas diz o que pensa, mas impõe, devido à posição de liderança que ocupa na Igreja, novos modos de ver e agir na sociedade. (SOUZA, 2016, p. 484-485).

Nesse sentido, Souza (2016) afirma que tais aforizações pertencem a uma sabedoria popular cristã, e que são discutidas por fazerem parte da materialidade do discurso do papa. Nesse sentido, também reforça que o discurso religioso está situado em um lugar de memória, sendo considerada como lugar de poder para se expressar. Assim, a mídia também pode ser considerada como “máquina de (trans)formar enunciados e produzir simulacros, na medida em que põe em circulação apenas os enunciados destacados e aforizações que afrontam um ensinamento da Igreja segundo o senso comum dos cristãos”. (SOUZA, 2016, p. 485). Segundo a pesquisadora, é justamente esse poder de transformar os enunciados que se constitui como simulacro ao apagar aquilo que poderia colocar sob suspeita.

Ressaltamos a importância da leitura dos trabalhos citados por conta da pertinência com nossa pesquisa, sobretudo no sentido de indicar ângulos de observações acerca do Papa Francisco. Como exposto, elencamos trabalhos pelo viés comunicacional e linguístico por conta da proximidade com os eixos de análise. Percebe-se que em todos os trabalhos o ponto de partida está calcado na postura do Papa Francisco, seja ela performática, seja comunicacional, e até mesmo carismática.

O que podemos identificar é que essas peculiaridades do Papa Francisco traduzem um novo modo de conduzir a instituição católica. Salientamos que a construção do caso a ser desenvolvido nesta pesquisa mantém como central a ação comunicacional do Papa Francisco, e não apenas sua figura de papa, e que as propostas acima nos impulsionam a perceber ângulos ainda não investigados. Em nossa observação, evidenciamos o caráter performático, no entanto, o que é considerado com ênfase é o embate de sentidos a partir do papa, com ele e sobre ele. Isso se expande para além dos espaços vinculados a Igreja Católica, por isso observamos o ângulo efetivo da circulação, característica essa que traz um ângulo de observação inovador em relação aos demais trabalhos. A partir do eixo da circulação, outra perspectiva é acionada, que é a perspectiva das imagens imateriais que acontecem com os sentidos em tensão. Ou seja, é um olhar voltado não apenas a imagens representativas, memes, gifs, etc., mas a imagens que emergem no discurso.

2 OBJETO EMPÍRICO EM OBSERVAÇÃO: IDENTIFICAÇÃO DOS PRINCIPAIS ELEMENTOS PARA A CONSTRUÇÃO DO CASO

2.1 COMO PENSAR O OBJETO DE PESQUISA?

Pensar o objeto de pesquisa pelo viés empírico, se abstendo de teorias pré-concebidas que nos cercam ao longo da vida acadêmica, é uma batalha epistemológica que precisa ser travada, e sobretudo, vencida. Para isso, nos propusemos a exercícios heurísticos tanto com o objeto de pesquisa, quanto para os direcionamentos teóricos. Assim, nos aprofundamos no aspecto empírico do objeto de pesquisa, com o propósito de observar os processos interacionais de dentro, ou seja, a partir de um olhar êmico. Foi dessa forma que passamos a capturar aspectos comunicacionais segundo as próprias lógicas do objeto, e não com lógicas externas.

Tal perspectiva configura-se como a abordagem etnometodológica dos fenômenos, em nosso caso fenômenos comunicacionais. A etnometodologia passou a ser trabalhada por Harold Garfinkel a partir de meados da década de 1940, e é compreendida principalmente como uma atitude do/a pesquisador/a. É um exercício de “retorno às próprias coisas”, em que se suspende os conhecimentos já pré-estabelecidos, e também as preocupações (RODRIGUES; BRAGA, 2014).

Há a necessidade de esclarecimento de que a etnometodologia não se trata de uma metodologia de pesquisa, em especial no nosso caso se trata de uma teoria/prática com ênfase heurística, que por meio da observação e de tentativas nos permite a descoberta. O seu propósito está enfaticamente em uma atitude, que é analisar os sentidos “que atores e agentes sociais atribuem à sua própria prática social”. (2014, p. 6). Ou seja, requer adentrar no campo de observação para perceber o que as pessoas dizem e o que elas fazem em cada situação. Para pensar a abordagem etnometodológica é preciso pensar os fenômenos de forma subterrânea, e abrir mão de tudo o que fere a observação.

No momento em que iniciamos uma pesquisa e já partimos com pressupostos, indícios e categorias, estamos filtrando a possibilidade de fenômenos a observar. Nos limitamos a nós mesmos. Uma das coisas que inquietaram o fazer da pesquisa a partir do olhar êmico foi observar as categorizações que usamos constantemente na atividade comunicacional, sem ao menos nos darmos conta desse processo. Por isso a necessidade da sutil arte de observar as materialidades, sejam elas verbais, gestuais ou mímicas. O mais interessante desse processo é o ato de questionar-se sobre tais categorizações apriorísticas, e com a prática êmica passamos

a refletir sobre as nossas próprias observações e atitudes. A partir desse exercício é que os *insights*, os tensionamentos, e principalmente os questionamentos começam a emergir. Ou seja, a pesquisa passa a ganhar outra direção e outro foco.

Paralelo a essas descobertas, as reflexões a respeito do paradigma indiciário organizadas por Ginzburg (1989) e retrabalhadas por Braga (2008) para o campo da Comunicação foram essenciais para entender que é o objeto que deve nortear uma pesquisa, e não os nossos pressupostos rígidos, calcados em teorias já consolidadas. O processo de imersão na pesquisa do objeto empírico fornece pistas e indícios que são fundamentais para a construção de inferências. Essas, por sua vez, fazem os primeiros conhecimentos produzidos terem significado científico.

Partirmos das concepções de Peirce (1887-1888)¹ sobre os processos inferenciais que podemos aplicar em uma pesquisa empírica, que o autor denomina de abdução, indução e dedução. Exemplificando, a abdução pode ser caracterizada como o processo em que o pesquisador se coloca no objeto, percebendo as formas com que os elementos empíricos o tocam. A partir disso é preciso deixar-se sensibilizar, pois é onde as perguntas emergem junto a inquietações que precisam ser olhadas à luz de pesquisas.

Para entendermos e sistematizar as inquietações é preciso organizar os observáveis, a fim de refletir sobre o que eles nos mostram. Porém, pensar dessa forma dá a impressão que são passos simples, e que é preciso simplesmente seguir um roteiro, mas o processo é complexo e permeado pelas dúvidas. Essa etapa não pode ser vista como um embargo ou com sentimento de paralisia. Ao contrário, são fases que são essenciais para as descobertas. Mas o que observar nos materiais? Como observar? O que é central no indício? Como fazer inferências? Como construir o caso? São indagações que surgem ao longo do trabalho, porém é um exercício que precisa ser praticado. Somente perguntando, descrevendo e inferindo é que podemos elaborar um método de observação.

Dessa forma é que buscamos estruturar o caso de pesquisa a ser trabalhado no percurso de mestrado. O objetivo é perceber como ele se constitui e apontar alguns métodos de observação utilizados para sua compreensão, que por sua vez, são descritos em partes, mas pensadas como peças de um conjunto.

De forma gradativa, a pesquisa em comunicação com os objetos empíricos do campo religioso tem se tornado constantemente produtiva, pois se trata de um cenário de sentidos complexos e processos comunicacionais importantes. O que despertou a problemática de

¹ Citadas em: VERÓN, Eliseo. Abdução fundante. In: VERÓN, Eliseo. Semiosis social II: ideias, momentos, interpretantes. Buenos Aires: Paidós, 2013.

análise foi a produção e circulação de sentidos em torno de falas, comportamentos e tensionamentos em torno da figura do Papa Francisco a partir das interações do campo midiático e dos atores sociais.

A pesquisa inicial² tinha como centralidade analisar a imagem do Papa Francisco sendo construída nas interações da circulação midiática. A partir dos processos de circulação, entendia que a postura mais aberta, participativa e acolhedora do pontífice suscitava um imaginário de acolhida. Contudo, depois de observações mais consistentes e sistemáticas, há um deslocar-se dessa categoria de “papa da acolhida” para perceber um conjunto de marcas e lógicas interacionais, sobretudo observadas em debates.

É nesse conjunto interacional que nos detemos a observar as especificidades de cada interação entre os participantes, identificando marcas, lógicas e operações enunciativas. Destas podemos perceber que há uma disputa imagética que se dá na produção de sentidos, ou seja, não são apenas imagens fotográficas (representações) que dizem características do que é uma imagem. Em nosso caso são debates e tensões que acionam imagens imateriais referentes ao Papa Francisco. Por isso não são elencadas categorias de imagens que aparecem nesse processo, mas percebemos o que é construído nos sentidos, inclusive porque as categorizações apriorísticas impedem o avanço da descoberta.

Essas processualidades serão observadas para dar conta de compreender o que aciona o processo de circulação de sentido. Para isso o movimento de desvendar o caso se dá a partir da percepção de lógicas, marcas e operações (VERÓN, 2004) presentes na superfície textual dos episódios. Nesse caso a produção de sentido expressa por Verón não pode ser percebida apenas em um momento, mas no todo. Ela acontece tanto em discursos relativos à produção, quanto nos discursos construídos pelo reconhecimento dos atores sociais.

Para percebermos as marcas discursivas é preciso observar propriedades expressas na superfície textual, que ao serem interpretadas podem indicar “traços de operações subjacentes”. Nesse sentido, um conjunto de marcas possibilita a construção de operações, que por sua vez indicam as condições de produção do devido enunciado, assim como efeitos de sentidos (VERÓN, 2004).

É a partir do estágio em que começamos a configurar operações com a observação das materialidades que o processo abduutivo acontece. Ou seja, a partir de rastros verbais ou não vamos montando operações, que também darão uma dinamicidade ao objeto, pois a produção de sentido acontece conforme as relações que fazemos. Dessa forma não é possível capturar

² Vinculada ao projeto de mestrado para ingresso no PPG em Ciências da Comunicação da Unisinos apresentado em outubro de 2016.

um único sentido nas interações entre as pessoas e, sim, vários sentidos, que em nosso caso vão se dar a partir do debate.

Consideramos como ponto de observação da pesquisa a entrevista coletiva concedida pelo Papa Francisco no voo de retorno do Rio de Janeiro em 2013 como um indício de inquietação. Isto é, a coletiva no avião revela lógicas diferenciadas de contato. Ao mesmo tempo identificamos dois episódios que se desencadeiam em circuitos a partir dessa coletiva, que é a frase dita pelo papa sobre os homossexuais e a problemática envolvendo o casamento de segunda união. São temas que se iniciam na coletiva e se ramificam fora dela. E a partir desses materiais surge um novo episódio: o casamento realizado pelo Papa Francisco no voo de retorno do Chile em janeiro de 2018. Nesse último episódio o avião retoma com marcas de um acionador da circulação.

A partir de Ginzburg (1989) podemos pensar que esse movimento de observar em profundidade os episódios é o que o autor chama de remontar às “operações”. Ou seja, que operações do pontificado ou da postura do Papa Francisco fazem com que eu chegue a determinadas observações? Fazendo uma apuração de acontecimentos envolvendo o Papa Francisco, que marcas me levam a observar a complexidade dos processos comunicacionais?

Tais questionamentos são urgentes para a elaboração do caso, a ser formulado posteriormente. No primeiro momento de descrição das materialidades fez-se um apanhado descritivo pontuando onde, e em que circunstâncias tais marcas e lógicas são percebidas. Quer dizer, ao observarmos um discurso ou interações entre participantes, não nos é dado elementos prontos do que pode ser considerado como operação, mas é justamente a partir da percepção de marcas na superfície enunciativa, e lógicas interacionais daquele determinado contexto que então passamos a construir operações. A partir desse conjunto passamos a identificar as operações que serão os eixos norteadores da construção do caso.

2.2 Campo de observação

Para apreendermos as especificidades do objeto empírico, fazemos uma breve descrição dos momentos escolhidos já indicando marcas e lógicas interacionais tanto do Papa Francisco, como da mídia profissional e dos atores sociais. Neste item a descrição está organizada pela ordem de acontecimento dos episódios, sendo examinados detalhadamente no capítulo de análise.

Os meios de comunicação selecionados para extrair os objetos empíricos são: pela esfera institucional o portal oficial do Vaticano *Vatican News*, e o site ACI Digital e seus

respectivos sites de redes sociais;³ pela mídia tradicional⁴ (Veja, Folha de São. Paulo e G1), também a partir dos sites de redes sociais; e por parte dos atores sociais (Página Diversidade Católica no *Facebook*), e as interações dos próprios atores sociais nas esferas institucionais e tradicionais. Mesmo havendo essa escolha, em alguns momentos fazemos a inserção de materiais de outros meios de comunicação.

Para chegarmos a essa seleção de três momentos importantes no pontificado de Francisco, fizemos diferentes movimentos de observação conforme se desenvolvia a pesquisa. Inicialmente as ocasiões envolvendo o Papa Francisco eram observadas sob o eixo do carisma e acolhida dele para com determinadas classes da sociedade. Em seguida passamos a sistematizar tais momentos sob o olhar das minorias apenas, como por exemplo, quando o pontífice se dirigia aos pobres, às mães solteiras, homossexuais, recasados e imigrantes. Nessa etapa determinadas características comunicativas de Francisco nos inquietaram, assim como a forma de resposta da sociedade para casos considerados mais polêmicos.

Assim, os três episódios escolhidos, que serão analisados de forma individual a seguir, nos trazem indícios de uma forma singular de comunicar do Papa Francisco assim como uma postura de organizar o debate social. Do mesmo modo, esses episódios são marcados pelo intenso debate da sociedade em sites de redes sociais e na mídia em geral. Nos três casos o que é enfático é a forma como os sentidos passam a ser transformados a partir de falas ou ações do papa, que ao serem lançadas à sociedade vão tomando outros lugares, que não mais aquele inicial. Nesse estágio não é mais olhado apenas para questões positivas em relação ao Papa Francisco, mas justamente a essas transformações de sentidos que acontecem no debate e na circulação midiática.

A escolha desses episódios citados se deu em função de apresentarem características interacionais que formam circuitos, ou seja, não se trata apenas da circularidade desses materiais na mídia e entre os atores sociais, mas dos tensionamentos e disputas de sentidos envolvendo a figura pontifícia. Os episódios representam momentos do pontificado de

³ De acordo com Sá e Polivanov (2012, p. 20), a nomenclatura sites de redes sociais dizem respeito a uma combinação de vários modos de comunicação. Sendo assim, elencam três aspectos sociocomunicativos enquanto caracterizadores dos sites de redes sociais: “(1) a visibilidade dirigida dos sujeitos online; (2) a articulação de suas redes de contatos (os outros sujeitos com os quais compartilham a conexão em um determinado sistema); e (3) a utilização em um único espaço de diversas formas de comunicação (que permitem a troca de conteúdos textuais, imagéticos, audiovisuais etc.)”. As autoras enfatizam que a centralidade desses sites está relacionada ao aspecto social, ou seja, das interações entre “interagentes” com suas múltiplas intencionalidades.

⁴ A expressão “mídia tradicional” significa que o conteúdo jornalístico trazido como empírico é recorrente de instituições midiáticas tradicionais, configurado dessa forma não pelo suporte como rádio, tv, jornal impresso, mas porque segue padrões jornalísticos, econômicos e empresariais que ditam o seu funcionamento. No nosso caso, entendemos que esses meios, mesmo em suporte digital seguem essas mesmas regras. A escolha das instituições citadas se dá também por serem consideradas como de referência

Francisco que envolvem arranjos e especificidades comunicacionais a partir de temas sociais acionados em seus discursos, que por sua vez são confrontados com questões doutrinárias e dogmáticas. Tais discursos provocam uma disjunção que vai do nível mais alto da hierarquia católica, até os atores sociais sendo eles católicos ou não. Esses problemas comunicacionais entre a Igreja Católica e a sociedade a serem geridos são o central em nossa pesquisa, e são identificados com a materialidade dos episódios.

2.2.1 Os episódios: Da coletiva no voo em 2013 ao casamento no avião em 2018

O primeiro contato do Papa Francisco com os jornalistas que o acompanhariam na viagem ao Brasil em 2013⁵ aconteceu no dia 22 de julho, portanto antes da coletiva oficial concedida no voo de retorno a Roma. De acordo com uma matéria publicada no Portal Terra,⁶ o papa iria se reunir com cada um dos jornalistas no avião, e o site traz a fala do porta-voz do Vaticano, padre Federico Lombardi que explica que Francisco quis “*fazer de maneira diferente o tradicional encontro com jornalistas*” no avião.

O site explica que a notícia desse encontro do papa com os jornalistas foi dita em uma coletiva com Federico Lombardi⁷ antes da viagem ao Brasil. O porta-voz se reporta aos jornalistas esclarecendo o pedido do Papa Francisco, que solicitou se encontrar com os jornalistas de modo diferente do habitual, sem que levassem perguntas, mas estivessem disponíveis para um “*encontro*”, “*sem a fórmula de perguntas e respostas*”.

Já a primeira coletiva de imprensa concedida pelo Papa Francisco aos jornalistas que o acompanhavam na viagem foi em 28 de julho de 2013 no voo de retorno do Rio de Janeiro para Roma. Alguns dos temas abordados pelos jornalistas na coletiva com o Papa Francisco em 2013 são considerados polêmicos, pois tratam de discussões emblemáticas que são tensionadas no campo social. Durante a entrevista surgiram os seguintes temas: homossexualidade, casamento de segunda união, o papel da mulher na Igreja, aborto, escândalos institucionais como pedofilia e *Vatileaks*.⁸

Figura 1 – Íntegra da coletiva no voo de retorno do Brasil

⁵ A visita do Papa Francisco ao Brasil aconteceu de 22 a 28 de julho de 2013, por conta da Jornada Mundial da Juventude no Rio de Janeiro, RJ.

⁶ Disponível em: <<https://bit.ly/2xKg9nA>>. Acesso em: 20 nov. 2017.

⁷ Federico Lombardi foi Diretor da Sala de Imprensa da Santa Sé no período de 2006 a 2016, mais conhecido como Porta Voz do Vaticano. Atualmente recebe o título de Diretor Emérito da Sala de Imprensa da Santa Sé. Em função disso, acompanhava os papas quando em contato com a imprensa.

⁸ Íntegra da coletiva no site da Santa Sé. Disponível em: <https://bit.ly/2LdTX6Q>. Acesso em: 20 nov. 2017.



Fonte: Santa Sé.

Identificamos que mesmo sendo considerada uma coletiva oficial a Igreja usa da nomenclatura “*encontro do Santo Padre com os jornalistas*”. Ou seja, ela transforma o sentido de uma tradicional “obrigação” a ser considerada como uma forma de contato humanizada, além de minimizar o tom institucional e formal desse evento, para transformar em um tom mais amenizado de encontro. Isso está relacionado ao que o Papa Francisco pede aos jornalistas na primeira conversa indo ao Brasil. Enquanto pontífice, o desejo de Francisco é que seja um encontro sem formalidades e é essa interação não-formal que passa a ser oficializada.

A partir desse encontro no voo de retorno observamos que quando a mídia tradicional passa a se referir a coletiva, sendo nessa modalidade um aspecto inaugural do Papa Francisco, o que reverbera é a frase dita pelo pontífice na resposta sobre os homossexuais. O tema acerca da homossexualidade se deu com a pergunta dirigida ao papa pela jornalista Ilze Scamparini, correspondente da Rede Globo na Itália. Seu questionamento foi a respeito do caso do Monsenhor Ricca, e em seguida a jornalista pergunta sobre a questão da *lobby gay*.

O trecho da reposta do papa: “*Se uma pessoa é gay e busca o Senhor, e tem boa vontade, quem sou eu para julgar?*”, gerou desdobramentos em variados circuitos de atores sociais e meios múltiplos, em que se percebe posicionamentos tensionadores, não só sobre a figura do pontífice, como também entre as interações dos próprios atores sociais, que serão vistas adiante.

Por parte da esfera institucional temos a publicação em relação ao tema de destaque da entrevista no site ACI Digital, que se caracteriza como um serviço de notícias vinculado à Igreja Católica, composto pelas publicações da *Catholic News Agency* e *ACI Prensa*. A publicação é do dia 30 de julho de 2013, dois dias após a coletiva.

O site ACI Digital traz um posicionamento a respeito da fala do Papa Francisco sobre os homossexuais, dando ênfase que a resposta do papa estava fundamentada no que diz o Catecismo da Igreja Católica⁹. Por isso no corpo do texto há uma cópia literal do documento em que explica que a homossexualidade é considerada como depravação, isto é, como pecado.

O site reitera a parte da fala do papa em que ele justifica sua frase de respeito com o que está no Catecismo: “*O Catecismo da Igreja Católica explica isso muito bem, dizendo – esperem um pouco... como diz... -: «Não se devem marginalizar estas pessoas por isso, devem ser integradas na sociedade»*”. Ou seja, o que está em destaque é um operador textual de reafirmação das normas da Igreja Católica.

Trazendo o posicionamento da mídia tradicional, observamos uma matéria na Folha que faz uma análise da entrevista, escrita por Reinaldo José Lopes e com a seguinte manchete: “*Análise: Francisco muda ênfase, mas não conteúdo de doutrina sobre gays*”¹⁰. Na manchete identificamos marcas indicando o posicionamento do jornalismo, ou seja, nesse texto não há apenas o relato do acontecimento, mas uma análise da proposição do Papa Francisco. Assim, o autor coloca a resposta de Francisco como algo já dito, mas que pode ter significativa importância a repercussão da fala pelo viés da misericórdia. No mesmo sentido da análise feita pela Folha, os comentários dos atores sociais indicam um teor de debate, sendo que a instituição não chega a ser questionada, mas sim a iniciativa de se buscar aprovação religiosa para a homossexualidade.

Também no dia 29 de julho, o Portal G1 faz uma publicação com a seguinte manchete: “*Declaração do Papa Francisco sobre gays gera reações*”¹¹. No texto é destaque o fato de que, pela primeira vez um pontífice fala abertamente sobre os gays, assunto que se manteve sempre silenciado por parte da Igreja. Há uma escolha por parte do jornalismo que reforça a construção de crítica, de que a mudança foi só no discurso. Na matéria também há a produção de sentidos diversos a partir dos atores sociais, em que quase a totalidade das opiniões são divergentes com o discurso do papa. No primeiro comentário, por exemplo, há o questionamento sobre o lugar de fala do jornalismo quando o ator social fala que “*O Papa*

⁹ O Catecismo da Igreja Católica é um documento de referência para o ensino da fé e da doutrina católica.

¹⁰ Disponível em: <https://bit.ly/2sR0ihI>. Acesso em: 20 nov. 2017.

¹¹ Disponível em: <https://glo.bo/2JeKCv0>. Acesso em: 20 nov. 2017.

evitou cair na esparrela do repórter e dizer claramente o que todo mundo sabe". A palavra "esparrela" indica que o jornalista faz uma armadilha na pergunta, com intuito de pressionar a resposta do pontífice.

Nos comentários reverbera uma vasta produção de sentidos, que liderada por Francisco traz muitos questionamentos à instituição. Há um embate discursivo, em que prevalece o tensionamento entre o posicionamento institucional a respeito do tema da homossexualidade, e o posicionamento externo envolvendo os meios de comunicação e os atores sociais midiaticizados. Esta produção é o resultado da circulação dos discursos e ações do papa que vão sendo ressignificados, e que serão exploradas detalhadamente no capítulo de análise.

Avançando, fazemos a imersão nos circuitos interacionais que surgem acerca do tema do casamento de segunda união. Este se caracteriza pela complexidade agonística e pela atemporalidade, pois perpassa os primeiros quatro anos do pontificado de Francisco, podendo ser constituído por fases a respeito de algumas decisões do papa. O primeiro momento é na coletiva em 2013, em seguida passa a ser comentado no Sínodo dos Bispos¹² em outubro de 2014; em agosto de 2015 o papa lança um documento que altera as normas da anulação do casamento; o tema segue no Sínodo dos Bispos de outubro de 2015; como resultado dos dois Sínodos é lançado um documento sobre especificidades das famílias, em especial às não tradicionais. Para a descrição nos deteremos aos principais destaques, fazendo uma observação detalhada na análise dos materiais. Consideramos que a coletiva em 2013 se torna um elemento, ou um primeiro contato com o Papa Francisco, cujas respostas às intervenções jornalísticas possibilitam perceber pistas de como os temas citados seriam abordados pelo papa dali em diante.

A primeira vez que o tema a respeito do casamento de segunda união surge foi também na coletiva no voo de retorno do Brasil em 2013. Durante a entrevista o correspondente do *Corriere della Sera*, Gian Guido Vecchi, dirigiu a pergunta ao Papa Francisco questionando-o sobre a possibilidade de divorciados católicos voltarem a receber os Sacramentos da Igreja, se era possível alguma mudança na doutrina da instituição. Em resposta, o pontífice usando da explicação da misericórdia diz que a Igreja deve ir em busca de todos, e por isso é "*necessário estudar isso na totalidade da pastoral do matrimônio. E por*

¹² Sínodo é uma reunião convocada pela autoridade religiosa em questão. Nesse caso é o Papa Francisco que convoca os Bispos, e é um tipo de reunião que pode acontecer em qualquer religião.

isso é um problema”¹³. Na continuidade da fala o pontífice afirma que estão a caminho de uma pastoral do matrimônio mais profunda, e dessa forma explica as situações em que acontecem as anulações do casamento e como é considerada uma questão complexa.

O tema sobre divorciados e casamento de segunda união, presente na coletiva, é destacado pelo Jornal Nacional em uma reportagem com um resumo dos principais temas tratados no avião¹⁴. A reportagem é da correspondente Ilze Scamprini que indica os principais temas, e dentre eles fala da pergunta do correspondente Gian Guido Vecchi. Na reportagem a jornalista comenta: *“Para os divorciados que se casaram de novo, e que não podem comungar, o papa abriu uma esperança”*. Aqui há uma marca do jornalismo fazendo a reelaboração da entrevista.

A jornalista trabalha com o indicativo de uma possibilidade de mudança relacionada a doutrina da Igreja, sendo que esta estabelece como regra que pessoas divorciadas não podem receber o Sacramento da Comunhão. No momento em que o Jornal Nacional faz esse resumo dos temas abordados na coletiva, ele elenca a resposta sobre divorciados e recasados como importante, dando a premissa de que é um tema que será reavaliado pelo Papa Francisco. Além disso, o jornal insere o tema na pauta social e conduz o telespectador a uma imagem do papa que não nega de entrar em assuntos delicados; ao mesmo tempo, passa a pressionar o papa sobre o seu fazer, já que este reverbera.

Em detrimento dessa possível “promessa” de haver uma revisão de uma pastoral do matrimônio mais avançada, nos anos seguintes de pontificado identificamos quatro momentos em que o assunto surge novamente, constituindo circuitos que não se fecham. Esses circuitos passam a constituir uma gama de sentidos a partir da mídia tradicional e dos atores sociais. Em outubro de 2014 o tema é pautado na III Assembleia Geral Extraordinária do Sínodo dos Bispos¹⁵, que ao final é divulgado pelo papa um documento contendo o relatório das reuniões.

A partir das proposições do Papa Francisco no Sínodo de 2014, a Folha traz uma coluna¹⁶ levantando falas críticas de conservadores da Igreja direcionadas a Francisco. O colunista aponta falas de um bispo americano publicadas em seu blog, em que o religioso critica os posicionamentos do papa em relação a temas polêmicos. O colunista destaca a seguinte frase: *“O papa Francisco diz que gosta de fazer bagunça. Bem, missão cumprida”*.

¹³ Encontro do Papa Francisco com jornalistas no voo de retorno do Rio de Janeiro em 28 de julho de 2013. Disponível em: <https://bit.ly/2LdTX6Q>. Acesso em: 20 nov. 2017.

¹⁴ Disponível em: <https://globoplay.globo.com/v/2723075/>. Acesso em 20 nov. 2017.

¹⁵ “A palavra “sínodo” vem de duas palavras gregas: “syn”, que significa “juntos”, e “hodos”, que significa “estrada ou caminho”. Logo, o Sínodo dos Bispos pode ser definido como uma reunião do episcopado da Igreja Católica com o Papa para discutir algum assunto em especial, auxiliando o Santo Padre no governo da Igreja” (Canção Nova). Disponível em: <https://bit.ly/2JpHtMb>. Acesso em: 20 nov. 2017.

¹⁶ Disponível em: <https://bit.ly/2kuftZV>. Acesso em: 20 nov. 2017.

De acordo com a Folha, a explicação sobre a “*bagunça*” que o Papa Francisco diz fazer tem a ver com “*interpretações distorcidas*” das falas do pontífice. Nesse caso começam a aparecer as primeiras manifestações de desagrado de pessoas de dentro da instituição, quer dizer, uma nova tensão entra em jogo: membros da Igreja passam a se manifestar contrários às atitudes do papa, líder da instituição. Na matéria, o colunista relaciona que as críticas em relação ao papa cresceram em função do Sínodo de 2014, em que os principais temas foram a necessidade da Igreja de acolher os gays, e também, opções positivas para as uniões não abençoadas pela Igreja.

Em agosto de 2015 o assunto da comunhão de recasados retorna entre os atores sociais e a esfera midiática, quando da publicação de uma Carta Apostólica. Francisco divulgou o documento em 15 de agosto com o assunto central direcionado a reforma do processo canônico para as causas de nulidade matrimonial no Código de Direito Canônico.¹⁷

O portal G1 trouxe a notícia com a seguinte manchete: “*Papa simplifica procedimentos para anulação de casamentos*”, o que gerou 506 comentários. No *Facebook* o portal publicou o mesmo material e também gerou muitas reações. O destaque dessas reações são o número de vezes que os próprios comentários deram origem a outros, como mostra na Figura 2. São circuitos que se sobrepõem e se mesclam, dando uma variedade tal ao tema em questão que, inclusive, se desvinculam do sentido primeiro. Ou seja, os sentidos se autonomizam não só no que diz a mídia, mas também no que o Papa Francisco fala originalmente, ganhando novas nuances no espaço da circulação.

¹⁷ Carta Apostólica em forma de «Motu Proprio» sobre a reforma do processo canônico para as causas de declaração de nulidade do matrimônio. Disponível em: <https://bit.ly/2HhUBOh>. Acesso em: 20 nov. 2017.

Figura 2 – Comentários na publicação do G1 no *Facebook* a respeito do processo de anulação do casamento



Fonte: *Facebook* G1.

Observamos que logo abaixo do primeiro comentário há 54 respostas, e ao abrir para visualizar todos os comentários há uma disputa entre opiniões que consideram a atitude do Papa Francisco como algo contra os preceitos Bíblicos, e comentários que criticam as opiniões conservadoras, contrárias às mudanças na doutrina. Nos comentários acima há um que elogia o Papa Francisco por buscar a “*felicidade de todos*”, assim como há o comentário que chama atenção de pessoas que opinam sem saber a fundo do que se trata. Ou seja, o ator social chama atenção dos demais para a matéria dizendo: “*Ele só simplificou, mas as regras não mudaram*”.

Percebemos uma marca textual com a tentativa de retomar o sentido da publicação do portal G1. Há a incidência de diálogos e tensionamentos também entre atores sociais que se dizem evangélicos e católicos, colocando em jogo as diferentes doutrinas das instituições: “*esses evangélicos falam tanto em respeito, mas são os primeiros a criticar a crença alheia. Se não for evangélico, logo não presta, é idólatra, ateu, macumbeiro, etc, etc e está condenado ao "inferno"*. Ou seja, o assunto que inicialmente era sobre a reforma nas normas

do Código Canônico passa a formar outros sentidos, ligados ou não com o que foi proposto pelo portal G1.

Ainda em 2015, um novo evento dá continuidade aos circuitos envolvendo o tema do casamento de segunda união. Em outubro o Vaticano apresenta o relatório final da XIV Assembleia Geral Ordinária do Sínodo dos Bispos¹⁸ com o tema voltado a família.

Em matéria veiculada pelo Jornal nacional, assim como o texto da reportagem em vídeo que aparece, iniciam dessa forma: “*No último dia do Sínodo da Família, nenhum acordo entre conservadores e reformistas para uma abertura ampla na Igreja*”¹⁹. O texto faz apontamentos de alguns temas tratados no Sínodo a partir da fala do cardeal Christoph Schönborn, reiterando que o documento pode desagradar algumas pessoas por não ter sido feito nenhum avanço em relação aos homossexuais. Mas indica que sobre a integração dos divorciados houve um pequeno avanço.

O que também aparece na matéria é que o Papa Francisco ficou insatisfeito com os conservadores da Igreja, e os criticou ao dizer que “*os líderes da Igreja devem enfrentar as questões sem medo e sem esconder a cabeça na areia*”. Aqui novamente aparecem marcas de tensões internas na instituição. Dessa vez há uma pressão por parte do papa em não ter aliados para as transformações, o que também indica lógicas de contato e de liderar de Francisco.

Em março de 2016 o Vaticano anuncia a publicação da Exortação Apostólica Pós-Sinodal *Amoris Laetitia* (Alegria do Amor)²⁰. O documento reúne um texto de fechamento dos dois últimos Sínodos dos Bispos, realizado em 2014 e 2015, ou seja, é a posição da instituição Católica em relação ao tema da família, e sobretudo sobre a questão dos processos em caso de casamento de segunda união.

A partir do meio de comunicação oficial da Igreja Católica no *Facebook*, o *Vatican News*, há várias publicações encontradas sobre a exortação. Com a fusão dos meios de comunicação em apenas um canal, identificamos que muitos materiais se perderam não sendo encontrados no site, o que conseguimos captar são as publicações da página no *Facebook*.

As principais postagens se referem ao anúncio da publicação da Exortação, a uma entrevista com o Papa Francisco sobre o conteúdo do documento, e por último, um ano depois, a postagem da retomada do lançamento da Exortação, dando ênfase ao aniversário de um ano de publicação. O circuito está justamente nesse elemento de retomada, o que também segue gerando reações dos atores sociais. O fato de a instituição retomar o tema em forma de

¹⁸ XIV Assembleia Geral Ordinária - A vocação e a missão da família na Igreja e no mundo contemporâneo. relatório final do Sínodo dos Bispos. Disponível em: <https://bit.ly/2LVVznh>. Acesso em 20 nov. 2017.

¹⁹ Disponível em: <https://glo.bo/2LXP570>. Acesso em 20 nov. 2017.

²⁰ Disponível em: <https://bit.ly/1Xlj3AS>. Acesso em 20 nov. 2017.

comemoração também indica marcas da importância do documento, e mesmo um ano depois os atores sociais acionam o debate gerando sentidos novos, e conseqüentemente, novos processos agonísticos.

Figura 3 – Comentários das publicações do *Vatican News* no *Facebook*



Fonte: Comentários na página *Vatican News* no *Facebook*.

Percebe-se que na produção desse circuito os sentidos se espalham, em ocasiões até contradizendo o que o próprio papa declara nos documentos, como cita o portal G1 em matéria²¹. A reportagem tem foco para o que o Papa Francisco pede no documento, nas palavras do G1: “Ele pediu aos sacerdotes de todo o mundo aceitar gays e lésbicas, divorciados católicos e outras pessoas que vivem em situações que a igreja considera

²¹ Disponível em: <https://glo.bo/23ogO3y>. Acesso em 20 nov. 2017.

irregulares”. Aqui há a presença do jornalismo produzindo sentido ao chamar as situações como *“irregulares”*, ou seja, está indicando um julgamento. Em seguida são descritos os detalhes estruturais do documento, e abordado como o Papa Francisco menciona a forma que os casos particulares em que a doutrina não se aplica devem ser tratados.

Meses depois da Exortação Apostólica Pós-Sinodal ter sido publicada e debatida, uma matéria da Folha, com informações da BBC, aponta que um grupo de cardeais acusaram o Papa Francisco de *“heresia”*²².

A matéria inicia com uma montagem das fotos dos cardeais que são indicados no texto como autores das acusações ao Papa Francisco. A iniciar pela manchete, já podemos identificar na palavra *“rebeldes”* um posicionamento da mídia tradicional contrário à atitude dos cardeais. Sobretudo pela forma que a imagem foi montada, com imagens de perfil de cada um dos cardeais, o que ressalta o sentido de acusação. Quer dizer, é uma posição que não diz respeito ao papa, mas aos que o criticam.

No texto, o jornal traz o que essa manifestação dos cardeais representa aos olhos do público, explicando que os cardeais questionam decisões que já foram tomadas por papas anteriores. A Folha indica ainda, que o grupo nega que seja um *“ataque ‘conservador’ contra setores ‘progressistas’ da Igreja, ou uma ‘tentativa de fazer política’ ou de se rebelar contra o papa”*. Logo abaixo há indicações que essas acusações partem de indícios políticos envolvendo setores conservadores e progressistas da instituição Católica.

Aqui o caso é levado adiante novamente por ser algo que surge meses depois da publicação da Exortação Apostólica. Os indícios direcionam para um posicionamento da mídia tradicional de *“não deixar morrer”* o assunto, sobretudo por ser uma posição contrária a uma hierarquia da Igreja Católica que se dispõe contra o Papa Francisco.

O próximo episódio a ser descrito é selecionado para pesquisa em função de trazer novamente o contexto do avião, quer dizer, é mais uma atitude significativa do Papa Francisco em voo. Essa atitude também pode ser caracterizada como um aspecto social, porque diz respeito a um processo interacional que confronta as posições doutrinárias da Igreja Católica e a prática da sociedade. Nesse cenário também são percebidas operações de circulação importantes, e que remetem às lógicas interacionais do Papa Francisco em voo. Retomaremos os detalhes adiante.

Entre os dias 15 e 22 de janeiro de 2018 o Papa Francisco fez uma Viagem Apostólica ao Chile e ao Peru. No dia 18, no voo entre Santiago-Iquique, o Papa Francisco celebrou o

²² Disponível em: <https://bit.ly/2L15cL9>. Acesso em: 20 nov. 2017.

casamento dos comissários de bordo Paula Podest Ruiz e Carlos Ciuffardi Elorriaga. A partir disso a Igreja Católica se pronunciou no portal oficial do Vaticano, o *Vatican News*, a respeito do fato em todas as suas plataformas midiáticas.

No site institucional a publicação sobre o casamento é breve, contendo uma foto, um texto explicativo com algumas falas do diretor da Sala de Imprensa da Santa Sé, Greg Burke, e um vídeo com a fala do casal que está vinculado ao *Youtube*. Nessa matéria não há espaço para comentários.

O mesmo texto é publicado na página da instituição no *Facebook*, porém na plataforma há os comentários dos atores sociais. Nos comentários podemos observar a incidência de repostas entre os próprios atores sociais, gerando disputas de sentidos relacionadas ao caso. Isso ocorre, por exemplo, quando um ator social comenta o seguinte: “*Cuidado em pintar o Papa e também Jesus como um revolucionário de esquerda, contrário às leis e às instituições*”. Os comentários relacionam a atitude do papa com a política, e até mesmo chegam a compará-lo a Jesus.

Na mídia tradicional o casamento realizado pelo Papa Francisco no avião teve notável importância, sendo percebido no *Facebook*, *Twitter* e nos sites dos três portais observados. A Folha traz uma matéria²³ sobre como o casamento aconteceu. Tal matéria é uma espécie de resgate dos momentos vividos no avião em uma tentativa de realizar o casamento de novo, desta vez, diante dos olhos do leitor. Para isso, recorre a um jogo de imagens evidenciando o antes e o depois. Outra marca textual que o meio de comunicação se vale é inserir uma postagem do *Twitter* de uma jornalista com a foto do documento que foi assinado pelo papa legalizando a união religiosa.

Algumas marcas desse caso se diferem dos demais pelo uso de imagens, que são acionadas várias vezes em comentários no *Twitter*. Há uma foto em primeiro plano do casal se beijando, e também memes com a foto do Papa Francisco, e opiniões mais controversas ao que encontramos na postagem institucional do *Vatican News*.

²³ Disponível em: <https://bit.ly/2xFYA80>. Acesso em: 10 fev. 2018.

Figura 4 – Comentários no *post* do G1 no *Twitter*

Fonte: *Twitter* G1 (@g1).²⁴

²⁴ Disponível em: <https://twitter.com/g1/status/953996268250062848>. Acesso em: 10 fev. 2018.

Nesse *post* no *Twitter* também há um tensionamento mais visível, em que o ator social comenta que “*Esse papa ta transformando a igreja católica num circo, onde ele é o palhaço e qualquer local é um picadeiro*”. Ou seja, percebemos o *Twitter* como um espaço com maior proliferação de sentidos múltiplos a respeito da circunstância, sobretudo um espaço de questionamento da imagem do Papa Francisco e da própria instituição católica.

No dia 22 de janeiro, poucos dias após o episódio do casamento, a página católica ACI Digital faz a seguinte postagem no *Facebook*: “*Você conhece alguém que criticou o Papa por este gesto? Francisco explicou aos jornalistas porque agiu assim...*”, e logo abaixo da foto tem a seguinte manchete da publicação: “*“Estavam preparados”*”: Papa responde às críticas sobre casamento realizado em pleno voo”²⁵.

Aqui identificamos que a esfera institucional, representada pela ACI Digital, dá ênfase a uma pergunta que remete a casos que possam surgir a órgãos menores da hierarquia da Igreja, como os padres, por exemplo. Sendo um casamento realizado em um avião pelo papa, há a possibilidade de que pedidos parecidos cheguem até os padres. Inclusive o próprio pontífice se explica, dizendo que cumpriu com a obrigação de questionar o casal legitimando sua prática.

A partir das materialidades descritas podemos identificar que os casos isolados possuem especificidades, mas o que nos interessa é analisar as relações entre eles. Ou seja, perceber os sentidos em circulação, e como as relações interacionais estão ali imbricadas. São apontamentos adensados no capítulo de análise.

2.3 Plano de investigação: A sistematização do caso de pesquisa

O conjunto das materialidades descritas indicam as agonísticas e as disputas argumentativas entre todos envolvidos nas interações. Esse aspecto é o que centraliza a urgência de resposta ou de tentativa de gerenciamento desses debates por parte do próprio Papa Francisco. Ou seja, ao trazer as especificidades dos episódios, percebemos as tensões entre uma comunicação institucional católica, que se dá por meio do Papa Francisco, com outros âmbitos comunicacionais voltados à sociedade (a fala da mídia tradicional e as interações dos atores sociais). Podemos “nomear” como problemas comunicacionais essas disputas interacionais que acontecem dentro da própria Igreja Católica, e também a partir do debate da sociedade. Essas tensões são evidentes em questões sociais (homossexuais, união de recasados, casamento fora dos “padrões”), que colocam em debate as doutrinas da Igreja, e

²⁵ Disponível em: <https://bit.ly/2HgNeXF>. Acesso em: 10 fev. 2018.

consequentemente, a imagem do papa; ao serem questionados por pessoas externas à Igreja, geram um problema a ser gerido, o que é inevitável em uma sociedade em midiatização em que há uma necessidade e um apelo por respostas por parte da Igreja.

Nesse caso, quem faz esse diálogo intermediador é o Papa Francisco. O pontífice precisa manter o discurso da instituição a qual lidera, e ainda abarcar as demandas sociais que precisam ser repensadas. Os episódios selecionados tratam de conflitos sociais potencializados pela circulação. Tais conflitos demandam uma postura tanto da Igreja, quanto do Papa Francisco, e da sociedade que se vê imbrincada em tais questões. São processualidades, que ao se constituírem na circulação midiática, acionam sentidos, tanto no que é publicado a respeito do Papa Francisco, como a forma com que as pessoas se apropriam de suas falas e as ressignificam.

Embora trabalhemos com três grandes ângulos comunicacionais para observar os episódios (midiático institucional católico, a mídia tradicional, e as interações dos atores sociais), destacamos que o modelo proposto por Verón (1997)²⁶ para pensar a não linearidade dos objetos em midiatização, caracteriza apenas um estágio do que é a midiatização. Contudo, este é um termo aberto, ainda em constituição, já que o fenômeno está em processo. Assim, não podemos elencar sua totalidade indicando estágios/etapas ou pontuá-lo como algo stricto. Desta forma, trabalhamos com características a partir de objetos empíricos que nos levem a uma compreensão do que se trata o conceito, contribuindo para sua formulação. Tal justificativa é necessária para explicar a apropriação do modelo analítico de Verón, sendo este mesmo modelo problematizado a partir das particularidades do nosso objeto empírico.

As esferas comunicacionais, nesse caso, particularizam um primeiro estágio do que está sendo investigado. Diante do exercício de abrir os episódios e perceber especificidades, as esferas interacionais se complexificam porque há microcircuitos diversos se colocando dentro dessa estrutura. Ou seja, fazem com que mídias, instituições e atores sociais se encontrem através de novos “feedbacks complexos” (VERÓN, 2004; 2013) que são levados adiante. O sentido da expressão de “levar adiante” significa dizer que as produções de sentidos, os circuitos midiáticos, as lógicas e operações, vão além de uma relação aparentemente simplista entre as três esferas. No entanto, lidar com estas instâncias nos

²⁶ A escolha por analisar as três esferas comunicacionais parte dos estudos de Verón (1997, p. 8), em que o autor entende a midiatização não como um processo linear de causa e efeito, mas a partir de uma complexidade que atravessa tanto instituições sociais, como as instituições que tem como centralidade a mídia, e os indivíduos. Assim, o autor chama os indivíduos de atores sociais no “sentido etimológico de membros de uma sociedade”, ou seja, são atores individuais que estão inseridos em relações sociais complexas, e não apenas como receptores passivos de informações. Neste trabalho optamos por seguir com a nomenclatura de atores sociais.

permite avançar no esquema de Verón, criando nossos próprios desdobramentos, sem, no entanto, negar sua importância enquanto ponto de partida.

Para esse novo processo de descoberta, de novas aberturas, as reflexões de Braga (2008) ao dialogar com Ginzburg (1989) a respeito do paradigma indiciário são retomadas, pois o autor reitera que mesmo o indiciário sendo próximo do que é concreto, não significa que se deva trabalhar somente com o empírico. Ou seja, os indícios não devem ser apenas quantificados e descritos, mas é preciso selecioná-los e organizá-los, a fim de que se produza inferências a partir deles. Dessa forma os modelos teóricos são trabalhados articulando as descobertas, dando abertura às possibilidades heurísticas. É a partir desse procedimento de análise que as materialidades nos levam a elaborar o caso, e nesse sentido noções já orquestradas foram desfeitas para observar e sistematizar os indícios, e reorganizá-los com base em suas especificidades.

Assim, ao examinar os episódios de forma separada, identificamos traços articuladores que delineiam o caso em formação. Como citado anteriormente, observamos as marcas discursivas presentes nas interações entre os participantes de cada circunstância. Com base nas observações dessas marcas foi possível identificar operações, que organizam eixos centrais a serem analisados no Capítulo 5. Portanto, neste trabalho nos interessa olhar para os seguintes eixos:

- a) **lógicas** interacionais operadas pelo Papa Francisco **no contexto da conversa de avião**. Identificar em que esse ambiente é representativo das lógicas do Papa Francisco;
- b) **circuitos** midiáticos que emergem das interações. Há um circuito primeiro originado com a fala do Papa Francisco, mas ao mesmo tempo vai gerar outros que se sobrepõem e entram em debate. Ou seja, há uma variedade de circuitos que derivam em disputas de sentido;
- c) o **modo como o papa pauta o debate** e tenta orquestrar o que estão falando a seu respeito. Para isso é necessário perceber o seu lugar de fala, e de que contexto fala. São as condições institucionais às quais o líder está submetido. Um dos aspectos centrais no caso é justamente a habilidade do papa para pautar o debate e manter sua pauta ativa. O pontífice age buscando produtividade agonística;
- d) a **agonística** enquanto problemas comunicacionais a serem geridos e também aquilo que é o processo comunicacional ocorrente: o debate, os tensionamentos. Nesse caso daremos especial atenção às táticas argumentativas dos participantes

das interações, que vai além de uma dualidade entre igreja e sociedade, pois há uma diversidade de posições, argumentos e táticas;

- e) **imagem em disputa** alicerçada na diversidade de sentido disposta na circulação midiática. Com o debate intenso presente nas interações dos episódios há uma forte produção de sentidos. Estes produzem imagens imateriais da figura do papa, que ora estão em tensão, ora estão construindo um imaginário social a seu respeito.

O desentranhamento do processo comunicacional corresponde a perceber operações e estratégias em cada episódio. Posto isso, essas operações são os eixos que irão compor a análise, sendo necessário substanciar que as operações não são resultado de uma análise. São, portanto, resultados das marcas textuais que nos apontam lógicas específicas tanto do papa como dos atores sociais envolvidos, sejam eles midiáticos ou não. Ou seja, é o processo comunicacional que caracteriza o caso no cenário da midiatização, com um clima de disputa difuso e heterogêneo.

2.3.1 Objetivos e Problema de Pesquisa

A construção do caso de pesquisa se articula a partir de processos agonísticos envolvendo ações comunicativas do Papa Francisco em etapas e acontecimentos do seu pontificado. Dessa forma, tais etapas suscitam uma sistematização de operações em decorrência de marcas e lógicas observadas nos debates, tanto a partir da forma como o Papa Francisco tenta orquestrar o debate social e institucional, assim como a própria sociedade articula e provoca novos debates sobre as falas do pontífice. Nessa perspectiva, o que é central no processo agonístico é justamente a ação comunicativa do Papa Francisco, em que são percebidas estratégias enquanto performance discursiva. Ou seja, para além da figura de Francisco enquanto líder religioso, o mais central no processo agonístico é o que o papa faz ou fala que acaba provocando os circuitos, muitos não pensados por ele, e que fogem da capacidade de controle.

O *corpus* sistematizado em episódios é marcado por acionamentos de circuitos de sentidos variados, materializados na circulação midiática entre os participantes das interações e o próprio papa. Na processualidade interacional em andamento, os circuitos originados no fluxo acabam gerando outros desdobramentos, e por consequência havendo uma sobreposição e imbricamento entre eles.

Sendo assim, o processo comunicacional em evidência é sobretudo a agonística, o debate nas mais variadas posições – cada uma com suas lógicas e especificidades

argumentativas. Por isso o problema de pesquisa se delimita da seguinte forma: **De que forma se manifesta a disputa de sentidos na circulação midiática de episódios que polemizam a relação Igreja-comunicação-sociedade? E como o Papa Francisco age sobre o contexto dos processos agonísticos dos participantes expressos nas interações?**

O objetivo geral da pesquisa se manifesta de acordo com a problemática, com a finalidade de perceber as especificidades e lógicas em que ocorrem os embates comunicacionais, e como o Papa Francisco articula tais discussões de forma a responder a todos os participantes e também a própria instituição católica. Na tentativa de responder a essa inquietação, elencamos os seguintes objetivos específicos:

- a) observar as lógicas e estratégias discursivas dos participantes nas interações agonísticas;
- b) examinar as gramáticas de produção e de reconhecimento que emergem no processo de circulação;
- c) investigar como o Papa Francisco redimensiona a agonística fazendo prevalecer sua própria organização de posições no debate;
- d) analisar, na disputa de sentidos, as formulações imagéticas sobre a figura do Papa Francisco e da própria Igreja Católica.

3 A TEORIA ACIONADA PELO OBJETO EMPIRICO

Neste capítulo trabalhamos com os direcionamentos teóricos que são acionados pelo objeto empírico da nossa pesquisa. É importante destacar que as proposições teóricas aqui abordadas se constituem mais como um movimento de fazer indicações conceituais que dialogam com a pesquisa. Entendemos o período do mestrado como uma etapa inicial para a imersão nas discussões epistemológicas avançadas, concentrando-se efetivamente na descoberta das complexidades empíricas. As teorias desse bloco são consideradas teorias de fundamentação, ou seja, oferecem questões de horizonte e âmbitos de inscrição do objeto, sobretudo por conta de o enfoque do trabalho estar voltado ao desentranhamento do comunicacional do objeto empírico. Fazer uso das teorias como questões de horizonte na pesquisa tem o objetivo principal evitar que essas teorias sejam utilizadas apenas explicações apriorísticas do objetivo de pesquisa.

Ao compormos o quadro teórico, posterior a uma atividade focada na observação empírica, a atividade de esmiuçar os conceitos se caracteriza como uma forma de exploração, e que exige um aprofundamento posterior. Dessa forma, enfatizamos que os conceitos abordados necessitam ser melhor aprofundados em projeto de doutoramento, mas da mesma forma entendemos que é exatamente esse o processo que dá continuidade à pesquisa. O mestrado torna-se uma primeira etapa em que isolamos uma determinada situação, e somos incentivados a pensar suas ramificações, processualidades, deixando que o objeto de pesquisa nos conduza a um desenvolvimento teórico. Isso justifica a escolha do título para esse capítulo: as teorias apresentadas aqui são requeridas pelas especificidades do empírico.

A partir desse contexto, iniciamos com uma abordagem sobre os sentidos em que exploramos diferentes posicionamentos sobre o assunto, mas que tem como foco a percepção das processualidades, em como são percebidos os sentidos a partir de interações, e o que percebemos enquanto ação comunicativa a partir dos dizeres dos sujeitos. Para chegarmos à perspectiva conceitual transitamos em outros períodos da sociedade, de forma a perceber como eram tratadas determinadas questões, como é o caso desse item relacionado ao sentido, e também, no seguinte voltado à circulação.

Adiante, adentramos na esfera da circulação partindo de um processo explicativo de como o termo tem sido pesquisado e entendido ao longo dos anos. Para isso nos sustentamos nos estudos que marcam as pesquisas desde os processos mais amplos, em épocas que não se problematizam os processos relacionados à esfera da recepção, para tratar das complexidades comunicacionais presentes na arquitetura comunicacional atual. Nesse caso, acionamos as

pesquisas em torno do conceito de gramáticas, circuitos e de imagens imateriais, que são processos ocorrentes em função da circulação. Tais complexidades passam a ser aclaradas no âmbito da sociedade em midiaticização, em que os processos comunicacionais se transformam constantemente. Cenário este já abordado no primeiro capítulo da dissertação, pois remete a uma contextualização do ambiente em que emerge o objeto de pesquisa em questão.

Posterior a circulação, adentramos com o eixo teórico sobre a ideia de dispositivo interacional. Nesse item também se faz necessário trazer um panorama das principais pesquisas envolvendo o termo “dispositivo”, de modo a chegarmos em uma perspectiva que dá ênfase ao olhar êmico na pesquisa. Este se caracteriza como uma postura do/a pesquisador/a para olhar os processos comunicacionais do objeto. Assim, a ideia de dispositivo interacional vai tratar de particularidades, do modo de observação e, sobretudo, de relações.

Conforme explicado acima, esses conceitos são trabalhados aqui de forma indicativa a partir do objeto empírico, e são abordadas como o resultado de um trabalho reflexivo e tensionador das mesmas. Não as tratamos de modo naturalizado a fim de ajustar o objeto aos conceitos. Fazemos o percurso inverso, que é o de fazer transferências conforme necessidade empírica, justamente porque parte das teorias que usamos são trabalhadas inclusive em outras áreas e com outros objetos de pesquisa. Sendo assim, exercitamos o diálogo e o tensionamento com o objeto de pesquisa resultando em proposições outras.

3.1 Condições para a produção de sentido: Do fluxo às processualidades

Quando olhamos para objetos comunicacionais intrínsecos a uma sociedade em acelerada midiaticização, de antemão é necessário trabalhar com a crença de que não é possível captar a totalidade dos sentidos que aí surgem. Dando um passo atrás, por muito tempo se estudou que os meios de comunicação detinham o poder de transmitir e fazer circular informações¹, e que essas informações chegariam de forma única até as pessoas. Independentemente de qualquer coisa, todas as pessoas deveriam apreender o mesmo sentido que a mídia em questão estivesse com propósito de transmitir². Tentativa errônea de frear os

¹ Contexto da indústria cultural, em que empresários detinham o poder dos meios de comunicação. A produção era focada em produtos comerciais, audiovisuais, impressos, sonoros. Nesse caso, o poder está nas mãos de campos profissionais especializados (BRAGA, 2017), com propósito de levar os produtos para o maior número de pessoas de forma igual, sem que houvesse a chance de refletir.

² Adorno e Horkheimer (1947) fazem análises críticas desse período no livro *Dialética do Esclarecimento*.

sentidos. Estes, não podem ser medidos em sua totalidade, assim como não podem ser colocados como “um dos dois termos de uma dualidade”. (DELEUZE, 1974, p. 31).

A partir desse panorama geral, não é nossa intenção dizer aqui o sentido verdadeiro presente em nosso objeto de pesquisa, assim como também não temos a pretensão de estancar o fluxo dos sentidos quanto às percepções individuais. Isso posto, trazemos o diálogo a respeito do sentido com o objetivo de indicar que, se lá no passado mesmo com o pensamento de que a percepção deveria ser igual a todos, e mesmo assim não era, então é no contexto da mediação que isso se intensifica e se problematiza ainda mais.

Há uma infinidade de maneiras disponíveis, atualmente, para as pessoas expressarem opiniões a respeito de qualquer coisa. Dessa forma, como é possível fechar um conjunto de sentidos expressos em dizeres? Sendo assim, o que está em foco em nossa pesquisa é justamente olhar para a diversidade dos sentidos, sem a pretensão de reduzi-los a algumas categorias. Ao tratarmos de questões relacionadas ao Papa Francisco é exatamente a diversidade que nos interessa, com intuito de perceber como acontece a profusão de sentidos, o que eles dizem, o que as pessoas fazem com eles, como os constroem.

Deleuze (1974) dizia que o sentido nunca é binário, ele está sempre entre uma coisa e outra, por vezes estando na fronteira entre duas coisas e até articulando diferenças. O autor chama a atenção para a ideia de impenetrabilidade do sentido, quando só é possível evidenciar marcas deste, mas nunca dizer com totalidade e exatidão o sentido expressado por alguém. Essa proposta leva a uma ideia de regressão infinita, no intento de percebermos que cada enunciado pode remeter a uma infinidade de sentidos.

Nessa perspectiva, Deleuze remete a ideia de designações de sentidos que fazemos a todo momento. Para isso podemos pensar o acontecimento como o lugar em que o sentido se faz. Ou seja, o acontecimento está construído no texto, mas tem particularidades da superfície que vão dizer o sentido. A interpretação de sentidos é marcada pela diversidade, pois se forma conforme lugar, percepções culturais, experiências pessoais, etc. Assim, Deleuze (1974) entende que nesse fluxo todo de sentidos, é necessário estancar o processo para poder percebê-los. Em nossos estudos fazemos o caminho contrário: olhamos a processualidade, o conjunto presente no fluxo para pensarmos os sentidos.

Nessa perspectiva, quando estamos sob um conjunto de materialidades sobre o Papa Francisco, olhamos tudo, ou o que é possível capturar para perceber a produção de sentidos, a diversidade. E essa diversidade não está somente no que as pessoas dizem sobre os acontecimentos envolvendo o papa, pois os sentidos estão presentes em todos os momentos:

no que diz o papa, no que diz a mídia sobre o papa, e o que as pessoas dizem em relação aos anteriores.

Verón (1980) entende que quando queremos analisar os sentidos, não há outro lugar para começar a percebê-los senão o “sentido produzido”. Nesse caso, o autor trabalha sobre as possibilidades semióticas presentes no sistema produtivo dos discursos sociais. Verón (1980) ressalta que o sistema produtivo (o que diz o papa) deixa traços nos produtos (falas). E esse primeiro discurso vai ser fragmentado à medida que chega até as pessoas. Sentidos outros serão construídos a partir dos primeiros, isto é, “analisando produtos, visamos a processos”. (VERÓN, 1980, p. 189).

O ponto central em analisar os sentidos, em nosso caso realçados pelo tensionamento das interações, é pensar nos aspectos e nas condições em que ocorrem. Verón (1980) entende essa produção tanto do lado de quem produz um discurso, assim como do lado do reconhecimento – quem recebe esse discurso, e vai entendê-lo de *n* maneiras, conforme condições pessoais. “Todo sentido produtivo pode ser considerado como um conjunto de coerções cuja descrição especifica as condições em que é produzido, circula e é consumido. Assim também para o sentido”. (VERÓN, 1980, p. 191).

Tal colocação do autor é pensada sob o ângulo da produção dos sentidos, em que compreende os vínculos de determinado sentido com “as bases do funcionamento social”. Ou seja, o sentido nessa perspectiva é resultado de um produto social que também está ligado com a ordem do ideológico e do poder. Assim, quando o Papa Francisco vai falar sobre o casamento de segunda união, por exemplo, a questão ideológica da instituição está presente nas condições em que esse discurso vai ser proferido; junto a esse contexto, a questão do poder estará no “cerne dos efeitos discursivos” por parte do reconhecimento. Em outras palavras, significa que o discurso, tanto do papa, quanto de quem recebe seus dizeres, estarão atravessados por questões ideológicas e de poder. O que não significa dizer que tudo é ideológico ou que se reduz à dinâmica do poder (VERÓN, 1980). São apenas marcas que estão presentes nas condições de produção de um discurso.

Pode-se falar de marcas quando se trata de propriedades significantes cuja relação, seja com as condições de produção, seja com as condições de reconhecimento, não é especificada. [...] Quanto a relação entre uma propriedade significativa e suas condições (seja de produção, seja de reconhecimento) é estabelecida, essas marcas tornam-se *traços* de um ou de outro conjunto de condições. (VERÓN, 1980, p. 193, grifos do autor).

Quando adentramos nessa seara da produção de sentidos em relação ao Papa Francisco, conseguimos capturar algumas lógicas e estratégias sob as quais eles são

produzidos a partir da observação de marcas textuais, imagéticas, mímicas, etc. Por conta dessas marcas, passamos a elencar “operações discursivas” capturadas a partir das materialidades descritas do objeto. Os sentidos que são observados em cada episódio são extraídos dessas marcas.

Quando estamos olhando para as condições pelas quais um discurso é produzido, podemos relacionar a proposta de Verón (1980) com os estudos sobre os atos de fala de Austin (1990)³. O problema que Austin tenta resolver por meio da análise da linguagem está na filosofia, quando trabalha com os problemas conceituais tradicionais desta área. Austin (1990) olha para tais questões não pelo ponto de vista lógico, mas a partir das condições de uso linguísticas. O pesquisador tem a preocupação de estabelecer as definições e significados dos conceitos a partir das condições em que são produzidos, e isto, por meio da forma de expressão linguística.

Nesse caso, a prerrogativa nos interessa pelo viés de pensar junto as condições em que os discursos são produzidos. É a partir dessas observações que podemos ter pistas do porquê determinados sentidos são construídos, sendo originados a partir de algo não relacionado inicialmente. Não nos deteremos nas especificidades que Austin usa para investigar os significados da linguagem. Mas, por outro lado, nos serve de apoio para pensar a linguagem/discurso como modo de ação. Esse modo de ação está relacionado às condições de realização dos discursos do Papa Francisco, por exemplo. Quando tentamos investigar os sentidos de seus dizeres, é necessário observar a ação que ele, enquanto pontífice, está tentando concretizar.

Como veremos adiante, há momentos que enquanto líder máximo do Catolicismo, há uma tensão envolvendo o seu discurso e o seu lugar de fala. Ou seja, há uma performance discursiva acontecendo nesse sentido, e que pode ser analisada a partir de especificidades e/ou marcas linguísticas, assim como do contexto em que são ditas. Austin (1990) analisa expressões performativas⁴, que significa dizer que ao serem proferidas, não são usadas apenas para descrever algo, mas para fazer algo, ou realizar um ato. Reiterando: Austin (1990) não analisa as partes de uma sentença, mas as condições sob as quais o uso de certas expressões produz determinados efeitos e também consequências para a situação em questão.

³ Obra publicada posterior ao falecimento do autor, e é organizado a partir de conferências realizadas pelo autor.

⁴ “O termo ‘performativo’ será usado em uma variedade de formas e construções cognatas, assim como se dá com o termo “imperativo”.⁸ Evidentemente que este nome é derivado do verbo inglês *to perform*, verbo correlato do substantivo “ação”, e indica que ao se emitir o proferimento está - se realizando uma ação, não sendo, conseqüentemente, considerado um mero equivalente a dizer algo”. (AUSTIN, 1990, p. 25).

Já se reconhece que muitas palavras que causam notória perplexidade quando inseridas em declarações aparentemente descritivas não se destinam a indicar algum aspecto adicional particularmente extraordinário da realidade relatada, mas são usadas para indicar (e não para relatar) as circunstâncias em que a declaração foi feita, as restrições às quais está sujeita ou a maneira como deve ser recebida, ou coisas desse teor. Deixar de levar em conta tais possibilidades, como era comum antigamente, denomina-se falácia "descritiva"⁵, embora talvez este não seja o nome adequado, já que o termo "descritiva" é por si mesmo específico. (AUSTIN, 1990, p. 23-24)

É a partir dessa ideia do autor, de que determinadas expressões servem para nos indicar as circunstâncias em que são proferidas, que os sentidos múltiplos, quando gerados e tensionados em nosso caso de pesquisa, serão observados. Não nos firmaremos de modo dedutivo na teoria dos atos de fala de Austin, contudo, ela nos direciona para um método de observação, assim como nos alerta Verón (1980) para as processualidades que surgem desses sentidos em constante produção.

3.2 Circulação: Da estrutura comunicacional à produção de sentidos em circuitos

3.2.1 Da origem às gramáticas

Quando tratamos de produção de sentidos em uma sociedade em midiaticização, se faz necessário adentrarmos no entendimento do que é a circulação midiática e a circulação discursiva onde se estabelece nosso caso de pesquisa. O conceito de circulação por muito tempo não foi problematizado nos processos comunicacionais, pois era entendido como uma zona automática, ou como uma zona de passagem apenas, ou seja, com a ideia de condução da mensagem (FAUSTO NETO, 2013). A ideia de comunicação era entendida como um esquema constituído em dois tempos – produção e recepção – em que o receptor receberia a mensagem com o sentido enviado pelo produtor.

A circulação só passa a ser pensada quando a técnica se coloca entre produção e recepção e os efeitos da sua existência são percebidos. O pensamento se fundamentava na ideia de que os efeitos partiam da técnica, portanto considerando-a como uma “variável causal”, contudo, essa dimensão associada à produção e não a circulação ainda não é explorada. Nesse sentido, Fausto Neto (2013, p. 46) explica que a técnica detinha uma função, que “consistia em desenvolver ações a serviço de motivações específicas do polo emissor e cujos efeitos gerariam a desarticulação de contatos simétricos entre produção e recepção”.

⁵ “Nem todas as declarações verdadeiras ou falsas são descrições, razão pela qual prefiro usar a palavra ‘constatativa’”. (AUSTIN, 1990, p. 24).

Quer dizer, a potencialidade do que seria a circulação não era verificada, reforçando a ideia somente como zona de passagem, sem atentar para as processualidades presentes no circuito produzidos pela circulação (FAUSTO NETO, 2013).

A evolução dessa noção de circulação passa a ser debatida a partir nos anos 1970, quando a linguagem é considerada inerente a circulação. Ao longo dos anos, os estudos de Eliseo Verón⁶ foram sendo a base para essas descobertas, quando explica que todo o fenômeno de sentido é concebido por um conjunto de matérias sensíveis, quer dizer, é tudo o que tem uma expressividade, sonoridade, etc. Essas matérias sensíveis começam a ser organizadas como mensagens, extraídas do patrimônio linguístico. Nesse sentido, tais materialidades são deslocadas para a exteriorização em forma de discurso, e assim passam a estar inseridas em um sistema produtivo, seja econômico, cultural, linguístico. É no interior desse sistema que a matéria desses discursos funciona em três níveis – as condições de produção, as condições de circulação e as condições de reconhecimento. Assim, o modelo analisado passa a ser terciário, e não mais como um esquema de causalidade entre emissão e recepção (VERÓN, 1980). É uma perspectiva que se preocupa com a linguagem, com os sentidos e como são produzidos, e Verón ainda vai dizer que é justamente por conta dessa matéria sensível expressa pela linguagem que a circulação é percebida por meio de marcas, pois se trata de uma nova arquitetura comunicacional que deixa rastros.

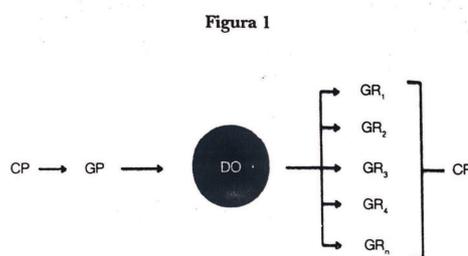
A partir do eixo fundador, a circulação passa a ser compreendida como aquilo que gera “descontinuidades e contrastes nas relações entre produtor e receptor”, e o contexto interacional entre os polos acontece nesse intervalo. Tais diferenças enfraquecem “a concepção que lhe foi anteriormente designada de ‘zona de passagem’ na medida em que lhe é atribuída a causa da instabilidade nas relações entre eles; ou seja, ela é causa de descontinuidades”. (FAUSTO NETO, 2013, p. 47). É nesse processo que desestabiliza e sai da unilateralidade que dá estrutura ao processo comunicacional. Assim, Fausto Neto (2013, p. 47) ratifica essa noção quando diz que “se um emissor não tem controle sobre o próprio discurso que elabora, ele não pode igualmente exercer sobre os seus efeitos junto a seu interlocutor. O que não significa que o discurso não produza efeitos”. Isto é, os efeitos existem para além do controle do produtor, como também podem não ser aqueles previstos.

A noção de circulação proposta por Verón (2013) leva em conta a produção de sentido, sendo a circulação sempre dinâmica. Ela dinamiza o objeto porque é um trabalho significativo, simbólico, não é algo estático. E hoje isso se complexifica com os discursos

⁶ Eliseo Verón é um dos principais autores em que a linha de pesquisa Mídiação e Processos Sociais do PPGCC da Unisinos tem como base nas pesquisas voltadas a mídiação e a circulação.

mediáticos. São dois lugares (emissão e recepção), porém, possuem zonas de tensão. A circulação não é uma zona morta, porque os polos que produzem o processo comunicacional são acionados por uma dinâmica descontínua, que não se fecha, e por consequência, avança sempre na sua incompletude. No modo triádico (signo, objeto e interpretante) proposto por Verón (1980)⁷, a produção passa por operações, e da produção resulta um discurso, e esse mesmo discurso é reconhecido a partir de esquemas cognitivos e mentais do reconhecimento. Mais adiante, Verón (2013) propõe os elementos da instância da produção e da recepção que são responsáveis pela apropriação do discurso.

Figura 5 – Esquema da circulação discursiva de Eliseo Verón



Fonte: Verón (2013, p. 293).

Nesse esquema, em DO (Discurso/Objeto) situamos os dizeres do Papa Francisco, que por sua vez também se complexificam, pois se institucionalizam. Verón (2013, p. 292, trad. nossa⁸) entende que na “ruptura expressa na não linearidade da circulação do sentido, é que os fenômenos midiáticos não são sua causa primeira. Assim são um efeito”. Em nosso caso o nosso DO já é um efeito do discurso primeiro, pois quando analisamos os discursos ou ações do Papa Francisco, só nos é possível ter acesso a eles porque já são um efeito do discurso da mídia tradicional. Para entendermos o esquema, Verón indica que o DO é uma configuração empírica, material, e em nosso caso, os nossos empíricos são essencialmente midiáticos.

Nos dizeres do Papa Francisco, assim como no discurso da mídia tradicional, evidenciamos determinadas Gramáticas de Produção (GP). Assim, Verón (2013, p. 293) explica que “a gramática de produção formaliza as operações que dão conta das propriedades identificadas no DO, *porém não as explica*”. Por conta disso, Verón afirma que há Condições de Produção (CP) que podem ser econômicas, sociais, históricas, políticas, etc., que vão dar conta da semiose/processo a ser estudado, dessa gramática de produção em particular. “Do

⁷ Essa noção triádica de comunicação de Verón (1980) é baseada nos estudos de Peirce (1931-1958) sobre o caráter ternário dos fenômenos no estudo da semiótica.

⁸ Todas as citações utilizadas de Verón (2013) são traduções nossas.

lado do reconhecimento, o gráfico esquematiza a não linearidade da circulação da semiosis, indicando a necessária pluralidade de gramáticas de reconhecimento do DO (GR¹, GR², GR³... GR_n), que exigem, na sua vez, para sua explicação, um reenvio às condições de reconhecimento (CR)". (VERÓN, 2013, p. 293).

Em nossas materialidades, as condições de reconhecimento e as pluralidades são os comentários de atores sociais, os dizeres da própria mídia tradicional, assim como as opiniões de membros da Igreja. Nesse sentido, o próprio reconhecimento vai se manifestar em novas produções quando, por exemplo, uma fala do Papa Francisco passa a ser debatida de tal forma pela sociedade que há uma necessidade de resposta por parte do pontífice, que aí gera um novo discurso, assim como novas ressignificações e apropriações por parte do reconhecimento. É esse processo que vai atestar a produção de sentidos expressa pela circulação discursiva/midiática, e também a dinamicidade da circulação.

As operações elencadas para constituir o caso a ser observado partem, como refere Verón, da observação detalhada das condições e gramáticas expressas em cada lado dos discursos. As gramáticas percebidas nas materialidades são o que compõem as operações, porém, as operações por conta própria não explicam o percurso; para isso é necessário olhar para as lógicas e especificidades. Como não podemos dar conta de todo um processo para investigação, delimitamos apenas fragmentos e construímos um caso a ser analisado.

Sobre as gramáticas a que Verón (1980; 2004; 2013) se refere, são “conjuntos heterogêneos, já que as regras que os constituem podem concernir a níveis muito diferentes de uma economia discursiva. Esta última possui a unidade de um funcionamento, mas não necessariamente a coerência interna de um sistema fechado”. (VERÓN, 1980, p. 238). Em outras palavras, essas gramáticas, enquanto um conjunto de elementos, variam conforme vários fatores, e dessa forma se diferenciam de uma gramática mais rígida, como a da língua, por exemplo. Nesse sentido, as gramáticas podem estar estruturadas sobre contradições, inclusive nas palavras de Verón, é “o princípio dinâmico de seu engendramento e o núcleo da formalização de seus efeitos”.

3.2.2 Circuitos como um lugar complexo de interações

Sendo a circulação uma zona dinâmica, contento uma diversidade de lógicas de ambos os polos, Braga (2012a) trabalha nessa conjuntura com a noção de circuitos, propostos como um lugar complexo de interações. É nesse contexto que Braga (2012a) vai abordar a problemática do campo da mídia, em que pesquisas mostram que a afetação da mídia não

estava restrita às fronteiras do campo midiático. Ou seja, essa afetação passa a se manifestar em vários outros campos, como o político, religioso, econômico, etc. Para além dessa perspectiva de afetação, a midiaticização está condicionada a perceber as relações de modo complexo, saindo da esfera da afetação. Há uma relação de práticas sociais afetadas por fenômenos de midiaticização, mas em uma perspectiva além de causa e efeito, que é quando a circulação entra em jogo.

Tal processualidade é inerente à circulação e se molda em circuitos, trazendo as lógicas dos campos sociais para a sua dinâmica, pois nesse sentido, os campos não delimitam por conta própria certas regulamentações. É nessa dinâmica que se estabelece o conceito de circuitos, quando os campos estão relacionados em dinâmica formalizados pela circuitagem; por alguma coisa que leva adiante o processo interacional. Em síntese, enfatiza que os campos sociais estão em uma atividade complexa de circuitos.

Podemos ilustrar um circuito quando há um primeiro diálogo acerca do tema dos homossexuais a partir da fala do Papa Francisco, e em seguida, esse mesmo tema aciona circuitos que passam de meios de comunicação tradicional a atores sociais. Esse movimento constitui um fluxo adiante (BRAGA, 2012a). Ele acontece de várias formas “desde a reposição do próprio produto para outros usuários (modificado ou não); à elaboração de comentários”, que por sua vez também são replicados de diferentes formas em processo de debates, polêmicas, e “em processo agonístico”. (BRAGA, 2012a, p. 39).

Braga (2012a, 39-40) afirma que a circulação não é apenas a presença de novos meios, mas que os produtos que circulam na mídia de massa são “retomados em outros ambientes, que ultrapassam a situação de recepção (o espectador diante da tela). Segundo o autor, “já não é tão simples distinguir “pontos iniciais” e “pontos de chegada”, produção e recepção como instâncias separadas”.

Referindo-se a artigo anterior, Braga (2012a) sublinha que nos circuitos não é o produto que circula, mas encontra na circulação um sistema que vai viabilizar e alimentar esse circuito. “O produto, entretanto, é um momento particularmente auspicioso da circulação – justamente porque, consolidado em sua forma que permanece (e que se multiplica, na sociedade em midiaticização), pode continuar circulando e repercutindo em outros espaços”. (BRAGA, 2012a, p. 41). Assim, ao mesmo tempo em que o produto se mantém na circulação, ele passa a moldar o próprio ambiente que o põe a circular. O autor marca esse processo como uma forma especial de observação do objeto, que vai produzir “inferências sobre os processos mais gerais em que se inscreve”.

Aqui a ideia do fluxo contínuo se dá quando percebemos que algum assunto envolvendo o Papa Francisco, por exemplo a frase sobre os homossexuais, não fica apenas no que o papa disse, ou no que o jornalismo publicou. Ela passa a ser ressignificada, tensionada nos sites de redes sociais gerando novos circuitos. E mesmo após ter passado anos do estopim do assunto ele continua a circular e produzir sentidos. Percebemos que o tema passa a ser acionado em outras ocasiões. Todo esse processo se dá em idas e vindas, mas não é possível determinar o fim do circuito, nem mesmo a totalidade de sentidos e significados gerados nesse fluxo adiante. A partir dessa perspectiva, entendemos que os meios não aparecem apenas como instrumentos para potencializar as relações entre instituição religiosa e sociedade, mas atravessam o fazer da religião, alterando a experiência e as formas de contato.

Mais adiante, Braga (2017a, p. 49) trabalha sobre uma estrutura analítica em que desenvolve uma sistematização de circuitos, que mistura “lógicas de campo especializado e momentos de senso comum. Igualmente, se entremeia elementos de circulação mais tradicionais e elementos mediatizados. O campo dos *media* vai deixando de ser a referência única para as lógicas da mediatização”. Então sistematiza situações heurísticas em quatro diferentes tipos de circuitos em que observa alguns pontos dessas transições, a partir de tensões e possibilidades. Não cabe aqui tratarmos dos modelos individualmente, mas capturar a proposição do autor para o que é comum nessas situações.

Assim, o autor reitera, portanto, que “‘circuitos’ – muito diferentes de campos sociais – são processos ‘metodologicamente’ misturados. Não se pretende uma possibilidade de ‘tipos’ puros de circuitos, como se, a cada situação abordada, um determinado conjunto de circuitos coubesse na descrição feita”. (BRAGA, 2017a, p. 62). Ao contrário, em sua perspectiva, o autor destaca que o objetivo é perceber a ocorrência de variação, e insistir na observação de especificidades do objeto de modo a perceber sob que lógicas os circuitos se constituem.

Para essa percepção de lógicas, o autor alerta para o importante, pois não significa apenas “definir padrões genéricos de circulação”, mas investigar circuitos específicos, “quer sejam estabelecidos, ou apenas tentativamente ensaiados”. De outro modo, significa observar “objetivos, participantes, táticas acionadas, estratégias em processo de constituição, modos de inscrição no contexto social mais amplo e de articulação (concertada ou em tensionamento) com outros circuitos”. (BRAGA, 2017a, p. 62-63). Essas características e especialidades só são possíveis capturar a partir da descrição sistemática das materialidades.

Nosso percurso para definir o caso de pesquisa se deu nesse processo, inicialmente descritivo e observacional, e a partir disso as especificidades foram sendo percebidas. É um

processo que retoma os estudos de Verón, sendo que para identificar as gramáticas e as condições de produção das interações, foi necessário examinar as marcas ou rastros presentes nos discursos dos participantes em cada episódio. Em seguida, é possível sistematizar as especificidades em operações norteando os ângulo a serem analisados.

3.2.3 Imagens em disputa: sentidos acionados em circulação

Considerando a estrutura do caso de pesquisa a ser analisado, este item se constitui pela discussão sobre imagens imateriais, aquelas que são produzidas a partir da produção de sentidos expressa na circulação discursiva nas interações dos episódios. Essas imagens imateriais, que surgem como particularidades do objeto empírico e que também estão em tensão dentro de um mesmo assunto, são características do contexto da uma circulação intermediária.

Essa abordagem se encontra nos estudos de Ferreira (2013) ao trabalhar a circulação em termos *intermediários* e *intramediários*. São dois lugares com regras próprias de funcionamento, e o autor aborda os dois aspectos da circulação em um contexto, cujos processos são marcados pela relação da tecnologia com a vida social vigente. São processos de captura, propensões, usos e de desenvolvimento de interação entre indivíduos conectados, e que estão submetidos a novas estratégias de ofertas e bens simbólicos. Quer dizer, Ferreira (2013) entende que a organização desse mercado discursivo se dá a partir de um intenso e permanente trabalho de prospecção sobre os hábitos, e o modo como os indivíduos interagem e se conectam; tais processos estão submetidos a novas estratégias de bens simbólicos.

Ou seja, quando falamos no contexto informacional de dados, é o contexto no qual a experiência humana está o tempo todo subordinada. Há um elevado padrão de prospecção de dados em que estamos inseridos, e que nos são ofertados presumindo que esses padrões sejam correspondidos pelos nossos modos de consumir essas ofertas. Em outras palavras, quer dizer que as nossas ideias, nosso modo de viver, são atingidos instantaneamente por essas ofertas tecnológicas, que isso passa a ser naturalizado sendo cada vez menos estranho a nossa experiência.

Nesse sentido, Ferreira (2013, p. 144) entende que “a circulação é uma problemática que se destaca nas relações entre processos intermediários (entre dispositivos) e intramediários (no âmago do dispositivo)”. Nessa perspectiva, o autor sugere “que o objeto primeiro da circulação seja a interação entre dispositivos midiáticos, sistematicamente diversos e semelhantes”. Esse tipo de circulação “se sobrepõe à circulação entre os

dispositivos midiáticos e outros dispositivos sociais (de instituições e indivíduos)”. Assim, o autor alerta para um cuidado ao observar o processo comunicacional em que é necessário observar as interações dentro e fora dos dispositivos, pois é um “lugar onde é possível ‘ver’ a continuidade e ruptura em termos de valores”. (Ferreira, 2013, p. 145). É nesse contexto entre dispositivos (no sentido de aparatos) que observamos a construção de imagens sobre o Papa Francisco que surgem nas disputas interacionais. Ou seja, são as imagens criadas pelos atores sociais a partir de comentários e debates no espaço da internet.

Para entrarmos no contexto dessas imagens em circulação a partir de sentidos, nos fundamentamos nas pesquisas de Rosa (2012; 2014; 2015; 2016), em que a autora tem pesquisado imagens postas em circulação, e que por conta desse processo passam a representar valor simbólico de acontecimentos. Sublinhamos que em nossa pesquisa o foco está em olhar para imagens que são construídas de forma discursiva, acionando o imaginário, o que não significa dizer que não tratemos de imagens representativas. Estas, porém, são analisadas sob a perspectiva dos sentidos, e não de modo técnico e específico sob o prisma da análise fotográfica.

A partir da circulação midiática é que percebemos embates comunicacionais entre a Igreja e a sociedade, de forma que os temas acionados colocam em debate a proposição da doutrina católica em relação a uma demanda ou apelo social. É nessa tentativa de falar a todos os tipos de públicos que o Papa Francisco tenta organizar os processos comunicacionais geradores de tensões. E são a partir desses processos, formados por circuitos de fluxo adiante e pela agonística, que surgem imagens a partir dos atores sociais a respeito do papa.

Na perspectiva da circulação discursiva é onde percebemos o fazer circular de uma imagem imaterial do Papa Francisco, pois essa se constitui socialmente com os discursos em jogo a respeito de um determinado assunto. Nesse cenário as imagens são inerentes aos circuitos, os quais são articuladores de lógicas de atores sociais e mídias tradicionais (ROSA, 2016).

Por isso, para pensar na produção de sentidos a partir dos gestos e discursos que o papa transfere, é preciso pensá-los em circulação, sendo esse ambiente o lugar em que a imagem do Papa Francisco se funde, se transforma. É um ambiente constituído de tal complexidade que não é possível captar um sentido único, mas uma produção de sentidos que vai além de uma tentativa de se fixar uma imagem por parte da instituição católica. São os atores sociais em interação com os meios de comunicação e com os sites de redes sociais, que possibilitam várias faces de uma imagem imaterial, uma imagem mental (ROSA, 2015). Exemplo disso é quando atores sociais, no cenário dos episódios já citados, comentam a

respeito de uma atitude do Papa Francisco e o comparam ao Papa João Paulo II. Em outros casos há a incidência de comentários que comparam ele a representação de Jesus: “*Esse é o exemplo maior que o papa representa verdadeiramente Jesus [...]*”; “*Exatamente! Ele é o Evangelho Vivo!*”.

O sentido para essas imagens criadas a partir do discurso estão relacionadas ao que é o totem. Rosa (2014, p. 29) explica que “a imagem construída como crença simbólica – ou totem – só se consolida, em processos sociais, quando consegue se impor em rituais sociais de reiteração”. Quer dizer que por conta de o Papa Francisco ter realizado um casamento em um avião durante uma viagem, sem cerimoniais e ações protocolares, o ator social entende como um gesto tão nobre que pode ser comparado a Jesus, que mantinha atitudes semelhantes, justamente por quebrar barreiras. A imagem a que nos referimos está puramente no nível de uma construção imagética, que retoma imagens já instaladas em nossa memória, como é o caso de João Paulo II, que foi um papa conhecido pelo carisma, assim como a imagem que temos de Jesus, esta que é formada por descrições de sua vida e atitudes. Ou seja, mesmo perante a crítica, a imagem totêmica divina se mantém.

Rosa (2014, p. 31-32) entende esse processo evidenciando que “essas colocações são importantes para entender que, na criação das imagens-totens pela midiaticização, há uma convocação do imaginário, ou seja, de imagens imateriais prévias”. Essa convocação se refere ao fato de, ao estarem comentando sobre o Papa Francisco, fazem associações com outras personalidades, ou seja, com o imaginário já criado em relação a duas outras pessoas que ocuparam esse lugar. Esse processo de internalizar essas imagens, em primeira instância, “são invisíveis aos olhos”, porém são “convocadas pelo imaginário coletivo e social” em um segundo momento, pois são possíveis a partir dos fenômenos midiáticos.

Sob esse ponto de vista, acionamos os estudos de Charaudeau (2017, p. 578) sobre imaginários sócio-discursivos. O autor trabalha com a ideia de imaginário como algo que “nasce na mecânica das representações sociais”, que passa a construir significações a respeito de objetos, fenômenos produzidos pelos seres humanos e seus comportamentos. Dessa forma, o autor entende o processo como algo que transforma a realidade em significante. “Ele resulta de um processo de simbolização do mundo de ordem afetivo-racional através da intersubjetividade das relações humanas, e se deposita na memória coletiva”.

Nesse caso, a construção simbólica sobre a pessoa que foi João Paulo II e também Jesus, se dá pela subjetividade humana, ou seja, a forma de sentir e pensar a respeito, assim como questões de experiências individuais em relação a essas pessoas. Esse movimento é concretizado em função de ações, momentos ou acontecimentos envolvendo essas pessoas, e

com o tempo vão se estabelecendo na sociedade como uma memória coletiva. Em outras palavras, seria dizer que a maior parte das pessoas, estejam relacionadas ou não à Igreja, também possuem essa representação das duas figuras. Nesse mesmo sentido, o processo é tentativamente construído com o Papa Francisco.

No entendimento de Charaudeau (2017, p. 579), “esse imaginário pode ser qualificado de sócio-discursivo na medida em que se cria a hipótese de que o sintoma de um imaginário é a fala”, como é o nosso caso. Entendemos que nesse tipo de comentários dos atores sociais são criadas imagens mentais sobre o papa. São imagens que surgem a partir de um comportamento. Sob a perspectiva do autor, isso é resultado de uma atividade representacional “que constrói os universos de pensamento, lugares de instituição de verdades, e essa construção se faz por meio da sedimentação de discursos narrativos e argumentativos, propondo uma descrição e uma explicação dos fenômenos do mundo e dos comportamentos humanos”.

A partir da argumentação entre os atores sociais, outras imagens surgem, não apenas imagens positivas sobre o Papa Francisco. É importante tratarmos de uma comparação a uma figura divina, pois há algo complexo nesse fazer, pois se trata de uma tentativa de que se fixe essa imagem a respeito do pontífice. Em contramão, há também uma prevalência considerável de comentários que recriam imagens adversas a essa “divina”. Como por exemplo, quando atores sociais vão chamar o papa de “comunista de esquerda”, de “hipócrita”, “herege”.

Nessa profusão de sentidos, há um jogo de imagens mentais se formando em disputas interacionais. Isso está atrelado a noção que Charaudeau (2017, p. 579) propõe ao imaginário, quando diz que eles “são engendrados pelos discursos que circulam nos grupos sociais, se organizando em sistemas de pensamentos coerentes, criadores de valores, desempenhando o papel de justificação social e depositando na memória coletiva”. A partir dessa perspectiva, se subentende que o debate feito em comentários é uma tentativa de fazer prevalecer uma ou outra opinião, que por sua vez carrega um sentido imagético. São comentários que em alguns momentos há uma predominância no sentido, o que acaba formando uma memória coletiva daquele pequeno grupo.

Dessa forma, ao evidenciar os circuitos midiáticos a partir dos episódios, identificamos essa produção de sentido nas interações dos atores sociais nos mais diversos lugares. Esse processo de circulação além de produzirem sentidos, é produtor de tensionamentos, os quais põem em contradição questões voltadas a imagem do pontífice. A circulação não se dá na instância dual de produção e recepção, é um trabalho significativo, e sobretudo simbólico.

Rosa (2015) fala das imagens como símbolo de um acontecimento. Nesse caso, observamos os gestos do Papa Francisco transformados em acontecimento a partir de sua inscrição em vários meios de comunicação, representando o seu valor na circulação. Na maior parte das vezes as frases ou situações são pinçadas e repercutidas, valorizadas tanto por atores sociais como por instituições jornalísticas. Isso demonstra que a circulação é, por um lado, a disputa de sentidos, mas de outro, uma relação de atribuição de valor. Quando uma coletiva de avião ou uma frase é valorada, a própria imagem do papa é posta em tensão. Já não se trata mais apenas e somente do conteúdo da frase ou do discurso, mas dos sentidos todos que ela aciona, inclusive aqueles que são associados imaginariamente. O papa ao performar realiza um trabalho simbólico, uma vez que está ciente de que seus gestos também terão outra capilaridade em vista do contexto da midiatização. A diferença central é que neste contexto a imagem do papa não pode mais ser regida, administrada ou fechada. Isto porque, quando exposta à circulação uma diversidade de sentidos outros é acoplada, de modo que ainda que a imagem totêmica permaneça, outras imagens de ruptura se evidenciam, expondo as defasagens que são tanto de um nível representacional (tome-se aí os memes, as charges) como imaginário.

3.3 Arranjos disposicionais: A agonística enquanto ação comunicacional em curso

Quando falamos em “dispositivo” temos em mente a abrangência e a diversidade de usos para o conceito. Por isso trazemos um breve contexto sobre o que consideramos ser as principais abordagens dele, e em seguida sob que perspectiva nos apropriamos da ideia de dispositivo de modo a tensioná-lo em nossa pesquisa.

Foucault (1977)⁹, em entrevista à revista *Ornicar*¹⁰, explica o que considera como dispositivo quando é questionado sobre o uso metodológico do termo “dispositivo de sexualidade”.

Através deste termo tento demarcar, em primeiro lugar, um conjunto decididamente heterogêneo que engloba discursos, instituições, organizações arquitetônicas, decisões regulamentares, leis, medidas administrativas, enunciados científicos, proposições filosóficas, morais, filantrópicas. Em suma, o dito e o não dito são os elementos do dispositivo. O dispositivo é a rede que se pode estabelecer entre estes elementos.

⁹ A entrevista concedida à Revista *Ornicar* (Paris) é o texto original, contudo fazemos uso de uma versão traduzida disponível na 5ª ed. do livro *A Microfísica do poder* (2017) da editora Paz e Terra.

¹⁰ Contexto extraído do texto de José Luiz Braga *Interagindo com Foucault: Os arranjos disposicionais e a Comunicação* (2018), e também sob o debate em sala de aula sobre a entrevista.

Em segundo lugar, gostaria de demarcar a natureza da relação que pode existir entre estes elementos heterogêneos. (FOUCAULT, 2017, p. 364).

Embora a questão de dispositivo de Foucault não esteja diretamente relacionada a uma problemática da Comunicação, trazemos a sua percepção por conta desse conjunto que o autor diz pertencer a definição de dispositivo. Os dispositivos estudados por Foucault são dispositivos regulatórios, de controle (BRAGA, 2018b), sob o prisma de que a sociedade diz o que fazer, sobretudo o que não fazer, como é no caso da sexualidade. Contudo, nos interessa pensá-lo sob essa natureza da relação entre os elementos, que o autor elenca como heterogêneos e que constituem um dispositivo. A base para a construção desse conceito está em três eixos: o conjunto heterogêneo, a natureza da relação (que são os elementos), e a função estratégica que responde a uma urgência (problema) (FOUCAULT, 2017).

Braga (2018b, p. 3) adentra no contexto ao qual Foucault se detém e explica que o autor “apresenta os *componentes possíveis* de um dispositivo”, ou seja, “‘tudo’ pode fazer parte de um dispositivo”. Adiante, Braga reitera a resposta de Foucault, chamando a atenção para o que ele denomina de *substância* do dispositivo: “‘o dispositivo mesmo é o sistema de relações que se pode estabelecer entre esses elementos’. Uma rede de conexões não pré-estabelecidas, que pode se formar entre os elementos, é a caracterização básica do dispositivo”. (BRAGA, 2018b, p. 3). Seguindo o raciocínio, a natureza do dispositivo não é um conjunto de regras estabelecidas, são elementos discursivos ou não e que são mutáveis, isto é, são arranjos tentativos.

Nesse artigo, Braga tem como problema central fazer “ajustes e derivações” sobre a ideia de “filosofia do dispositivo” de Foucault, para que o conceito de dispositivo foucaultiano possa ser transferido para a Comunicação. Para isso, Braga (2018b) vai trabalhar detalhadamente com as noções que compõe o conceito de “dispositivo” de Foucault, e vai fazer proposições de descoberta para o que vai chamar de dispositivo interacional, a ser usado na área da Comunicação.

Fazendo o esforço, de também compreender outras formas de uso para o conceito de dispositivo, acionamos a proposta de Mouillaud (2012, p. 52-53), que descreve o conceito como “lugares materiais ou imateriais nos quais se inscrevem (necessariamente) os textos”, e como texto se refere a qualquer forma de linguagem. O autor indica que os dispositivos possuem uma especificidade que molda a sua “estruturação do espaço e do tempo”. Mouillaud (2012) define que os dispositivos podem se encaixar uns nos outros, e como exemplo cita que o jornal está inserido no “dispositivo geral da informação”. Esses dispositivos, segundo o

autor, pertencem a “lugares institucionais”, tendo a flexibilidade de funcionar em vários lugares.

A partir de uma estrutura triádica e baseando-se em Peraya (1999), Ferreira (2006) trabalha com a “proposição de que o dispositivo é triádico – sociedade, tecnologia e linguagem”. Isso quer dizer que “o dispositivo é um lugar de interações entre três universos: uma tecnologia, um sistema de relações sociais e um sistema de representações (FERREIRA, 2006, p. 138). Essa formulação integra a possibilidade de relacionar as três características, para que se desenvolvam as análises dos processos midiáticos (FERREIRA, 2006).

Levando em consideração a elaboração triádica dos dispositivos (FERREIRA, 2006), o aspecto da tecnologia frequentemente faz parte dos dispositivos interacionais trabalhados por Braga (2012b). Nesse sentido fazem parte dos componentes heterogêneos já citados, e como tal, agem juntamente com outros códigos. Ou seja, o aspecto tecnológico é importante para observar a especificidade de sua participação, mas sem tratá-lo com ênfase apriorísticas em suas funcionalidades. Braga (2012b, p. 5) entende que a própria necessidade de comunicar produz dispositivos, sendo eles tentativos, isto é, os dispositivos tecnológicos viabilizam as interações, e como uma de suas características, as interações também “modificam e reinventam os dispositivos acionados”.

Sendo assim, o dispositivo interacional aqui explorado está de acordo com as perspectivas de Braga (2011b; 2012b; 2017; 2018b), que têm o dispositivo não como algo técnico ou algo estabelecido, mas sim processos comunicacionais, que levam em conta lógicas e arranjos internos e as especificidades do objeto empírico. Quer dizer, “a comunicação só é possível na ocorrência concreta de interações – trata-se então de perceber ocorrências e ‘lógicas’ das interações, na prática social, como o lugar de realização do comunicacional”. (BRAGA, 2012b, p. 4).

Nesse texto, Braga tem como eixo fazer proposições teóricas para a comunicação a partir da uma hipótese heurística de que o conceito de dispositivos interacionais pode ser considerado como aspecto empírico comum, para falar da diversidade de objetos da área da comunicação. Desse modo, para adentrar nas características daquilo que o autor nomeia como dispositivo interacional, ele vai se deter a enfatizar que o processo comunicacional ocorrente de qualquer ocasião está em observar as interações sociais.

Braga (2012b) ao citar trabalho anterior focado em dispositivos interacionais, indica que essa elaboração tem como ponto de partida as “interações entre as pessoas e na sociedade em geral”. Dessa forma, não postula um valor positivo ao que é comunicação, mas afirma que ela “só é possível na ocorrência concreta de interações”. Porém, o problema que esse trecho

em específico apresenta é: como podemos, em nossos trabalhos, olhar para essas interações; como olhar para as ocorrências e lógicas desses processos?

Além de propor um problema a ser resolvido, tal citação faz a proposição enfática de que é somente nesse processo interacional que a comunicação se realiza. O autor não constrói categorizações para mostrar o que é válido como interação ou não, mas fala da diversidade de interações. Ou seja, não é comunicação apenas quando o aspecto positivo está em jogo (quando uma pessoa atinge seu objetivo comunicativo com outra), mas a comunicação acontece, especialmente, na interação conflituosa, “na opressão ou na manipulação”.

Nesse sentido, essa percepção é relevante em nossa pesquisa não apenas para explicar o que é comunicação, mas para ajudar a pensar nas relações interacionais construídas pelo objeto empírico. Podemos dizer, sobretudo, que o que o caracteriza é justamente a peculiaridade das interações entre os participantes nos episódios determinados. Os estudos de Braga sobre dispositivos interacionais e sobre o fazer comunicacional são necessidades que partiram das observações aprofundadas das especificidades do objeto empírico. Contudo, ao mesmo tempo que são acionamentos teóricos que nos fazem pensar, não são explicações definidas do cerne da pesquisa.

É importante destacarmos que nos processos interacionais dos episódios o Papa Francisco está presente em um espaço que é a instituição Igreja, com suas doutrinas e leis estabelecidas há milênios; mas ao mesmo tempo ele se coloca em diálogo com proposições que desafiam as regras instituídas do espaço do qual ele mesmo faz parte. Ou seja, ele tensiona o próprio lugar de fala. É nesse espaço/tempo interacional que temos como eixo observar as lógicas presentes nos debates. Como o papa se coloca nessa dualidade, isso provoca debates de variados níveis e especificidades, e para observar os tipos de participantes imbrincados, implica também captar as lógicas de cada um nesse jogo. E para esse tipo de observação não há uma teoria explicativa.

As teorias que fazemos uso nos orientam contextual e metodologicamente, mas não com explicações apriorísticas do que são esses processos comunicacionais, que de alguma forma postulam uma tentativa de gerenciamento do Papa Francisco. Portanto, a proposição de Braga (2012b) é acionada em nosso caso como uma questão de horizonte, e especialmente como “estimulação heurística” (BRAGA, 2018b)¹¹. Quer dizer, essa proposta nos faz refletir sobre uma ação comunicativa do Papa Francisco que está na substância dos episódios selecionados na pesquisa. Essa ação comunicativa é concreta, mas não está explícita nas

¹¹ Versão provisória. BRAGA, J. L. A prática da teoria na pesquisa em Comunicação. 2018, p. 1-15.

interações. Ela começa a ser percebida quando começamos a entender as lógicas e estratégias presente nas decisões do Papa Francisco ao falar determinada coisas em ocasiões específicas.

Os indícios, descritos no capítulo 3, nos levam a identificar as interações havidas no espaço em voo como processos e lógicas internas do arranjo do dispositivo interacional que tem o próprio pontífice como central. Ou seja, consideramos como dispositivo todas as processualidades presentes nos circuitos e nas interações que envolvem o Papa Francisco, e não apenas o “personagem Papa Francisco”. Não se trata de processualidades dispersas, mas que, de algum modo, elas se organizam em um sistema de relações que fazem a dinâmica do processo polêmico, em suas várias posições.

Os participantes de qualquer arranjo, estabelecido ou em desenvolvimento, são evidentemente diferenciados entre si – e frequentemente divergentes. A comunicação é o único que temos como modo de fazer relacionar tais diferenças – seja em consenso, em equilíbrazões tentativas ou em franco desacordo. É preciso, em consequência, reconhecer que os arranjos assim como as estratégias sociais que os elaboram, em qualquer área da prática ou do conhecimento, *são exemplos do processo comunicacional em ação*. (BRAGA, 2018b, p. 19-20, grifo do autor).

A construção da ideia de Braga (2018b) está fundamentada na percepção de que o que consiste o dispositivo interacional, é aquilo que anteriormente citou como aspecto comum para observar a diversidade empírica nos objetos comunicacionais. Dessa forma trabalha com a ideia de que a expressão serve para descrever os processos de comunicação em curso. Estes processos devem ser olhados pelo olhar êmico, percebendo e analisando as especificidades interacionais entre as pessoas. Para via de exemplo, em nosso caso seria o próprio papa, a opinião representada pela mídia profissional, e os atores sociais, que representam a diversidade de opinião da sociedade em geral. Em suma, pensar no dispositivo interacional é pensar em um feixe de relações presentes no objeto empírico, contendo diversificadas lógicas e estratégias comunicacionais, constituindo assim arranjos.

A citação em destaque, de certa forma faz uma ação de reflexão continuada com a abordagem anterior (BRAGA, 2012c). Se antes nos fazia pensar no que efetivamente é comunicação, esta, por sua vez, nos orienta para pensar na diversidade das interações. Em nosso caso, o central está em observar como a diversidade está em uma interação, que é essencialmente agonística, ou seja, ela se constitui no debate e no tensionamento sobre a ação comunicacional do Papa Francisco.

A diferença não está em olhar os episódios, diferentes entre si. Ao contrário, perceber o que há de comum neles; que estratégias discursivas o papa utiliza para organizar o debate que tensiona o próprio lugar de fala. A tentativa em si, de o papa tentar pautar o debate, e

jogar discursivamente com os dois lados, é que é o processo comunicacional em evidência, e não a figura papal.

Contudo, a partir desse destaque evidenciado nos materiais, é necessário tensionar o argumento de Braga (2018b). Quando dizemos que o papa está dentro de uma instituição, e que ao mesmo tempo tensiona esse lugar, retomamos a ideia de poder expressa no dispositivo de Foucault. Braga se fixa nas ações não instituídas, em perceber arranjos em construção, porém, até que ponto conseguimos perceber as ações estruturantes da Igreja, se ela enquanto portadora de poder está sendo tensionada pelo papa, mas também se coloca como portadora de determinado poder.

Quer dizer, o papa faz a tentativa de debater sobre determinados temas polêmicos, mas ao mesmo tempo, a instituição que ele representa exerce o poder das regras constituídas sobre determinado assunto. Isso torna ainda mais complexo olhar para o fazer comunicacional do pontífice. Nos faz questionar que fazer é esse, que possui uma “ordem” protocolar sobre suas ações enquanto líder dessa instituição, mas que “permite” que o próprio líder questione esse poder, essa ação instituída. Inicialmente, nos deparamos com o risco de só observar o que é tentativo nesses processos interacionais envolvendo o papa, e não perceber a razão de ser desses arranjos. Quer dizer, o poder deve ser levado em consideração quando estamos tratando de uma instituição estruturada, e que o central em sua formulação é o poder.

Na medida em que a sociedade avança em ritmos, processos, objetivos, práticas e invenções sociais, a instituição Igreja não acompanha, justamente porque é fortemente instituída. Então a figura do papa tenta superar essa dualidade, que ao mesmo tempo tem o aspecto individual e institucional, e esse processo só pode ser observado de forma êmica. Quer dizer, observando as lógicas que comportam essa comunicação em processo.

No capítulo de análise dos observáveis faremos um esforço analítico a partir dos traços descritos e inferidos do objeto empírico, tendo como foco observar as interações comunicacionais centradas na figura de Francisco, a fim de identificarmos os “arranjos disposicionais”. (BRAGA, 2018b).

4 ABORDAGEM METODOLÓGICA: MOVIMENTOS ANALÍTICOS

Neste capítulo damos início a composição dos procedimentos metodológicos executados até o momento na pesquisa. Em vista disso, faz-se importante esclarecer que a preocupação que moldou todas as etapas desse processo foi o exercício de apreensão do que é comunicacional em nosso objeto de pesquisa. Para esse percurso de capturar o comunicacional, o objeto foi observado em diferentes ângulos, foram testadas algumas proposições, sendo algumas abandonadas e outras reestruturadas. Podemos dizer que o objeto foi colocado à prova com os exercícios nas disciplinas cursadas até chegarmos nesse estágio de definição.

Para esse processo de perceber o comunicacional nos foi essencial as reflexões trazidas por Braga (2011b), em que o autor entende um objeto do campo da Comunicação como processos que evidenciam e tenham como central uma perspectiva comunicacional, e não como “coisas” ou “temas”. Nesse ponto de vista o esforço necessita ser o de perceber processos sociais que indicam o fenômeno comunicacional como central. Ou seja, Braga (2011b, p. 66) sublinha que não é mais importante aonde esse fenômeno será observado (se na mídia, em episódios interacionais, etc.), mas que “nossas conjeturas sejam postas a teste por sua capacidade para desvelar e explicitar os processos que [...] resultem em distinção crescentemente clara sobre o que se pretenda caracterizar como ‘fenômeno comunicacional’”.

Braga (2011b) reitera que a palavra “interação” não se restringe às “trocas do modelo alternado-recíproco”. Quando nos referimos à interação comunicacional, significa que é considerada como “processos simbólicos e práticos que, organizando trocas entre os seres humanos, viabilizam as diversas ações e objetivos em que se vêem engajados [...]”, sobretudo representa “toda e qualquer atuação que solicita co-participação”. (BRAGA, 2011b, p. 66).

A partir da imersão no objeto empírico¹ foram elaborados exercícios de descrição das materialidades, com o intuito de apurar traços que pudessem passar despercebidos. Inclusive, os exercícios descritivos servem para abrir a ideia do indiciário indicada por Ginzburg (1989), em que permitem um retorno às “operações”. É nesse exercício de idas e vindas que os indícios nos levam a perceber novas marcas. Em suma, para que possamos aperfeiçoar o objeto empírico é preciso observar os detalhes.

Para isso sustentamos nosso exercício analítico a partir das categorias de inferências de Peirce, que são a abdução, indução e dedução. Verón (2013) ao explicar a tríade diz que é a

¹ Exercícios realizados na disciplina de *Estudos Empíricos em Mídia* ministrada pela professora Dra. Ana Paula da Rosa.

abdução o primeiro momento, é o momento preparatório para uma sugestão, ou conjectura. Ou seja, é na abdução que temos os *insights* que podem vir a se tornar hipóteses.

Em nosso caso, partimos da inferência que é na primeira coletiva em voo que o Papa Francisco vai falar pela primeira vez sobre os temas sociais que contrastam opiniões e posicionamentos, considerando que tais coletivas em voos são um tipo de gramática de produção inaugurada por Francisco. É nesse tipo de gramática que há lógicas e arranjos que podem trazer indícios. Esse primeiro processo de abdução é como o objeto me toca, como ele aciona o sensorial.

Na indução já se observa esses materiais, indo de um processo particular para o mais geral. Ou seja, são inferências que partem já dos indícios, dos materiais. Nesse caso são as inferências retiradas da primeira coletiva, que vão retornar com outros indícios no decorrer dos quatro anos de pontificado. Isto é, os temas iniciados nesse primeiro momento são acionados novamente, cada um construindo um circuito a partir de algum discurso ou ações do papa em relação a eles.

E por último temos a dedução, em que se parte de um cenário mais geral para o particular, o contrário da indução. É quando trazemos as teorias para dialogar com o objeto empírico. Quer dizer, os processos de ressignificação de sentidos, a circulação desses sentidos vários, que em momentos são construídos, reconstruídos e tensionados, são processualidades características da sociedade em mediatização. Logo, a circulação será trabalhada dentro da esfera da mediatização, pois é onde ela acontece, e por consequência os circuitos de fluxo adiante. A partir desse cenário, as teorias da imagem e do imaginário também são acionadas para analisar os processos imagéticos envolvendo o Papa Francisco.

Somos atravessados e construídos por determinadas leituras, teorias, e é nesse momento da dedução que é preciso cautela no momento de acionar conceitos. Corre-se o risco da tautologia, de apenas encaixar o objeto na teoria a fim de provar que ele está correto. O ideal a fazer é adentrar nos conceitos e poder acrescentar proposições a partir da própria pesquisa. As teorias devem servir de substância para a explicação de determinados observáveis.

Outro aporte metodológico acionado foi o de exercitar o processo inferencial com as três categorias citadas². Nesse processo foi onde o caso passou a ser constituído, ainda que tenha sido reformulado diversas vezes. Sublinhamos que foi na dedicação de olhar o objeto e colocar em prática o modo inferencial que os detalhes emergiram. Até então, a pesquisa

² Foram exercícios coordenado pelo professor Dr. Jairo Ferreira na disciplina de *Mediatização: Aportes Metodológicos*.

estava muito fechada na ideia de que o Papa Francisco operava uma imagem de “acolhida”, em relação a questões sociais polemizadas. Contudo, ao fazer inferências detalhadas foi onde o comunicacional passou a ser identificado como a perspectiva central da pesquisa.

A partir dessa lógica inferencial, Sebeok e Umiker-Sebeok (2014, p. 25) fazem alusão aos processos inferenciais feitos por Sherlock Holmes. Explicam que “é a partir desse ato intuitivo de congregar os indícios que Holmes é capaz de formular suas hipóteses, embora ele tenda a colocar ambos os processos perceptivo e hipotético sob a rubrica de ‘observação’”. Como citado anteriormente, a base para as descobertas de Holmes é a observação, e o próprio personagem explica o porquê. “(...) Por exemplo, a observação me aponta que você esteve no Correio da rua Wigmore esta manhã, mas a dedução me faz saber que, lá, você despachou um telegrama”. (SEBEOK; UMIKER-SEBEOK, 2014, p. 25).

O que Sherlock Holmes faz não são suposições, algo que também não devemos fazer na pesquisa. Ele faz deduções, o que para nós é a abdução, ou os *insights*. É a primeira instância da pesquisa, e por isso é afetada pela subjetividade, emoção e intuição. A partir disso passamos para a observação dos indícios e pormenores para fazermos as inferências, o que também depende do envolvimento com o objeto, para perceber marcas que nos fazem pensar.

Assim, todo esse aporte metodológico nos leva a construção do caso, que é o momento em que se sucede o nível individual ou microsocial, e pode ser exposto a uma estrutura discursiva (FORD, 2002). O autor entende a casuística como um conjunto, que ao serem agrupados podem exemplificar, problematizar ou completar um corpus específico. Nesse caso, temos os momentos em que os temas abordados lá na primeira coletiva do papa, como por exemplo a homossexualidade e casamento de segunda união, em conjunto trazem tensionamentos, e passam a problematizar a imagem do Papa Francisco. Ou seja, temos um processo comunicacional que é acionado, e como consequência são geradas diferentes imagens sobre o pontífice, e não apenas uma representada pela “acolhida”.

Ford (2002), ao citar René Thom, explica que o caso dentro de uma amplitude semântica põe noções em cena, como de causalidade e/ou azar, temporalidade, subjetividade, ruptura, etc. O autor explica que o caso remete a uma transformação, um movimento. Ou seja, casos são acontecimentos e podem afetar as pessoas e mudar determinadas coisas. Exemplo disso são as gramáticas de reconhecimento que os atores sociais acionam ao interpretar os discursos do papa.

Um último aporte metodológico foi acionado no percurso da pesquisa, que é atividade de fazer o estado da arte, ou a pesquisa da pesquisa. Considerando que o tema geral mídia e

religião já vem sendo pesquisado há alguns anos, a atividade de pensar o estado da arte repercute na construção do objeto empírico, assim como nas teorias acionadas durante o processo de pesquisa do mestrado.

4.1 Estudo de caso – O objeto sendo analisado a partir de uma processualidade

Dentro da nossa linha de pesquisa temos vários trabalhos que se direcionam para o estudo de caso, mas há a ressalva que ao trabalhar com essa metodologia vários métodos são acionados. O estudo de caso envolve observação como eixo principal, coleta, descrição e análise.

Assim como considera Bonin (2010), a metodologia é o que direciona o trabalho, que encaminha todas as fases da pesquisa, “como instância corporificada em fazeres, operações, experimentações e procedimentos que vão dando feição ao objeto do conhecimento, que vão se inscrevendo em lógicas atuantes na captura e fabricação pensa deste objeto”. (BONIN, 2010, p. 2).

Nesse sentido, desde o início da pesquisa do mestrado as materialidades empíricas têm direcionado as observações para um estudo de caso. A justificativa está relacionada ao que Yin (2003, p. 32) entende como estudo de caso, cujo eixo central está em fazer uma investigação empírica que observa “um fenômeno contemporâneo dentro de seu contexto da vida real, especialmente quando os limites entre o fenômeno e o contexto não estão claramente definidos”. O autor explica que ao estudar o empírico nessas condições significa que ele tenha de ser analisado junto a um contexto, pois se trata de situações “altamente pertinentes ao seu fenômeno de estudo”.

Uma vez que os objetos empíricos são selecionados a partir do objeto geral Papa Francisco, não é possível observá-los de forma a excluir o contexto em que estão inseridos. Da mesma forma, ao acionar a investigação em torno de um líder religioso, é necessário observar o contexto em que se inscreve, pois são fundamentais para entender como se dão as proposições de sentidos formuladas por atores sociais, pela mídia tradicional e a própria instituição.

Sobre a forma de realizar um estudo de caso, Becker (2015) indica que é um método de observação que resulta em “ampla gama de dados, inclusive os tipos de dados cuja existência o investigador pode não ter previsto no momento em que começou a estudar e, portanto, é um método bem adequado aos propósitos do estudo de caso”. (BECKER, 2015, p. 118). Essa ideia de perceber o que tende a escapar na observação tem sido identificada na

nossa pesquisa quando passamos a desentranhar o objeto. Ou seja, quando saímos das angulações iniciais novos dados surgem não estando previstos.

Um dos objetivos do estudo de caso, segundo Becker (2015, p. 119), é que o método prepara o pesquisador “para lidar com descobertas inesperadas e, de fato, exige que ele reoriente seus estudos à luz de tais desenvolvimentos”. Nesse sentido, nossa pesquisa foi redesenhada várias vezes em vista das primeiras observações do objeto empírico. Ao iniciarmos a observação sem ter algo já limitado, ou previsto, permite que olhemos o todo, e isso nos direciona para caminhos outros que provavelmente serão importantes para o desenvolvimento da pesquisa.

Yin (2003) também propõe esse exercício de perceber a diversidade de variáveis, e por conta disso o autor ressalta que essas variáveis estão baseadas em “várias fontes de evidência”. Como forma de resultado, há um “desenvolvimento prévio de proposições teóricas para conduzir a coleta e análise de dados”. Em suma, Yin (2003) indica o “estudo de caso como estratégia de pesquisa”, esta abarca um método que compreende tudo, desde lógicas de planejamento, coleta de dados, e a análise dos dados. O estudo de caso não se limita, segundo o autor, a apenas uma “característica do planejamento em si”, mas se constitui como uma “estratégia de pesquisa abrangente”. (YIN, 2003, p. 32-33).

4.1.1 Tática de abordagem do caso

O objetivo de pesquisa aqui investigado tem como base fundadora as interações comunicacionais. Em primeiro plano temos dizeres e comportamentos do Papa Francisco que vão sendo ressignificados no fluxo da circulação midiática. Nas interações agonísticas é que o processo comunicacional acontece, e a partir dele olhamos para lógicas, tensionamentos, circuitos. Por conta disso, adentramos nas questões de método e metodologia para detalhar as escolhas e etapas realizadas.

A escolha dos episódios. Inicialmente fizemos uma busca por momentos em que o Papa Francisco expressou posturas de acolhida. Nesse sentido os acontecimentos identificados foram o dos homossexuais, por conta de sua resposta na coletiva, um momento envolvendo mães solteiras e mães que tivessem abortado, e os pobres. Em um segundo movimento, abandonamos a ideia de se concentrar em atitudes de acolhida, para dar atenção a ocasiões que causaram controvérsia. Nessa fase se destacou novamente a questão dos homossexuais, o assunto envolvendo família com a Exortação *Amoris Laetitia*, e um episódio marcado por discussões políticas a partir de um encontro com o presidente americano Donald Trump.

Em todo esse processo foram elaborados exercícios descritivos e abduativos, no sentido de pinçar inferências que desenhassem o caso de pesquisa. A partir dos processos em circuitos dos episódios, assim como a vasta produção de sentido e agonística envolvendo esferas sociais, optamos por selecionar os episódios da seguinte forma: a coletiva no voo de retorno do Brasil em 2013 – esta não é considerada um episódio, mas um elemento acionador dos dois seguintes, mas que também tem muitos aspectos a serem analisados transversalmente com os episódios. A coletiva em 2013 é o que dá início a percepção desse modo peculiar de agir do Papa Francisco, e nesse caso esse contato é com a mídia. É a partir dela que capturamos o primeiro e o segundo episódio, que é sobre os homossexuais e o casamento de segunda união, respectivamente.

Quando dizemos que os dois episódios partem dela, significa que esses dois assuntos, considerados polêmicos, foram tema de questionamento dirigidos ao papa pelos jornalistas. Além da forma interessante de resposta de Francisco nos dois casos, o que nos interessa é pinçar o desdobramento fora da coletiva. Isto é, eles são acionados ali, mas extrapolam a coletiva pois geraram circuitos e debates outros. O dos homossexuais se desdobra apenas a partir de uma frase de toda a resposta do pontífice.

Já o do casamento de segunda união, a resposta do papa não teve a mesma repercussão da fala sobre os homossexuais, porém, o que aciona o debate são os acontecimentos envolvendo a temática ao longo dos cinco anos, a citar os principais momentos: Sínodos dos Bispos de 2014 e 2015, em que os nos dois anos foram discutidos temas relacionados à família, em especial às famílias não tradicionais; depois, em 2015 novamente, a discussão retoma com uma alteração que o Papa Francisco faz no processo de anulação do casamento; posterior, em 2016 o tema é amplamente debatido com a publicação de um documento sobre família, que resume os avanços e as questões debatidas nos Sínodos de 2014 e 2015.

Dado esse passo, foram sendo refinadas as observações e também pudemos encontrar similaridades em um caso e outro. Nesse período de tentativa de fechamento de um *corpus*, foi quando o papa realizou o casamento no avião na viagem ao Chile. A inclusão desse episódio para análise se deu em função de que depois de quatro anos, o Papa Francisco surpreende o mundo com o fato de realizar um casamento em um voo. Nesse sentido, o que interessa é analisar as lógicas interacionais do papa nesse ambiente, que passa a ser característico de seu pontificado. Anteriormente nos detínhamos a pensar nas lógicas do “encontro com os jornalistas”, ou seja, de uma coletiva de imprensa que passa a ser feita em um avião em tom menos formalizado. No caso do avião, nos desperta novamente para essas

processualidades e acionamentos de questões ritualísticas da Igreja, no caso um casamento ser realizado em um avião.

Paralelo a isso, observamos não só o acontecimento em si, mas a repercussão dele na sociedade a partir da veiculação do ocorrido na mídia, e nos processos discursivos dos atores sociais que se manifestam de variadas formas, suscitando outras questões importantes. Isso se enquadra como outro critério para incorporar o episódio na pesquisa. Quer dizer, não é só por termos uma nova prática institucionalizada sendo realizada fora dos padrões, mas sobretudo pela multiplicidade de debates a esse respeito, incluindo discussões de outras esferas que surgem a partir do casamento. Então, como terceiro episódio trazemos o casamento realizado pelo papa no voo durante a viagem ao Chile.

Para o procedimento de análise foi feita a captura desses momentos a partir dos meios de comunicação selecionados em três esferas midiáticas – mídia institucional, mídia tradicional, e os comentários dos atores sociais nas duas esferas. O compilado dos materiais, inicialmente, foi recuperar tudo o que esses meios de comunicação veicularam sobre os episódios, incluindo a coletiva. Em função da impossibilidade de abarcar a totalidade de comentários e até mesmo estancar o fluxo dos mesmos, optamos por coletar *prints* dos que continham maior diversidade de posicionamento, e também os que eram formados por discussões entre os atores sociais.

Em um segundo passo, todo esse material foi sistematizado em exercícios descritivos e inferenciais, em que o objetivo estava em “fazer um mergulho” nas materialidades para propormos um caso de análise. Com a investigação de marcas textuais e lógicas interacionais em jogo, sobretudo as lógicas que organizam a agonísticas entre os participantes, formamos um conjunto de eixos, que são os alicerces do caso de pesquisa, a ser analisado no próximo capítulo. Nesse sentido, a análise é feita de forma separada com os episódios, e em seguida compomos uma análise transversal, investigando os elementos que cruzam os três casos, retomando o problema e os objetivos da pesquisa.

5 ANÁLISE DOS OBSERVÁVEIS

Para analisarmos o caso de forma a perceber as particularidades interacionais, assim como os eixos que compõem o caso, as materialidades foram separadas em episódios, além do elemento inicial, que caracterizamos como o que aciona os demais momentos. Assim, fazemos uma análise detalhada desse elemento acionador da circulação, percebendo as especificidades e fazendo uma relação com a sistematização dos episódios. Todos os episódios foram submetidos a descrições, para dar conta do processo inferencial, e em seguida a análise.

Para darmos conta da problemática da pesquisa, a observação dos episódios tem como objetivo perceber marcas discursivas, que por sua vez conduzem a operações indicativas de gramáticas de produção e de reconhecimento. Posterior a esse passo, analisamos os traços articuladores em cada episódio fazendo relações entre eles.

Para a análise individual, as percepções foram sistematizadas a partir dos eixos de análise, já apontados anteriormente no item 2.3 do caso de pesquisa, a fim de percebermos o caminho da circulação, assim como os circuitos que se entrecruzam no processo, evidenciados com a produção de sentidos e o modo como o debate entre os participantes é constituído. Além disso, fazemos apontamentos sobre as estratégias e lógicas interacionais tanto quando observamos os dizeres e ações do Papa Francisco, assim como o modo de se posicionar do jornalismo e, também, dos atores sociais. Outro eixo analisado nos episódios foi o modo tentativo de pautar o debate do papa, e como o reconhecimento foi acionado a partir desses movimentos. No cerne das particularidades de cada situação, foi possível observar a disputa imagética, que em nosso caso é acionada com a ideia de imagens imateriais, sendo percebidas pelos sentidos produzidos.

Posterior ao processo individual de análise, fazemos um movimento transversal com a proposta de articular o elemento acionador e os episódios para identificarmos como acontecem os atravessamentos entre eles. Também fazemos uma relação dos eixos propostos no caso de pesquisa, com o intuito de fazermos descobertas emergentes na agonística em jogo. Tendo em vista esse processo de descoberta, temos em vista a possibilidade de elegermos imagens-síntese, pois as imagens imateriais surgem dos sentidos expressos na agonística. No entanto, para podermos chegarmos a uma imagem-síntese em cada episódio, é necessário analisar as demais, e perceber, diante das relações, como podem ser evidenciadas ou representativas do momento em questão.

5.1 Coletiva no voo de retorno de 2013: Elemento interacional acionador da circulação

Esse item a ser analisado – elemento interacional acionador – é a primeira coletiva de imprensa oficial com o Papa Francisco, que acontece na viagem de retorno do Brasil em 28 de julho de 2013. Nessa ocasião é onde se dá o estopim do episódio 1 sobre os homossexuais (analisado na sequência), e onde o tema do episódio 2 é citado pela primeira vez. Destacamos que o circuito envolvendo o episódio 1 parte dessa coletiva, e o episódio 2 não reverbera com a coletiva, ele é citado na coletiva. Portanto, já vemos aí a coletiva como um lócus de interações, mas ao mesmo tempo como lugar de negociações diferenciadas, já que o avião pode ser tanto o ponto de partida como o de chegada.

Nesse sentido, o que interessa olhar com esse processo acionador são as lógicas interacionais e operações adotadas pelo Papa Francisco, perceber no que essa coletiva se difere das demais, assim como marcas imagéticas e discursivas de um outro modo de fazer atrelado a Igreja Católica. Em nossa perspectiva, essa coletiva, por conta desses aspectos, faz parte de um arranjo disposicional que articula de algum modo os demais episódios que vem em sequência.

5.1.1 Primeiro contato do Papa Francisco com os jornalistas: 22 de julho de 2013

A coletiva no voo de retorno é precedida por um primeiro contato do Papa Francisco com os jornalistas, que acontece em preparação a viagem ao Brasil, no voo de ida ao país no dia 22 de julho de 2013. Nesse momento identificamos características específicas do modo de agir e de se comunicar de Francisco, que a partir de operações indicam uma gramática de produção própria, conforme preliminarmente inferimos no capítulo 2 de apresentação do nosso caso de pesquisa.

Adentramos na análise, conforme matéria do Portal Terra¹, em que o Papa Francisco faz um pedido para se encontrar individualmente com cada jornalista que o acompanharia na viagem ao Brasil.

¹ Disponível em: <https://bit.ly/2xKg9nA>. Acesso em: 20 nov. 2017.

Figura 6 – Matéria publicada pelo Portal Terra



The image shows a screenshot of a news article on the Terra website. The header features the Terra logo and navigation links for 'ANTIVÍRUS', 'LOJA VIRTUAL', 'HOSPEDAGEM DE SITES', 'REVISTAS - GOREAD', 'DOMÍNIO', and 'TERRA'. The article title is 'Jornalistas terão encontro com Papa durante viagem de avião ao Brasil'. Below the title, it indicates the date '17 JUL 2013' and the time '11:53', along with 'atualizado às 12:55'. There are social media sharing icons for Facebook, Twitter, Google+, and Pinterest, followed by a 'COMENTÁRIOS' button. The main text begins with a large 'O' and states that Pope Francis will meet with journalists during his flight from Rome to Rio de Janeiro. A 'SAIBA MAIS' section contains two links: 'Papa Francisco usará carro aberto na Jornada Mundial da Juventude' and 'Vaticano: protestos não são contra o papa Francisco'.

Fonte: Portal Terra.

"Ele me disse que gostaria de fazer de maneira diferente o tradicional encontro com os jornalistas no avião: não preparem perguntas ao Papa, pois ele encontrará e falará com cada jornalista. Não será uma entrevista, mas sim, um belo encontro amplo e cordial, sem a fórmula de perguntas e respostas", afirmou Lombardi. (Portal Terra, 17.07.2013).

Nessa fala do porta-voz do Vaticano percebemos uma lógica interacional do Papa Francisco específica: o pontífice solicitou que o encontro com os jornalistas ocorresse de forma diferente do habitual, sem perguntas e respostas, mas o contato individual com cada um dos profissionais. Geralmente, uma coletiva de imprensa é formada por uma bancada com os jornalistas dispostos à frente para as devidas perguntas. Nesse pedido do papa, há um fazer inverso, ao dizer que não se abre para perguntas e respostas ele está dizendo que a dinâmica será personalizada a seu modo.

Ao encontrar cada profissional individualmente, Francisco traz para si uma “imagem de encontro”, e não de uma entrevista estruturada e sistemática, o que dá um tom de maior informalidade. A ideia de gramática de produção do papa é pré-concebida quando o pontífice se propõe a um novo modelo de entrevista, ou seja, ele performatiza uma estratégia de contato que rompe com contratos e cria novos. Esse movimento de proximidade, de encontro, dá pistas do que poderia vir na coletiva ao final da viagem, sendo esta uma abordagem com sentido de resumir aspectos e situações tratadas durante os dias de viagem.

No Jornal Nacional a notícia foi veiculada com uma reportagem² da correspondente Ilze Scamparini, que esteve na viagem com Francisco ao Brasil. Na ocasião a jornalista comenta que Francisco não costuma dar entrevistas porque são cansativas, contudo, esse primeiro contato durou pouco mais de uma hora. Na reportagem a jornalista explica que Francisco pediu para conhecer todos os jornalistas, que um a um o cumprimentaram e participaram de momentos de descontração com o pontífice. Na fala da correspondente, o jornalista que está em diálogo com o papa na Figura 7 comenta que ele também é filho de imigrantes assim como Francisco. Como resposta o Papa usa a máxima já usada por outro pontífice de que “*o papa tinha que ser argentino porque Deus é brasileiro*”.

Figura 7 – Cumprimentos do jornalista com o Papa Francisco



Fonte: Globo Play.³

Identificamos que a frase “*o papa tinha que ser argentino porque Deus é brasileiro*”, a imagem do sorriso simples e o aperto de mãos franco, em que o microfone fica de lado sem demarcar a linha divisória de afastamento tradicional das coletivas, são marcas. Nessa perspectiva, a imagem pode ser analisada sob dois ângulos: do ângulo imagético, o papa está no lado menos favorecido, não do lado esquerdo, que tradicionalmente na análise imagética configura o lado do poder (eixo-esquerda-direita)⁴; além disso, não se percebe uma “batalha”

² Disponível em: <https://globoplay.globo.com/v/2709012/>. Acesso em: 20 nov. 2017.

³ Disponível em: <https://globoplay.globo.com/v/2709012/>. Acesso em: 20 nov. 2017.

⁴ GUIMARAES, Luciano. O jornalismo visual e o eixo direita-esquerda como estratégia da imagem. In: BAITELO JUNIOR, Norval; GUIMARAES, Luciano; MENEZES, Jose Eugenio; PAIEIRO, Denise. (Org).

de assessores, ainda que estejam em cena. Por outro ângulo, além das marcas visuais, há as discursivas, que indicam uma operação de proximidade, a transformação da lógica de entrevista em lógica de encontro. Esse formato muda toda a ritualística, inclusive do tom das perguntas e das respostas. Portanto, a gramática de produção do papa é o que orienta a dinâmica das interações.

Podemos identificar no pedido de Francisco, que ao se abrir para conhecer cada um dos jornalistas, há uma tentativa de ruptura do que é institucionalmente padronizado. Essa operação evidencia um movimento de pautar os jornalistas, o que é uma lógica inversa. O sentido de romper e pautar aqui, está no modo como o papa solicita que seja o “encontro”, e não as temáticas que podem abordar ou não. Nesse contato, a pauta que parte do Papa Francisco é dizer como ele quer que se organize a situação, mas em nenhum momento faz observações quanto ao que os jornalistas podem conversar com ele. No entanto, essa lógica pode remeter a um indicativo de que, se ele já pediu que fosse sem formalidade, então, por consequência, implicaria abordagens mais descontraídas, mais leves. Ao dizer que seria dessa maneira e não de outra, Francisco se coloca como uma figura “popular”, e, portanto, humanizando também a imagem da Igreja. Por outro lado, indica que ele não irá fugir de temas mais duros, como não faz no caso dos homossexuais, por exemplo. O papa muda o modo da entrevista e, ao mesmo tempo, indica que a postura da Igreja também está mudando. A sua postura simboliza esta mudança, ainda que não de modo estrutural.

O contato se torna uma resposta ao que o próprio papa enfatiza como “cultura do encontro”, sendo que essa mesma equipe o acompanharia em toda a viagem, assim como no retorno a Roma. Ou seja, os repórteres passariam a fazer parte de uma comitiva de viagem, não apenas dividindo a entrevista (momento da coletiva), mas dividindo a viagem em si, o que torna o voo um espaço de convivência e interação que excede a lógica da entrevista padrão.

Há uma tentativa de proximidade não só no modo como se coloca com os comunicadores, como também há um modo de se expressar menos institucionalizado, em que se permite momentos de descontração. Essas interações passam a constituir as gramáticas de produção do Papa Francisco, que propõe um posicionamento de acolhida por parte da instituição católica.

5.1.2 Encontro com os jornalistas no voo de retorno: 28 de julho de 2013

Em relação a coletiva do retorno a Roma, que aconteceu no dia 28 de julho de 2013, mesmo sendo algo mais oficial, pois se trata de um resumo do que foi a viagem, o documento publicado pelo Vaticano é intitulado da seguinte forma: “*Encontro do Santo padre com os jornalistas*”. Percebemos novamente, que a partir da entrada de Francisco a norma passa a ser “encontro” e não mais coletiva. Isso se configura como uma gramática, pois a operação se repete. Ou seja, a diferença para uma coletiva tradicional não está no propósito da entrevista, mas no tom que a expressão “encontro” assume. O termo “coletiva” é geralmente usado para uma resposta formal da instituição a uma demanda; um “encontro” dá o tom de ser mais positivo. Quer dizer, nessa estratégia o Papa Francisco muda a agenda, e também pauta a coletiva de um modo positivo, alterando a visão sobre a instituição e sobre si mesmo, o que incide sobre uma imagem do papa que é imaterial, e que pode vir a ser uma imagem-síntese (ROSA, 2012).

Figura 8 – Trechos da fala do Papa Francisco com os jornalistas

Padre Lombardi:

Agora vamos chamar novamente um brasileiro: é Márcio Campos. E peço também Guénois que se aproxime pois a vez próxima será para os franceses.

Papa Francisco:

Eu me interrogava a propósito do tempo... é que eles devem servir. Vocês estão com fome?

Vozes:

Não, não...

Fonte: Site Santa Sé (Vaticano).⁵

Na figura acima há o diálogo que interrompe o corrente processo da entrevista. Em seguida da chamada do Padre Lombardi para as próximas pessoas que farão perguntas, Francisco questiona sobre o horário da refeição. Ao mesmo tempo que parece uma “interrupção”, há um tom de protocolo localizado geograficamente – é um encontro, mas é necessário preservar certa ordem, pois não é um bate-papo. Esse procedimento funciona como um dispositivo no sentido abordado por Verón (2003), quando analisa o último debate presidencial entre Lula e Serra em 2002. No sentido televisivo abordado por Verón, cada um tem hora para entrar em cena, aparecer, perguntar, responder, e nesse caso com o Papa

⁵ Disponível em: <https://bit.ly/2LdTX6Q>. Acesso em: 20 jul. 2017.

Francisco, isso ocorre ainda que com tom de informalidade. Ou seja, cria-se um dispositivo que funcione no “encontro do avião” para combater o “dispositivo da coletiva”.

E isso acontece mais uma vez no andar da conversa. Ao observar outros traços do objeto, como as características e o conteúdo de outras coletivas em voos com o Papa Francisco, é que percebemos uma similaridade e uma forma própria de responder aos jornalistas. Há uma especificidade na forma do diálogo, porém, o papa produz um contato que dá a conotação de que ele é igual, mas nessa interação há um jogo de poder estabelecido que o privilegia no contato. Francisco se coloca como igual, mas a seu modo fazendo a regência do que acontece no avião. O outro momento que essa operação do papa acontece é quando a jornalista Valentina Alazraki está preparada para fazer a última pergunta, mas ao saudar o papa faz um agradecimento: “*Santidade, obrigado por ter mantido a promessa de responder às nossas perguntas no regresso...*”. Para essa colocação, o papa responde: “*Fiz-lhes demorar o jantar...*”. Nesse diálogo, retomamos a segunda pergunta da nossa problemática, que se volta para a performance, quando o Papa Francisco fala novamente do jantar. Nessa fala o papa está performatizando um modo de dizer, que a partir da condição em que é produzido – o momento do jantar – indicam uma operação da forma como o pontífice age sobre o processo interacional agonístico. Embora durante a entrevista temas mais contundentes tenham surgido, há uma tentativa de manter a conversa em tom menos formal, e de amenizar as polêmicas – ele tira o peso ao deslocar para o lugar da convivência e não da distância. A partir dessa forma de se colocar na interação, não nos interessa ver se a Igreja enquanto instituição mudou sua doutrina, mas a partir do pontificado de Francisco perceber que a instituição mudou a forma de se comunicar com as pessoas. E o mais importante é perceber o processo central que está ocorrendo, ou seja, a agonística enquanto um problema comunicacional entre a Igreja e seu público a ser gerido pelo papa.

Além da forma de falar com os jornalistas, há o modo com que o Papa Francisco se expressa e se coloca corporalmente no momento da coletiva. Enquanto responde às perguntas está em interação face a face com os interlocutores, e para isso se aproxima de quem dirigiu a pergunta, como na Figura 9, em que o papa se apoia no acento próximo. Isso não acontece todo o tempo, há momentos em que ele ocupa o espaço em frente a todos os jornalistas. Além disso, Francisco dispensa o mediador da entrevista, sendo que ele mesmo faz a mediação entre as conversas, o que também faz parte de uma operação própria.

Diferentemente de uma entrevista coletiva clássica, quando o Papa assume a postura de mediador, ele dispensa a figura da pessoa que filtra as questões, e que repele assuntos não permitidos. Ao contrário, quando aceita “olhar no olho” estabelece um duplo processo, se

abre ao outro, mas também se impõe, já que não há intermediários. Certamente é preciso uma adaptação técnica para que microfones de lapela e sem fio possam acompanhar o Papa pela aeronave sem que seja necessário montar uma infraestrutura estática. Isso implica dizer que, ao optar por uma aparente informalidade, a entrevista de avião “esconde” uma infraestrutura que permite que jornalistas de todo o mundo possam fazer perguntas e ser compreendidos. Um indício disso é que mesmo quando o papa está debruçado sobre um acento, há tradutores na aeronave, já que os repórteres usam fones de ouvido. Há uma “maquinaria” por trás da dinâmica que possibilitam sua realização, aparentemente, transparente.

Figura 9 – Postura do Papa Francisco na coletiva do voo de retorno do Brasil em 2013

Pope Francis signals openness towards gay priests

Pontiff uses in-flight press conference to take questions on role of women in the Catholic Church, sex scandals and gay clergy



Pope Francis listens to a journalist's question on a flight back to Rome. Photograph: Pool/Reuters

Fonte: The Guardian.⁶

Podemos pensar as marcas imagéticas da foto acima como operação de uma gramática de produção do Papa Francisco, em que todos os jornalistas estão sentados enquanto o papa fica em pé. Ou seja, ele encara o inquiridor, em uma posição de diferença que ao estar em pé o pontífice pode observar a todos, mas os jornalistas não conseguem observar o todo. São características que contribuem com o conjunto para formular uma imagem de papa que se coloca próximo do outro, como uma pseudo proximidade, ou como uma simulação de

⁶ Disponível em: <https://bit.ly/2LTSMk>. Acesso em: 20 nov. 2017.

intimidade. Contudo, ao se aproximar dessa forma há uma hierarquia em jogo. Ao estar em pé, somente o papa tem a visão privilegiada dando sentido a imagem do mestre e do aluno.

5.1.3 A coletiva como espaço de interação: O acionamento da circulação

Neste item destacamos como se dá a circulação a partir da coletiva no voo em 2013. Assim, trazemos nas figuras abaixo manchetes veiculadas na mídia tradicional sobre o movimento em que os assuntos extrapolam do espaço em voo.

Figura 10 – Conjunto de manchetes com temáticas derivadas da coletiva em 2013

FOLHA DIGITAL *** Acesso ilimitado p

poder

Após declaração do papa, padre excomungado por defender gays vai à Justiça contra punição

Jornal da Globo >

Entrevista exclusiva do Papa Francisco repercute entre pensadores

4 min Exibição em 29 jul 2013

Para o filósofo Roberto Romano, a entrevista do Papa Francisco reitera a posição dele como pastor. Já Dom Geraldo Majella, arcebispo da Arquidiocese de Salvador, o pontífice expressou o trabalho que ele tem feito.

☰ GOSPELPRIME MUNDO CRISTÃO POLÍTICA INTERNACIONAL SOCIEDADE OPINIÃO E

INTERNACIONAL

Papa Francisco diz não julgar gays e contraria Bento 16

Declarações do novo papa vão contra documentos do Vaticano.

Publicado 6 anos atrás em 29 de julho de 2013
Por Redação

BBC Menu

NEWS | BRASIL

Notícias | Brasil | Internacional | Economia | Saúde | Ciência | Tecnologia | Aprenda Inglês

Visita expõe novo estilo do papa para lidar com desafios da Igreja

Luís Guilherme Barrucho
Enviado especial da BBC Brasil ao Rio de Janeiro

29 julho 2013

f e t e Compartilhar

FOLHA DIGITAL *** Acesso ilimitado

poder

Ex-padre argentino gay pede que Francisco ajude a renovar a igreja

DE SÃO PAULO

30/07/2013 © 20h39

Fonte: Internet.⁷

As manchetes acima expostas revelam que mesmo uma coletiva no avião, considerado como um espaço fechado, o que foi dialogado no interior extrapola esse espaço, sobretudo porque os jornalistas publicam fotos e discursos nos meios de comunicação sobre a coletiva. É a partir das publicações da mídia tradicional, e até mesmo de postagens particulares das pessoas que estão no avião, que ao serem veiculadas na rede vai se formando os circuitos, dessa forma o conteúdo passa a ser ressignificado de inúmeras formas.

Mesmo sendo mobilizado um fazer diferenciado do Papa Francisco, os temas abordados no avião vazam do espaço físico ganhando outras proporções, significados e interpretações. Essa “extrapolação” dos assuntos é exatamente a ideia do que é o arranjo disposicional, isto é, quando o papa propõe um outro arranjo que não a entrevista clássica, ele já está pensando na circulação. Como a sociedade está atravessada pela midiatização, o propósito do arranjo é ser o de fomentar circuitos, mesmo aqueles controversos, pois a Igreja ganha em visibilidade.

⁷ Disponível em: <https://bit.ly/2H1Rr5K>; <https://globoplay.globo.com/v/2723195/>; <https://bit.ly/2EOKcMe>; <https://bbc.in/2TvlwZ>; <https://bit.ly/2ENLNIw>. Acesso em: 10 fev. 2018.

Ou seja, a coletiva passa a ser um elemento que aciona a circulação, e por consequência se desdobra em outros circuitos, pois a partir de cada publicação novas ressignificações e circuitagens acontecem. Quando um meio de comunicação publica sobre a coletiva haverá interações dos atores sociais e também compartilhamentos. Por conta desse movimento em fluxo adiante e contínuo, não há como pausar o processo e nem a possibilidade de que haja um controle sobre a forma como serão interpretados os conteúdos.

A partir desse movimento inicial de circulação é que os episódios entram no corpo da pesquisa. Como já mencionado anteriormente, o primeiro episódio a ser analisado tem ligação direta com a coletiva de 2013, sobretudo porque a partir de uma resposta do papa, a circulação e os circuitos múltiplos que se interligam são consequência da reverberação da frase sobre os homossexuais. Ou seja, o tema dos homossexuais se desmembra em grandes e amplos circuitos a partir da coletiva. Já, o segundo episódio – sobre o casamento de segunda união – é um assunto que surge apenas na coletiva no voo em 2013, mas não é posto em circulação no período pós-coletiva. Ele passa a ser desentranhado a partir de outros movimentos discursivos do Papa Francisco, sendo analisados detalhadamente em suas lógicas e especificidades, dando atenção especial no processo agonístico. O episódio 3 não possui ligação direta com as temáticas abordadas nessa primeira coletiva em voo, mas é acionado pelas lógicas interacionais em voo, novamente trazidas pelo Papa Francisco, porém não em coletiva, mas uma cerimônia de casamento.

5.2 Episódio 1: Circuito da frase do Papa Francisco sobre os homossexuais

Para adentrarmos na observação de como se dá a circulação, e posteriormente os circuitos sobre a frase dos homossexuais, é necessário retomar do ponto inicial (pode ser revisto também no item 2.2.1). Em nossa pesquisa o destaque está na produção de sentidos observada em circuitos envolvendo um recorte da resposta do Papa Francisco sobre a questão da *lobby gay*. A frase “*Se uma pessoa é gay e busca o Senhor, e tem boa vontade, quem sou eu para julgar?*” está indicada na íntegra da pergunta e resposta da figura abaixo.

Figura 11 – Pergunta e resposta sobre o tema da homossexualidade

Iize Scamparini:

Queria pedir licença para fazer uma pergunta um pouco delicada: outra imagem que também girou um pouco pelo mundo, foi a de Mons. Ricca e as notícias sobre a sua intimidade. Queria saber, Santidade, que pensa fazer em relação a este assunto? Como enfrentar esta questão e como Vossa Santidade pensa abordar toda a questão da lobby gay.

Papa Francisco:

No caso de Mons. Ricca; eu fiz aquilo que o Direito Canônico manda fazer, ou seja, a *investigatio previa*. E, a partir desta *investigatio*, não há nada de quanto o acusam, não encontramos nada sobre isso. Esta é a resposta. Mas eu queria acrescentar mais uma coisa sobre isso: eu vejo que muitas vezes na Igreja, fora deste caso e também neste caso, vão-se procurar, por exemplo, os «pecados de juventude» e isso é publicado. Não se trata de delitos, atenção; os delitos são coisa diferente: o abuso de menores é um delito. Não se trata disso, mas de pecados. Ora, se uma pessoa – leigo, sacerdote ou religiosa – cometeu um pecado e depois se converteu, o Senhor perdoa; e quando o Senhor perdoa, o Senhor esquece. E isso é importante para a nossa vida. Quando vamos nos confessar e dizemos, com verdade, «eu pequei nisto», o Senhor esquece e nós não temos o direito de não esquecer, porque corremos o risco de que o Senhor também não se esqueça dos nossos [pecados]. Isso é um perigo. Isso é importante: a teologia do pecado. Muitas vezes eu penso em São Pedro: fez um dos piores pecados, que é renejar a Cristo, e com este pecado Cristo o fez Papa. Devemos pensar muito. Mas, voltando à sua pergunta mais concreta: neste caso, eu fiz a *investigatio previa* e nada encontramos. Esta era a primeira pergunta. Depois, você falava da lobby gay. Bem! Escreve-se muito sobre a lobby gay. Eu ainda não encontrei ninguém com o bilhete de identidade no Vaticano dizendo que é «gay». Dizem que há. Eu acho que, quando alguém se encontra com uma pessoa assim, deve distinguir entre o fato de que uma pessoa seja gay e o fato de formar uma lobby, porque as lobby nem todas são boas. Isso é mau. Se uma pessoa é gay e procura o Senhor e tem boa vontade, quem sou eu para a julgar? O Catecismo da Igreja Católica explica isso muito bem, dizendo – esperem um pouco... como diz... -: «Não se devem marginalizar estas pessoas por isso, devem ser integradas na sociedade». O problema não é ter essa tendência, não; devemos ser irmãos, porque este é apenas um; mas se há mais outro, outro. O problema é fazer lobby dessa tendência: lobby de gananciosos, lobby de políticos, lobby dos maçons, tantas lobby. A meu ver, este é o problema mais grave. E lhe agradeço muito por ter feito esta pergunta. Muito obrigado!

Fonte: Site Santa Sé (Vaticano).

Em relação ao modo como o papa responde ao tema da homossexualidade, percebemos que há maior abertura em expor a forma como a Igreja deve agir. Contudo, cabe ressaltar que esse indício está relacionado a outro, que é o caso de Francisco ter sido eleito papa havia pouco tempo, e que a viagem ao Brasil por conta da Jornada Mundial da Juventude foi sua primeira viagem fora da Itália. Entende-se que quando se tem um novo papa, fazer perguntas sobre temas polêmicos é parte do ritual de conhecimento do perfil pontifício. Ou seja, o tema sobre a *lobby gay*, por exemplo, não tinha relação com o propósito da viagem ao Brasil, pois se tratava de um evento para jovens, contudo mesmo assim é uma questão trazida à tona para verificar o posicionamento no novo papa frente à temas sociais.

Os temas polêmicos mencionados na coletiva de 2013 podem ser considerados como rupturas de abordagem, isto é, não significa que os papas anteriores não falassem sobre esses assuntos, mas a partir da forma com que o Papa Francisco responde percebe-se que há um querer falar nessas questões. Infere-se que pela forma detalhada com que o papa explica todas as questões, há uma necessidade de mostrar uma nova forma de pensar que a Igreja passa a ter com seu pontificado. Esse sentido de ruptura pode ser reiterado com a operação discursiva de agradecimento que o pontífice faz a jornalista “*E lhe agradeço muito por ter feito esta pergunta. Muito obrigado!*”. Ou seja, ao assumir o cargo de líder Católico, Francisco enfatiza que a instituição precisa repensar algumas questões. E o fato de agradecer a uma pergunta que

reflete um escândalo interno e junto a questão da homossexualidade, significa que já havia a intenção de falar sobre, mas esperava o momento oportuno, em que foi mobilizado a falar do assunto. Francisco enquanto papa não provocaria um assunto “espinhoso” como o da homossexualidade em um evento, contudo agradeceu pela oportunidade de manifestar sua posição quando questionado. Esse movimento em que expressa o agradecimento, por si só já é algo diferenciado da postura fechada e reativa da Igreja Católica tradicionalmente.

A questão interacional acionada com esse agradecimento é uma tentativa de administrar as falas, sendo que os temas são previstos de antemão em uma coletiva. Contudo, destacamos que a intenção de administrar é tentativa, pois não é possível de ter um controle da forma com que os temas e os sentidos circulam na mídia e com os atores sociais

Para além disso, essa forma de falar “quebrando os protocolos”, pode ser considerada como um gesto experimental e inovador do Papa Francisco. Ou seja, há uma estratégia comunicacional de falar de assuntos polêmicos de forma diferente do que a habitual. Nesse caso, Francisco dá abertura para novos posicionamentos, tanto a seu respeito como a respeito da Igreja. Ao dizer que não julga os homossexuais e que eles devem ser aceitos, se criam circuitos que já não são focados na coletiva no voo de retorno do Brasil, mas em discussões entre os próprios participantes das interações tanto na mídia quanto em sites de redes sociais. Nesse processo interacional, o modo como o papa se posiciona sobre os homossexuais é composto por uma estratégia de tentar pautar a forma como esse debate virá à tona em seguida. Nesse caso, novamente está presente a operação que já identificamos como uma forma de escolher o enquadramento de abordagem, em que o papa, de forma tentativa, tem de direcionar a agonística que se desencadeará a partir da sua resposta.

Considerando a opinião de um meio de comunicação ligado à Igreja Católica, temos a publicação em relação ao tema de destaque da entrevista – homossexuais – no site ACI Digital. Este meio de comunicação se caracteriza como um serviço de notícias vinculado à Igreja Católica, contudo não é considerado um meio de comunicação oficial do Vaticano. O site, ainda que não oficial do Vaticano, tenta recuperar os ensinamentos da Igreja ligando o modo de dizer de Francisco, àquilo que já está consolidado nas regras da instituição. A manchete também traz esse posicionamento a partir de uma operação que retoma o conteúdo. Nesse caso, ao dizer que o Papa “recorda aos jornalistas”, significa dizer que eles já são conhecedores desses ensinamentos, mas foi necessário relembrar sobre.

Figura 12 – Matéria sobre a coletiva no site ACI Digital



Fonte: Site ACI Digital.⁸

O site ACI Digital, ao se posicionar a respeito da fala sobre os homossexuais, traz a matéria descrevendo o que o Papa Francisco respondeu na pergunta sobre o tema, dando ênfase sobretudo na fundamentação da resposta. Há uma estratégia em dizer que o papa só falou naqueles termos porque está assim indicado no Catecismo da Igreja Católica⁹, o que aponta como uma justificativa. Assim, o site faz uma operação enfática nesse sentido quando traz a cópia literal do documento em que explica que a homossexualidade é considerada como depravação, isto é, como pecado. O site reitera a parte da fala do papa em que ele justifica sua frase de respeito a partir do que manda o documento: “*O Catecismo da Igreja Católica explica isso muito bem, dizendo – esperem um pouco... como diz... -: «Não se devem marginalizar estas pessoas por isso, devem ser integradas na sociedade»*”.

Ou seja, o que está em destaque na manchete é a reverberação de que o papa não fugiu da regra da instituição, e entende-se que a necessidade de colocar isso em evidência está relacionada aos sentidos que circularam a partir da resposta “sem julgamento” do pontífice. Aqui há um outro modo de dizer, que não é o de Francisco e nem o que representa a Igreja oficialmente; há um modo enfático de chamar a atenção que a fala do papa não é de abertura,

⁸ Disponível em: <https://bit.ly/2JpnNIA>. Acesso em: 20 nov. 2017.

⁹ O Catecismo da Igreja Católica é um documento de referência para o ensino da fé e da doutrina católica.

mas de respeito, segundo o que manda as leis da Igreja. Nesse sentido, muda-se o tom do posicionamento, justamente porque o site está atrelado a uma posição conservadora em relação a essas questões, isto é, o site sai em defesa do papa, antevendo as críticas que viriam, o que o coloca na agonística.

Os canais de comunicação oficiais do Vaticano, a Rádio Vaticano e *News.va*, passaram por uma mudança em 2017, sendo unificados em apenas um site, o *Vatican News* que tem uma conta no *Twitter*, no *Facebook* e um canal no *Youtube*. Nesses espaços não foi encontrada nenhuma notícia ou publicação a respeito da coletiva em 2013. Sendo assim, podemos dizer que a Igreja preferiu manter o tema oficial – a Jornada Mundial da Juventude – como pauta e não tomou para si, institucionalmente, os temas que vieram à tona derivados do assunto do evento, a Igreja manteve sua agenda.

5.2.1 A reverberação da frase constituindo circuitos: A produção de sentidos expressa no episódio 1

Neste item trazemos os posicionamentos, táticas argumentativas e operações a partir da mídia tradicional e dos atores sociais, sendo esse movimento o que dá início aos circuitos sobre o tema dos homossexuais do episódio 1. Para isso, buscamos as materialidades no site do Jornal Folha de São Paulo, no Portal G1 e na Revista Veja, conforme critérios elencados no capítulo 2 deste trabalho.

No site do jornal Folha de S. Paulo encontramos uma matéria que fala a respeito da frase do Papa Francisco sobre os gays (Figura 13), e uma outra que está caracterizada como uma análise da entrevista, escrita por Reinaldo José Lopes (Figura 14).

Figura 13 – Matéria publicada pelo jornal Folha de São Paulo

FOLHA DIGITAL *** Acesso ilimitado por

poder

'Se uma pessoa é gay e busca Deus, quem sou eu para julgá-la?', diz papa

FABIANO MAISONNAVE
ENVIADO ESPECIAL A ROMA

29/07/2013 @ 08h00

f Compartilhar t g+ in e < 32 mil OUVIR O TEXTO + Mais opções

O PAPA NO BRASIL Na mais ousada declaração de um pontífice sobre homossexualidade, o papa Francisco disse que os gays "não devem ser marginalizados, mas integrados à sociedade" e que não se sente em condição de julgá-los.

"Se uma pessoa é gay, busca Deus e tem boa vontade, quem sou eu para julgá-la?", afirmou Francisco aos cerca de 70 jornalistas que embarcaram a Roma com ele. "O catecismo da Igreja Católica explica isso muito bem. Diz que eles não devem ser discriminados por causa disso, mas integrados à sociedade."

Fonte: Site Folha de São Paulo.¹⁰

Figura 14 – Análise da entrevista

FOLHA DIGITAL *** Acesso ilimitado por

poder

Análise: Francisco muda ênfase, mas não conteúdo de doutrina sobre gays

REINALDO JOSÉ LOPES
COLABORAÇÃO PARA A FOLHA

29/07/2013 @ 11h56

f Compartilhar t g+ in e < 441 OUVIR O TEXTO + Mais opções

O PAPA NO BRASIL Como já está virando rotina desde que Jorge Bergoglio se tornou o papa Francisco, o pontífice tem conseguido mandar mensagens poderosas seja pelo que fala, seja pelo que cala. A declaração sobre sua recusa em "julgar" quem é gay, mas busca a Deus de modo sincero, provavelmente precisa ser lida dentro dessa moldura.

Primeiro, é verdade que, a rigor, não há nada de inovador em Francisco afirmar que é preciso acolher as pessoas com "tendências" homossexuais e, inclusive, citar o Catecismo da Igreja Católica, o guia doutrinal máximo do catolicismo, a esse respeito. É o que os últimos papas ou seus "czares" doutrinários, os chefes da Congregação para a Doutrina da Fé, têm dito reiteradas vezes.

Fonte: Site Folha de São Paulo.¹¹

¹⁰ Disponível em: <https://bit.ly/2EFmwbF>. Acesso em: 20 nov. 2017.

Nessa segunda imagem da Folha é possível perceber um tom de tensionamento, em que o autor coloca a resposta de Francisco como algo já dito, mas que pode ter significativa importância a repercussão da fala pelo viés da misericórdia, como falou Francisco. Nos comentários das matérias temos: na primeira, os dizeres são sinalizados pela concordância com o papa, já na segunda são mais tensionadores (Figuras 15 e 16)

Figura 15 – Comentários na primeira matéria

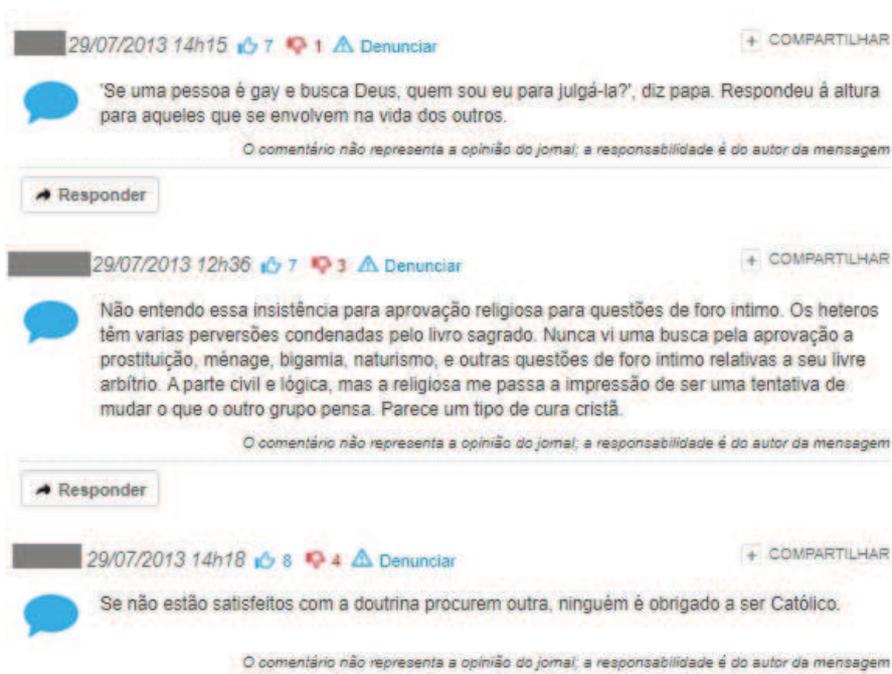


Fonte: Site Folha de São Paulo.

Nesses comentários há a incidência de opinião de uma pessoa que diz pertencer a outra religião. Nesse sentido, o ator social comenta que ser de outra denominação religiosa não o impede de “admirá-lo”, e ainda parabeniza e deseja iluminação ao pontífice. Os outros dois comentários fazem reverência a expressão de Francisco, no sentido de destacar o seu trabalho. No segundo comentário há uma comparação com papas anteriores sem nomeá-los, mas reitera que o Papa Francisco está além dos demais.

¹¹ Disponível em: <https://bit.ly/2C0BdWv>. Acesso em: 20 nov. 2017.

Figura 16 – Comentários na análise



Fonte: Site Folha de São Paulo.

Nos comentários seguintes, referentes ao artigo de opinião, as pessoas se manifestam contrárias a uma necessidade de aprovação de quem é homossexual pela Igreja Católica. Sinalizam também que foi uma resposta no sentido de silenciar pessoas que interferem na vida de outras. E por último, o comentário expressa uma crítica que incita às pessoas descontentes com a Igreja Católica a fazer parte de outra instituição religiosa.

A matéria do G1 (Figura 17)¹² sobre a frase dos homossexuais chama atenção porque já na manchete identifica que a resposta do Papa Francisco gerou reações. O próprio meio de comunicação faz referência à circulação intermediária (FERREIRA, 2013), quando busca saber o que as pessoas estão comentando sobre o tema a partir de outros dispositivos (meios e não aparatos). Isso já dá indícios de um jornalismo que também é poroso e se deixa pautar por aquilo que circula.

¹² Disponível em: <https://glo.bo/2JeKCv0>. Acesso em: 20 nov. 2017.

Figura 17 – Matéria do Portal G1 sobre a entrevista do Papa Francisco

29/07/2013 15h21 - Atualizado em 29/07/2013 15h21

Declaração do Papa Francisco sobre gays gera reações

'Quem sou eu para julgar os gays, questionou-se o pontífice. Para ativista gay, houve mudança de 'estilo', mas não de 'conteúdo'.

Da AFP

FACEBOOK TWITTER G+ PINTEREST

As declarações do Papa Francisco, que nesta segunda-feira (29) manifestou sua tolerância em relação aos homossexuais na Igreja Católica, ao questionar diante de jornalistas "Quem sou eu para julgar os gays?", geraram reações de militantes e representantes de organizações dos direitos dos homossexuais.

"Se uma pessoa é gay, busca Deus e tem boa vontade, quem sou eu para julgá-la?", afirmou o Papa durante a entrevista concedida aos jornalistas que o acompanhavam no voo de volta à Itália depois da visita de uma semana ao Brasil, surpreendendo boa parte dos vaticanistas presentes.

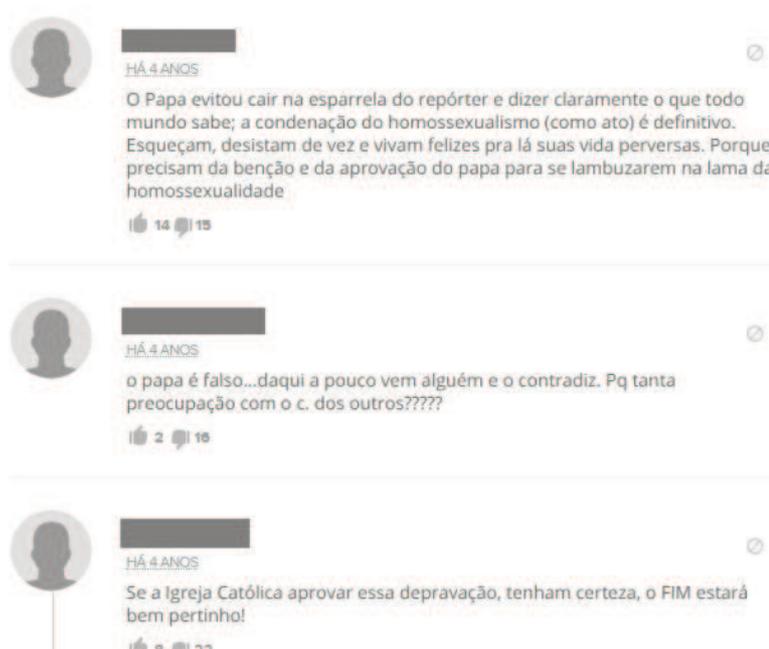
Fonte: Portal G1.

Na mesma matéria há um espaço com um vídeo, em que o conteúdo é uma reportagem veiculada no Jornal Hoje da Rede Globo (novamente um meio dentro de outro), cuja repórter é Ilze Scamprini, já em Roma. A jornalista abre a reportagem ressaltando que essa coletiva com Francisco foi uma das entrevistas mais longas concedidas por um papa.¹³ Depois, faz uma apresentação de alguns temas abordados, como por exemplo, questões acerca do banco do Vaticano, ordenação de mulheres, a comunhão de divorciados, informações sobre o *Vatileaks*, e por fim, traz a fala do Papa Francisco sobre os gays. A frase de resposta no vídeo está traduzida para o português da seguinte forma: “Acho que devemos distinguir o gay do lobby. Porque todos os lobbys são ruins. Se uma pessoa é gay e procura Jesus e tem boa vontade, quem sou eu para julgá-la?”.

¹³ Aqui percebemos uma contradição em relação aos dizeres do Papa Francisco. Lá no primeiro contato o papa diz que não gosta de dar entrevistas porque se cansa muito. Depois, nessa reportagem, a correspondente ressalta que foi uma das coletivas mais longas concedidas por um papa, com tempo de duração de uma hora e vinte minutos.

Na linha de apoio da matéria observamos que o site faz uma operação de buscar a opinião de um ativista gay, que diz que a mudança está no “estilo”, mas não no “conteúdo”, o que quer dizer que os próprios ativistas desejam mudanças nas regras da instituição. Percebe-se nesse sentido que há uma escolha por parte do jornalismo que reforça a construção de que a mudança foi só no discurso. Ou seja, há uma construção de sentido na forma com que é colocada a fala sobre os gays. Nos comentários da publicação do G1 há grande incidência de comentários negativos relacionados ao fazer da mídia e também ao papa.

Figura 18 – Comentários na matéria do G1



Fonte: Portal G1.

Nesse primeiro comentário há o questionamento sobre o lugar de fala do jornalismo quando o ator social fala que “*O Papa evitou cair na esparrela do repórter e dizer claramente o que todo mundo sabe*”. A palavra “esparrela” indica que o jornalista faz uma armadilha na pergunta, com intuito de pressionar a resposta do pontífice.

O circuito após a fala do Papa Francisco se desencadeia de variadas formas, chegando ao debate na *fanpage* Diversidade Católica. A página é administrada por um movimento de gays católicos praticantes que busca conciliar a identidade homossexual e religiosa. O grupo atua virtualmente através do site, do blog e da *fanpage* no *Facebook*. Na *fanpage* há uma publicação do dia 29 de julho de 2013, em que é compartilhado o link¹⁴ com o conteúdo do

¹⁴ Disponível em: <https://bit.ly/2xK3UXM>. Acesso em: 20 nov. 2017.

site. O texto da publicação pelo Diversidade Católica é o mesmo publicado pela Folha, contendo a indicação do veículo como fonte, pois sai de um tipo de dispositivo, que é o site da Folha, e vai para uma publicação no *Facebook*, cuja marca textual se expressa como correferência, e também faz parte do processo de circulação intermediária (FERREIRA, 2013),

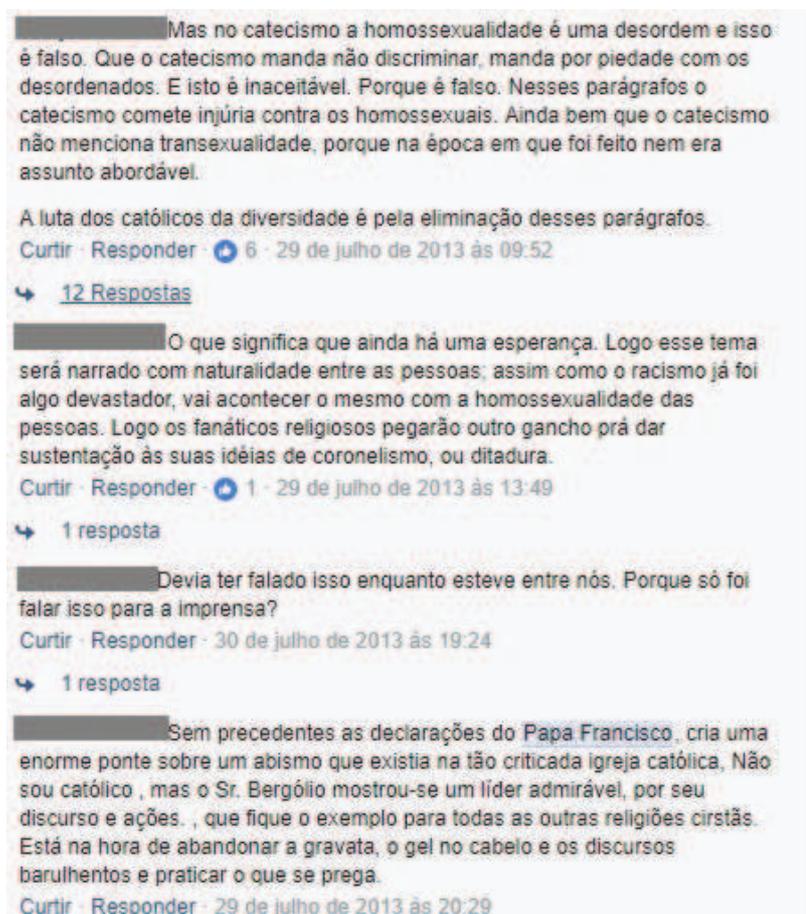
Figura 19 – Publicação da página Diversidade Católica



Fonte: *Facebook* Diversidade Católica.

Nos comentários da publicação se observa as diversas opiniões a respeito do assunto, desde as manifestações positivas de pessoas que se dizem gays em que buscam pela acolhida da Igreja Católica; e pessoas que não entendem o gesto como uma verdadeira mudança de atitudes da instituição. Na figura abaixo, após o primeiro comentário há a indicação de que o primeiro comentário estimulou mais 12 respostas, ou seja, a discussão própria é uma interação, uma conversação entre os comentadores, para além daqueles que são alvo do acontecimento, nesse caso a polêmica se generaliza socialmente. Isso quer dizer que o circuito se intensifica para além de discutir o tema, mas para uma discussão própria, particular. Uma opinião sobre o assunto que se ramifica em outros debates.

Figura 20 – Comentários da publicação



Fonte: *Facebook* Diversidade Católica.

Ao observarmos esse material, identificamos que as táticas argumentativas dos participantes se diferem de formas variadas. Há os que veem no gesto de Francisco uma possibilidade de mudança para as normas da Igreja Católica; há os que criticam os militantes que buscam a aprovação da Igreja para as pessoas LGBTQ+; há os que usam o próprio documento do Catecismo para apontar o erro da instituição ao excluir os homossexuais; e há os conservadores que acreditam que esse tipo de atitude é o começo do que será o fim da igreja, pois consideram isso como depravação.

Há, portanto, uma agonística em jogo, em que prevalece o tensionamento entre o posicionamento institucional a respeito do tema da homossexualidade e o posicionamento externo envolvendo os meios de comunicação e os atores sociais midiáticos. Esta produção é o resultado da circulação dos discursos e ações do papa que vão sendo ressignificados.

5.2.2 Mapeamento das microprocessualidades do episódio 1

O processo em circuito está relacionado a proposição de Verón (2004), que explica que um mesmo texto é comparado a outro texto se for analisado em produção e, também, em reconhecimento. Em nosso caso, o discurso do Papa Francisco está sendo observado em produção, sua fala; e no reconhecimento, a partir dos textos que sua fala suscita. Ou seja, os circuitos que emergem a partir dos discursos do papa fazem surgir novos discursos, que por sua vez, podem ou não estar de acordo com o primeiro. É nesses intervalos que a suspeita se estabelece como uma hipótese. É preciso pensar nos conjuntos textuais como “economias discursivas”, em que cada indício a ser observado tem lógicas e funcionamentos diferentes de indícios semelhantes. Os sentidos vão sendo acrescidos de novos e mais sentidos, e vão sendo valorados e/ou transformados.

Em nosso episódio 1 verificamos, portanto, a seguinte processualidade de constituição de circuitos: tendo como ponto de partida a entrevista coletiva em voo, o Papa Francisco é questionado em 2013 sobre os homossexuais. Sua resposta deriva em variadas apropriações por parte dos meios de comunicação, como por exemplo, quando o site católico tem como estratégia discursiva fazer justificativa sobre a forma em que o Papa Francisco respondeu a essa pergunta. Na mídia tradicional, podemos observar que a reverberação da frase “*Se uma pessoa é gay e busca o Senhor, e tem boa vontade, quem sou eu para julgar?*”, se manifesta de modo a enfatizar que o discurso do papa mudou na forma de tratar o assunto, mas não houve alterações no modo como a instituição trata da questão da homossexualidade.

As publicações midiáticas resultam em uma diversidade argumentativa de atores sociais que se posicionam e debatem sobre o assunto. Com a possibilidade de comentários nos sites jornalísticos e nos sites de redes sociais, há um desencadeamento do assunto que foge do tema acionado inicialmente. Esse movimento é evidenciado quando um comentário gera outros, em que a discussão passa estar focada no que o primeiro ator social defendeu, e não diretamente ao tema da matéria publicada, quer dizer, são circuitos múltiplos que se entrecruzam e vão criando significações novas, sendo novamente interpretados. Toda essa processualidade é o que Braga (2012b) vai chamar de fluxo adiante, pois não se encerra, e já não é possível capturar a totalidade do reconhecimento.

Assim, a cultura do encontro expressa pelo Papa Francisco, ao abordar de forma respeitosa o assunto sobre os gays, quando chega até os atores sociais, se transforma em outras demandas sociais. É na variedade de sentidos propostos que são acionadas imagens mentais do Papa Francisco. Nesse caso, em específico, apesar dos posicionamentos que

tensionam para um fazer efetivo do papa, ainda há um reconhecimento que, por ter falado abertamente sobre o tema sem fazer críticas, há o acionamento de um imaginário positivo sobre o papa. Este imaginário está ligado a ideia de esperança, que ainda possam ocorrer mudanças concretas, e também diz respeito a todo o conjunto em que o assunto é abordado, que corrobora com um novo modo de contato do representante da Igreja com a sociedade.

Ou seja, no episódio 1 temos: Coletiva em voo com operação do Papa (acolhimento da pergunta/resposta); operação dupla do jornalismo (deslocar da temática da jornada para a dos gays; o reenquadre da abordagem conforme camadas de sentidos acrescidos e regras do fazer jornalístico – entrevistas/ouvir ativistas); operação dos atores sociais de reconhecimento dupla (em um primeiro momento entram na tensão ao expor sua opinião e em um segundo debatem entre si criando um espaço de conversação para além do fato original).

Neste episódio temos várias camadas de sentido e vários deslocamentos, assim o acontecimento em si perde a força (jornada), e o próprio papa e seu fazer se tornam referência de um agir social no que se fala. Eles são a pauta de uma discussão social que não está exatamente no que o Papa Francisco fez na entrevista ou na jornada, mas nua postura enquanto papa, e, portanto, em sua imagem de líder e de representante de uma tensão social que já existia e que o papa traz à tona. Outro deslocamento se dá entre o que o Papa faz, sua performance e o que o jornalismo faz, bem como aquilo que os atores fazem com a notícia jornalística. Nesse sentido, parece que a Igreja fica em um lugar de suspensão sem que entre no debate, isso é evidenciado, de certo modo, porque a imagem que o episódio 1 levanta é a de uma Igreja mais aberta ou em vias de abertura.

5.3 Episódio 2: Circuito sobre o casamento de segunda união

O circuito interacional acerca do tema do casamento de segunda união é complexo e atemporal, permeando os primeiros quatro anos do pontificado de Francisco. Percebemos que os “eventos” a esse respeito conforme alguns acontecimentos em relação à temática se desencadeiam ao longo dos anos.

Quando indicamos que o casamento de segunda união é constituído por fases, significa que ele aparece em períodos distintos do pontificado, mas são marcados por acontecimentos, que é quando a circulação tem início. Inicialmente a temática é acionada na coletiva de 2013, em seguida é retomado nos Sínodos dos Bispos de 2014 e 2015, quando se torna tema para as duas reuniões; depois ainda em 2015, a discussão ganha destaque com a alteração que o Papa Francisco faz no processo de anulação do casamento; no ano seguinte, em 2016, o tema é

amplamente debatido a partir da publicação do documento que faz uma síntese dos Sínodos de 2014 e 2015, em que a temática está voltada às questões da família, em especial os casos não tradicionais. O principal elemento que difere este episódio do episódio 1 é o modo como ele é sistematizado/desenhado, sendo constituído atemporalmente, mas, mesmo assim mantém particularidades interacionais relacionadas com a forma como é abordado inicialmente na coletiva de 2013. Assim, nesse episódio analisaremos estes acontecimentos que compõem os circuitos sobre o tema do casamento de segunda união.

Consideramos que a coletiva se torna um elemento, ou um primeiro contato com o Papa Francisco, cujas respostas às intervenções jornalísticas possibilitam perceber pistas de como os temas citados seriam abordados pelo papa dali em diante. A partir do exposto, trazemos a íntegra da pergunta e resposta sobre a comunhão de recados na coletiva de 2013.

Figura 21 – Destaque da resposta do Papa Francisco em relação aos sacramentos para divorciados

Gian Guido Vecchi:

Santo Padre, também nesta viagem falou várias vezes de misericórdia. A propósito do acesso aos sacramentos para os divorciados que voltaram a casar, há possibilidades que algo mude na disciplina da Igreja? Que esses sacramentos sejam uma ocasião para aproximar essas pessoas, em vez de uma barreira que os separa dos outros fiéis?

Papa Francisco:

Este é um tema que sempre pedem. A misericórdia é maior do que aquele caso que o senhor põe. Eu creio que este seja o tempo da misericórdia. Esta mudança de época e também os muitos problemas da Igreja – como um testemunho não bom de alguns padres, problemas mesmo de corrupção na Igreja, também o problema do clericalismo, só para exemplificar – deixaram muitos feridos, muitos feridos. E a Igreja é Mãe: deve ir curar os feridos, com misericórdia. Mas, se o Senhor não se cansa de perdoar, nós não temos outra escolha além desta: em primeiro lugar, curar os feridos. É mãe, a Igreja, e deve seguir por esse caminho de misericórdia. E encontrar uma misericórdia para todos. Mas eu acho que, quando o filho pródigo voltou para casa, o pai não lhe disse: «Mas ouça, ponha-se cômodo: o que você fez com o dinheiro?» Não! Ele fez festa! Talvez depois, quando o filho quis falar, ele falou. A Igreja deve fazer assim. Quando há pessoas... não se limitar a esperar por elas, mas sair ao seu encontro! Esta é a misericórdia. E eu penso que este seja um *kairos*: este tempo é um *kairos* de misericórdia. Mas o primeiro que teve esta intuição foi João Paulo II: quando ele começou com Faustina Kowalska, com a Divina Misericórdia... tinha algo em mente, ele intuiu que era uma necessidade deste tempo. Relativamente ao problema da Comunhão para as pessoas em segunda união – já que os divorciados podem ir à Comunhão, não há problema – mas, quando eles vivem em segunda união, não podem. Eu acho que é necessário estudar isso na totalidade da pastoral do matrimônio. E por isso é um problema. Mas os próprios ortodoxos – e aqui abro um parêntese – têm uma prática diferente. Eles seguem a teologia da *economia*, como eles dizem, e dão uma segunda possibilidade, permitem-no. Mas eu acho que este problema – e fecho o parêntese – deve ser estudado no quadro da pastoral do matrimônio. E, para isso, temos duas coisas: primeira, um dos temas a consultar a estes oito cardeais do Conselho dos Cardeais, com quem nos reuniremos nos dias 1, 2 e 3 de outubro, é como avançar na pastoral do matrimônio, e este problema será lançado lá. E uma segunda coisa: esteve comigo, quinze dias atrás, o secretário do Sínodo dos Bispos, para ver o tema do próximo Sínodo. O tema seria antropológico, mas olhando-o de um lado e de outro, indo e vindo, encontramos este tema antropológico: a fé como ajuda no planejamento da pessoa, mas na família para se debruçar depois sobre a pastoral do matrimônio. Estamos a caminho de uma pastoral do matrimônio um pouco mais profunda. E este é um problema de todos, porque há muitos, não? Por exemplo – digo apenas um – o cardeal Quarracino, meu predecessor, dizia que para ele metade dos matrimônios são nulos. Mas dizia isso, porquê? Porque casam-se sem maturidade, casam-se sem notarem que é para toda a vida, ou casam-se porque socialmente se devem casar. E com isso tem a ver a própria pastoral do matrimônio. E também o problema judicial da nulidade dos matrimônios: isso deve ser revisto, porque os Tribunais eclesiais não são suficientes para isso. É complexo o problema da pastoral do matrimônio. Obrigado!

Fonte: Santa Sé (Vaticano).¹⁵

Ao ser questionado pelo jornalista Gian Guido Vecchi sobre o acesso aos sacramentos para divorciados, o pontífice inicia a resposta dizendo que “*Este é um tema que sempre*

¹⁵ Encontro do Papa Francisco com jornalistas no voo de retorno do Rio de Janeiro em 28 de julho de 2013. Disponível em: <https://bit.ly/2LdTX6Q>. Acesso em: 20 nov. 2017.

pedem”. Ou seja, são assuntos que já são previstos em uma coletiva, nesse caso sendo o primeiro contato de Francisco com jornalistas de vários lugares.

A resposta do Papa Francisco para a situação de recasados que querem participar da Comunhão é bem explicativa. Nesse caso, ao longo da reposta o papa faz uma contextualização do tema, e diz que esse assunto deve ser estudado pela pastoral do matrimônio. Porém, antes de ser debatido nessa pastoral, é necessário levar a questão ao Conselho dos Cardeais, um grupo formado por oito cardeais. Quando faz essa indicação, o papa já menciona a data em que isso vai acontecer. Quer dizer, há uma sinalização querendo dizer, “já está na agenda”, dando importância a resolução desse problema. Como uma segunda pista, Francisco fala que esteve com o secretário do Sínodo dos Bispos, e que a união de recasados entraria dentro do tema abordado na reunião. Francisco enfatiza que isso é um problema antropológico e é necessário rever em profundidade. Em seguida, dá exemplos sobre matrimônios que são nulos pela falta de maturidade de grande parte dos casais ao se casarem. Nesse ponto já menciona que o processo de nulidade matrimonial também precisa ser revisto, e como veremos adiante, o assunto é retomado em 2015.

Evidenciamos nessa fala, que mesmo assumindo que há problemas com as práticas da Igreja em relação a essas particularidades matrimoniais, o pontífice se dirige ao grupo de cardeais. Ou seja, há uma lógica argumentativa de dizer que por conta própria, mesmo sendo o líder, o papa não toma as decisões sozinho, sendo necessário passar pelo debate de outros membros da Igreja. Essa especificidade não é algo que surge no caso dos homossexuais, por exemplo. Naquela situação o papa não promete avanços na norma da instituição, ele apenas expressa um posicionamento de não julgamento. Nessa resposta podemos identificar modos performativos de expressão que sinalizam uma ação, assim como contempla os estudos de Austin (1990). Quando Francisco diz: “*Estamos a caminho de uma pastoral do matrimônio mais profunda*”, está indicando ação. Nesse sentido, a marca discursiva aponta não apenas para um modo de falar, mas performatiza uma ação que está em curso, que é transformar esse setor que trabalha com questões voltadas às famílias.

Essa temática, inicialmente identificada na coletiva em 2013, tem destaque no Jornal Nacional a partir de uma reportagem tratando dos assuntos mais relevantes abordados na coletiva do avião¹⁶. A reportagem é da correspondente Ilze Scamprini que indica os principais temas, e dentre eles fala da pergunta do correspondente Gian Guido Vecchi. Na reportagem a correspondente comenta: “*Para os divorciados que se casaram de novo, e que não podem*

¹⁶ Disponível em: <https://globoplay.globo.com/v/2723075/>. Acesso em: 20 nov. 2017.

comungar, o papa abriu uma esperança”. Em seguida aparece a imagem do pontífice respondendo que *“esse problema deve ser estudado pela pastoral matrimonial”*. Observamos aqui uma gramática de produção do jornalismo identificada como a reelaboração da entrevista, ou seja, a jornalista faz uma narração do que foi a coletiva no avião. Isso indica, por parte do jornalismo, que a coletiva em questão não pode ser desvinculada dessa gramática de reelaboração.

Figura 22 – Reportagem sobre os temas abordados na coletiva em voo em 2013



Fonte: Jornal Nacional/Globo Play.

Ou seja, a introdução que a correspondente usa para se referir a resposta do papa sobre os divorciados é de que essa resposta indica uma possibilidade de mudança relacionada a doutrina da Igreja, sendo que esta estabelece como regra que pessoas divorciadas não podem receber o Sacramento da Comunhão. No momento em que o Jornal Nacional faz esse resumo dos temas abordados na coletiva, ele elenca a resposta sobre divorciados e recasados como importante, dando a premissa que é um tema que será reavaliado pelo Papa Francisco. Além disso, o jornal insere o tema na pauta social e conduz o telespectador a uma imagem do papa que não nega de entrar em assuntos delicados.

5.3.1 A circulação do episódio 2: Produção de sentidos a partir do Sínodo de 2014

Em função dessa “promessa” por uma revisão da pastoral para rever o assunto da união de recasados, há um movimento em circuito que acontece em outubro de 2014. O tema é pautado na III Assembleia Geral Extraordinária do Sínodo dos Bispos,¹⁷ que ao final um documento contendo o relatório das reuniões é divulgado pelo papa.

Figura 23 – Parágrafos do relatório que apontam para a reflexão em torno do tema dos recasados

52. Refletiu-se sobre a possibilidade de que os divorciados e recasados acedam aos sacramentos da Penitência e da Eucaristia. Diversos Padres sinodais insistiram a favor da disciplina atualmente em vigor, em virtude da relação constitutiva entre a participação na Eucaristia e a comunhão com a Igreja e o seu ensinamento sobre o matrimônio indissolúvel. Outros manifestaram-se a favor de um acolhimento não generalizado na mesa eucarística, nalgumas situações particulares e em condições muito específicas, sobretudo quando se trata de casos irreversíveis e ligados a obrigações morais em relação aos filhos, que viriam a padecer sofrimentos injustos. O eventual acesso aos sacramentos deveria ser precedido por um caminho penitencial, sob a responsabilidade do bispo diocesano. Esta questão ainda deve ser aprofundada, tendo perfeitamente presente a distinção entre situação objetiva de pecado e circunstâncias atenuantes, uma vez que «a imputabilidade e a responsabilidade de um ato podem ser diminuídas, e até anuladas» por diversos «fatores psíquicos ou sociais» (*Catecismo da Igreja Católica*, 1735).

53. Alguns Padres sinodais afirmaram que as pessoas divorciadas e recasadas ou conviventes podem recorrer frutuosamente à comunhão espiritual. Outros interrogaram-se, então, por que motivo não podem aceder à comunhão sacramental. Além disso, solicita-se um aprofundamento desta temática, capaz de fazer sobressair a peculiaridade das duas formas e o seu nexos com a teologia do matrimônio.

Fonte: Santa Sé (Vaticano).¹⁸

O primeiro movimento de circuitagem é iniciado pela Folha, quando dá espaço a uma crítica¹⁹ de membros conservadores da Igreja ao se dirigem ao Papa Francisco. Nesse espaço, o jornal traz a opinião de um colunista que destaca a seguinte frase: “*O papa Francisco diz que gosta de fazer bagunça. Bem, missão cumprida*”. A frase pertence a uma publicação de um bispo americano, que conforme o colunista, foi publicada em um blog pessoal. De acordo com a Folha, a explicação sobre a “*bagunça*” que o Papa Francisco diz fazer tem a ver com “*interpretações distorcidas*” das falas do pontífice. Na matéria o colunista relaciona que as críticas em relação ao papa cresceram em função do Sínodo de 2014, em que os principais temas foram a necessidade da Igreja acolher os gays e, também, opções positivas para as uniões não abençoadas pela Igreja. Nesse caso, o descontentamento com Francisco nasce de

¹⁷ “A palavra “sínodo” vem de duas palavras gregas: “syn”, que significa “juntos”, e “hodos”, que significa “estrada ou caminho”. Logo, o Sínodo dos Bispos pode ser definido como uma reunião do episcopado da Igreja Católica com o Papa para discutir algum assunto em especial, auxiliando o Santo Padre no governo da Igreja” (Canção Nova). Disponível em: <https://bit.ly/2JpHtMb>. Acesso em: 20 nov. 2017.

¹⁸ Relatório do Sínodo dos Bispos de outubro de 2014. Disponível em: <https://bit.ly/2Jr6ary>. Acesso em: 20 nov. 2017.

¹⁹ Disponível em: <https://bit.ly/2kuftZV>. Acesso em: 20 nov. 2017.

peças de dentro da instituição. A tática argumentativa é usar a palavra “bagunça” para evidenciar que desaprovam a decisão do papa.

Há ainda comentários na matéria que sinalizam descontentamentos em relação ao Papa Francisco apontando-o como comunista e formador de opinião, e que a Igreja deixou de ser o centro de tudo. As críticas são dirigidas também ao bispo citado na coluna, indicando que o religioso não percebeu as mudanças ocorridas. No total de nove comentários, apenas um é positivo: “*Conservador não critica papa. Esses, que se insurgem, são bagunceiros*”. Ou seja, o ator social está dizendo que quem critica o papa é que tenta gerar ‘bagunça’. A partir dos comentários tanto do bispo como dos atores sociais, entra em jogo a imagem de que o papa está mexendo (bagunçando) com a estrutura estabelecida da Igreja. Dá uma conotação de que Francisco está desestabilizando algo que se mantém igual desde muito tempo. A imagem acionada aqui, é por parte do bispo, que coloca em tensão o lugar de fala do papa por “tentar” desagradar parte do clero.

Figura 24 – Comentários a respeito da coluna no site da Folha de S. Paulo



Fonte: Site Folha de S. Paulo.

Em uma matéria²⁰ no G1 de dezembro de 2014, o portal traz a seguinte manchete: “*Papa explica mal-entendido envolvendo Sínodo sobre a família*”, e com a linha de apoio: “*Francisco esclareceu que o casamento católico é indissolúvel. Ele lamentou a visão apresentada sobre homossexualidade e divorciados*”. Nessa matéria o G1 explica que meses depois de ocorrer o Sínodo dos Bispos o Papa Francisco explicou que houve mal-entendidos gerados pela imprensa acerca dos temas da homossexualidade e comunhão entre os divorciados.

Figura 25 – Matéria do G1 com as falas do Papa Francisco sobre mal-entendidos

O Papa Francisco explicou nesta quarta-feira (10) os mal-entendidos gerados na opinião pública envolvendo o Sínodo sobre a família, esclarecendo que o casamento católico é indissolúvel, depois de lamentar a visão apresentada pela imprensa dos debates dentro da Igreja sobre homossexualidade e comunhão entre os divorciados.

Diante de cerca de 13 mil pessoas de todas as nacionalidades, o Papa argentino quis mostrar seu ponto de vista sobre a primeira assembleia de bispos de todo o mundo convocada por ele em outubro passado no Vaticano para falar da resposta da Igreja aos desafios da família moderna.

saiba mais

- Vaticano não cita gays em texto final do Sínodo dos Bispos
- Leia o texto na íntegra (em italiano)
- Cardeal diz que acolhida aos gays não mudará valores da Igreja Católica
- Documento do Vaticano defende mudança da Igreja em relação a gays

“Com frequência a visão dos meios de comunicação era ao estilo das crônicas esportivas ou políticas: falava-se de duas equipes, uma a favor e outra contra, conservadores e progressistas, etc. Hoje gostaria de contar a vocês o que ocorreu no sínodo”, anunciou o Papa, em um gesto inédito.

“Não houve censura prévia, e cada um podia, devia, dizer o que tinha no coração. E houve transparência ao publicar todos os documentos”, afirmou.

“O sínodo não é um Parlamento, mas um espaço protegido para que o Espírito Santo possa agir. Não houve um confronto entre facções, mas um debate entre bispos, que agora prosseguirá em um novo trabalho para o bem da família”, disse.

Francisco reconheceu que os debates entre os bispos foram fortes, o que considera um sinal de grande liberdade, e ressaltou que nenhuma intervenção colocou em discussão princípios fundamentais para a igreja católica como “a indissolubilidade (do casamento), a unidade, a fidelidade e a abertura à vida”, disse a partir da Praça de São Pedro.

Fonte: Portal G1.

Nas falas do pontífice há um descontentamento com o que os meios de comunicação publicaram a respeito dos debates no Sínodo. E inclusive há uma crítica ao jornalismo, em que o papa sinaliza que frequentemente os meios de comunicação realçam dois lados da história. Para isso usou a metáfora do esporte, em que a mídia apresenta duas equipes, uma a

²⁰ Disponível em: <https://glo.bo/2stPG8o>. Acesso em: 20 nov. 2017.

favor e outra contra, e no caso da Igreja seria os conservadores contra os progressistas. Dessa forma, identificamos que no momento que o G1 traz uma crítica feita pelo papa aos meios de comunicação, há uma tentativa de demonstrar que há conflitos entre os posicionamentos. Assim, evidencia a disputa pelo fechamento do sentido sobre a questão em debate. De certo modo o G1 dá a entender que o papa não consegue sustentar seus posicionamentos, e assim quer transferir a responsabilidade para o jornalismo.

Em seguida, o site traz as falas do pontífice em que ele explica o que houve no Sínodo, enfatizando que o espaço do Sínodo não é um “confronto entre facções”. E, também, reconheceu que os debates foram fortes, o que indica liberdade de fala entre os bispos, e ainda evidencia que essas diferenças são tensões internas. E por fim, Francisco se posiciona reiterando a opinião e a decisão da Igreja sobre a “indissolubilidade (do casamento)”, que em nenhum momento da reunião foram colocados em discussão os princípios da Igreja Católica. A necessidade de o Papa Francisco fazer esse tipo de esclarecimento indica que a Igreja está consciente tanto das notícias que saíram a respeito das decisões do Sínodo, como também a forma como isso se transforma em outros significados pela condução em circulação. Ou seja, a Igreja sabe que os assuntos que lhe dizem respeito são de interesse social, e por isso mesmo estão imersos na midiatização, logo, já não mais podem escapar da circulação dos sentidos.

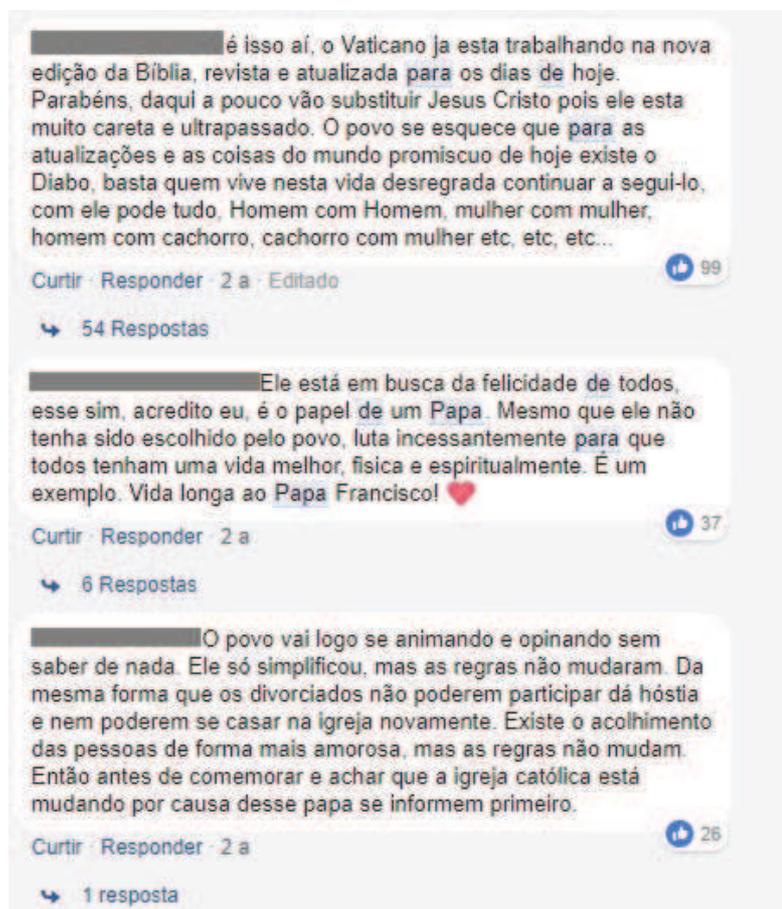
5.3.2 Reforma no processo canônico: Retomada do circuito em 2015

O tema da comunhão de recasados retorna na circulação midiática, quando em agosto de 2015 o Papa Francisco divulgou um documento tratando da reforma do processo canônico para as causas de nulidade matrimonial no Código de Direito Canônico.²¹ Uma publicação do G1²² sobre o assunto gerou 506 comentários, sendo que a matéria também foi publicada no *Facebook*, que também gerou inúmeras reações. Nesse caso, destacamos que os circuitos que se entrecruzam, como mostra a Figura a seguir, em que um comentário teve 54 respostas.

²¹ Carta Apostólica em forma de «Motu Proprio» sobre a reforma do processo canônico para as causas de declaração de nulidade do matrimônio. Disponível em: <https://bit.ly/2HhUBOh>. Acesso em: 20 nov. 2017.

²² Disponível em: <https://glo.bo/2tU5SQW>. Acesso em: 20 nov. 2017.

Figura 26 – Comentários na publicação do G1 no *Facebook* a respeito do processo de anulação do casamento



Fonte: *Facebook* G1.

Dentro desse debate se observa estratégias diversificadas de argumentação, como o que faz um elogio ao Papa Francisco por buscar a “*felicidade de todos*”. assim como há o comentário que chama atenção de pessoas que opinam sem saber a fundo do que se trata. Ou seja, o ator social chama atenção dos demais para a matéria dizendo: “*Ele só simplificou, mas as regras não mudaram*”. Percebemos uma tentativa de retomar o sentido da publicação do portal G1. Há a incidência de diálogos e tensionamentos também entre atores sociais que se dizem evangélicos e católicos, colocando em jogo as diferentes doutrinas das instituições: “*esses evangélicos falam tanto em respeito, mas são os primeiros a criticar a crença alheia. Se não for evangélico, logo não presta, é idólatra, ateu, macumbeiro, etc, etc e está condenado ao "inferno"*. Ou seja, o assunto que inicialmente era sobre a reforma nas normas do Código Canônico, passa a formar outros sentidos, ligados ou não com o que foi proposto pelo portal G1.

Na publicação da Veja a matéria também aparece com sentido de simplificar o processo de anulação do casamento.

Figura 27 – Publicação e comentários da Veja no *Twitter*



Fonte: *Twitter* Veja (@veja).

Nos comentários também identificamos o antagonismo de opiniões em relação a decisão do Papa Francisco, sendo que o sentido desse último comentário é o de retomar a ideia de simplificação. Ou seja, o ator social escreve que o “*papa não aprovou a anulação, mas a nulidade*”, explicando que o sentido da expressão está em reconhecer que o casamento nunca se legitimou. Aqui é retomado a lógica do discurso presente no episódio dos homossexuais, quando os atores sociais indicam a mudança de palavras, mas não na doutrina da Igreja. O caso sobre a nulidade é semelhante quando alguém argumenta que mesmo tendo alterado a burocracia da nulidade, não significa que o Papa Francisco esteja favorável a anulação de casamentos, como também não significa que o procedimento não será simplista.

O circuito sobre casamento de segunda união tem continuidade e se abre para outros circuitos com o relatório final da XIV Assembleia Geral ordinária do Sínodo dos Bispos²³, que novamente aborda questões voltadas à família.

Figura 28 – Manchete da matéria publicada no site do Jornal Nacional



Fonte: Site Jornal Nacional.²⁴

O conteúdo dessa publicação indica os temas tratados no Sínodo, e reitera que o documento referido pode desagradar algumas pessoas por conta de não haver avanços relacionados aos homossexuais, contudo, aborda que sobre a união de recasados teve um pequeno avanço.

O jornal traz o descontentamento de Francisco em relação aos conservadores da Igreja, “os líderes da Igreja devem enfrentar as questões sem medo e sem esconder a cabeça na areia”. Nesse movimento de criticar a base da instituição, a tensão fica evidente quando Francisco lamenta a falta de aliados para pensar nas transformações da Igreja.

²³ XIV Assembleia Geral Ordinária - A vocação e a missão da família na Igreja e no mundo contemporâneo. relatório final do Sínodo dos Bispos. Disponível em: <https://bit.ly/2LVVznh>. Acesso em: 20 nov. 2017.

²⁴ Disponível em: <https://glo.bo/2LXP570>. Acesso em: 20 nov. 2017.

Figura 29 – Trecho da matéria no site do Jornal Nacional

O texto foi considerado confuso pelos que desejavam mudanças e também pelos que não queriam. O documento reitera a posição de que os homossexuais não podem ser discriminados, mas que não há qualquer fundamento para o casamento de pessoas do mesmo sexo.

Já sobre a integração dos divorciados, um pequeno avanço. O documento, que reúne sugestões ao Papa, propõe que cada padre analise individualmente, caso a caso, para decidir se autoriza a comunhão íntima a um católico que voltou a se casar.

Em sua mensagem final, Francisco não parecia satisfeito e criticou os conservadores ao dizer que os líderes da Igreja devem enfrentar as questões sem medo e sem esconder a cabeça na areia.

A maioria dos bispos aprovou o relatório, que já foi entregue ao Papa. Agora ele pode decidir por um novo documento.

O Sínodo durou três semanas e foi marcado pela notícia de um jornal italiano sobre um tumor no cérebro do Papa, desmentido várias vezes.

Para os religiosos mais progressistas e o jornal do Vaticano, "L'Osservatore Romano", os boatos foram intencionais e tiveram o objetivo de enfraquecer a figura do Papa durante os trabalhos da assembleia.

Fonte: Site Jornal Nacional.

Percebe-se que no final da matéria há a informação de que boatos durante o período do Sínodo foram propositais, com o objetivo de “*enfraquecer a figura do Papa durante os trabalhos da assembleia*”. Observamos que o meio de comunicação, a partir do parágrafo citado, decide trazer informações para além dos temas da assembleia, suscitando questões intencionais de atingir o pontífice.

Na Folha de S. Paulo, a matéria publicada no dia 23 de outubro de 2015, traz a seguinte manchete: “*Papa não consegue avanço com bispos em temas como segundo casamento*”²⁵. Identificamos nas duas matérias a ênfase em dizer que o Papa Francisco não consegue concretizar seu objetivo com o Sínodo sobre a família.

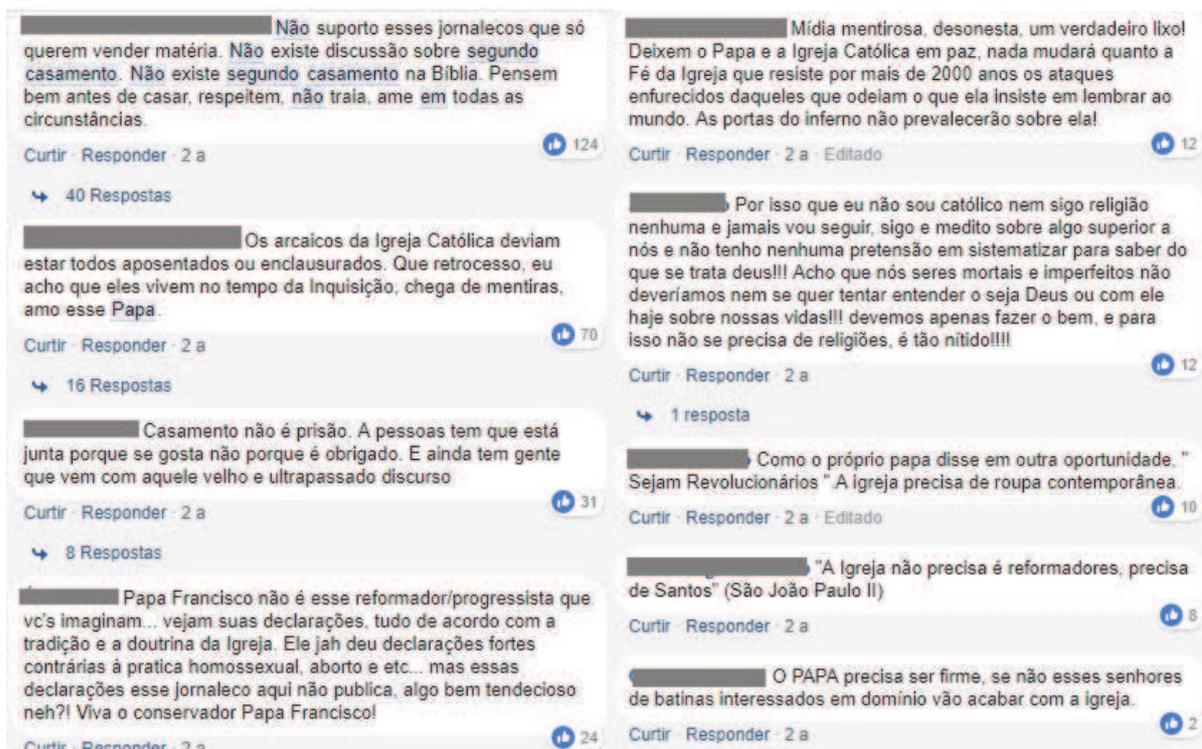
²⁵ Disponível em: <https://bit.ly/2Hg9xwt>. Acesso em: 20 nov. 2017.

Figura 30 – Manchete da Folha de S. Paulo sobre o Sínodo

The image shows a screenshot of a news article from the Folha de S. Paulo website. At the top, there is a blue banner with the word "mundo" in white. Below this, the logo for "theguardian" is displayed in blue. The main headline in bold black text reads: "Papa não consegue avanço com bispos em temas como segundo casamento". Below the headline, the author's name "STEPHANIE KIRCHGAESSNER DO GUARDIAN" and the date "23/10/2015 © 18h54" are visible. A social media sharing bar includes icons for Facebook, Twitter, Google+, LinkedIn, and Email, along with a share count of "1,9 mil" and a "OUVIR O TEXTO" button. The article text begins with: "O papa Francisco não conseguiu convencer a maioria esmagadora dos bispos reunidos em Roma a mudar as regras da igreja que proíbem católicos que se casaram novamente de receber a comunhão." A second paragraph starts with: "O fracasso representa um golpe significativo na esperança do pontífice em reformar a igreja e trazer fieis de volta." A large grey rectangular area on the right side of the article is missing an image.

Fonte: Site Folha de S. Paulo.

A matéria da Folha traz informações internas do Sínodo descrevendo tensionamentos entre a opinião do Papa Francisco e de bispos que se colocaram contrários as suas percepções. No texto há um esclarecimento sobre o que eram as tentativas de boatos com o intuito de interferir na assembleia, iniciadas com uma carta de 13 cardeais criticando a forma como o papa vinha conduzindo o Sínodo. O site explica que na carta foi alegado que o pontífice teve “*um pequeno, mas benigno tumor cerebral*”, mas a informação foi desmentida pelo Vaticano, afirmando que foi uma notícia fabricada com o objetivo de interferir no processo da assembleia. Observamos uma tentativa de enfraquecimento da imagem de Francisco por conta dos descontentes com suas atitudes, e dá o sentido de querer derrubar o poder do líder com “fofocas”. Na matéria do site não há comentários de atores sociais, contudo a mesma matéria foi publicada na página da Folha no *Facebook*, e o conteúdo gerou inúmeras reações.

Figura 31 – Comentários na matéria publicada no *Facebook*

Fonte: *Facebook* Folha de S. Paulo.

Observamos que os próprios comentários geram outros comentários, como o exemplo do primeiro, em que aparecem 40 respostas. Há nesse material opiniões críticas à mídia, que nesse caso pode estar se referindo a Folha de S. Paulo pela publicação, como ao meio de comunicação indicado na matéria de vazar a informação falsa sobre o Papa Francisco. A partir dos comentários, cria-se um espaço de conversação entre os comentaristas, e nesse espaço o jornalismo não se coloca, mas estimula a interação entre os participantes. Há um sentido de provocação ao lançar o tema, e sobretudo a forma com que lança esse conteúdo. Há também as opiniões que se dividem entre favoráveis a permanência das leis da Igreja em relação ao casamento, assim como o que acreditam que o Papa Francisco deve insistir nas reformas da instituição. No comentário: “*O PAPA precisa ser firme, se não esses senhores de batinas interessados em domínio vão acabar com a Igreja*”, entende-se que o apelo do ator social vai além da reforma nas leis sobre o matrimônio, e aponta para os próprios religiosos “*de batina*” como sendo um problema para a instituição.

A Igreja Católica também se manifesta sobre o final do Sínodo sobre a família na página *Vatican News* no *Facebook* sobre a publicação do relatório final do Sínodo. Nos espaços midiáticos da Igreja Católica percebe-se uma espécie de circulação intramidiática, já que todas as redes se referem a uma única postagem realizada no *Vatican News*. Já no site e

na página do *Facebook* da ACI Digital o material publicado dá sentido conclusivo ao Sínodo: “*Relatório final do Sínodo reafirma doutrina da Igreja e ressalta beleza da família*”.²⁶ Ao reafirmar a doutrina, está explícito que não houve alterações sobre o assunto do casamento de segunda união, assim como enfatiza a constituição da família tradicional. Tanto no site da ACI Digital não há comentários, assim como no *Facebook* aparece apenas um: “*Paz e amor*”.

Figura 32 – Últimos dois parágrafos da matéria no site ACI Digital

Este parágrafo do documento, aprovado por 221 votos contra 37, pontua que “não existe fundamento algum para assimilar ou estabelecer analogias, nem sequer remotas, entre as uniões homossexuais e o desígnio de Deus sobre o matrimônio e a família”, como assinala um documento da Congregação para a Doutrina da Fé.

O desafio dos divorciados recasados é mencionado especificamente nos numerais 83, 84, 85 e 86. Neles existe uma extensa explicação acerca da importância de acolhê-los na Igreja e recordar-lhes que não estão excomungados embora sua situação seja irregular; e expõe uma série de orientações para acompanhar aos fiéis e cuidar especialmente dos seus filhos.

Fonte: Site ACI Digital.

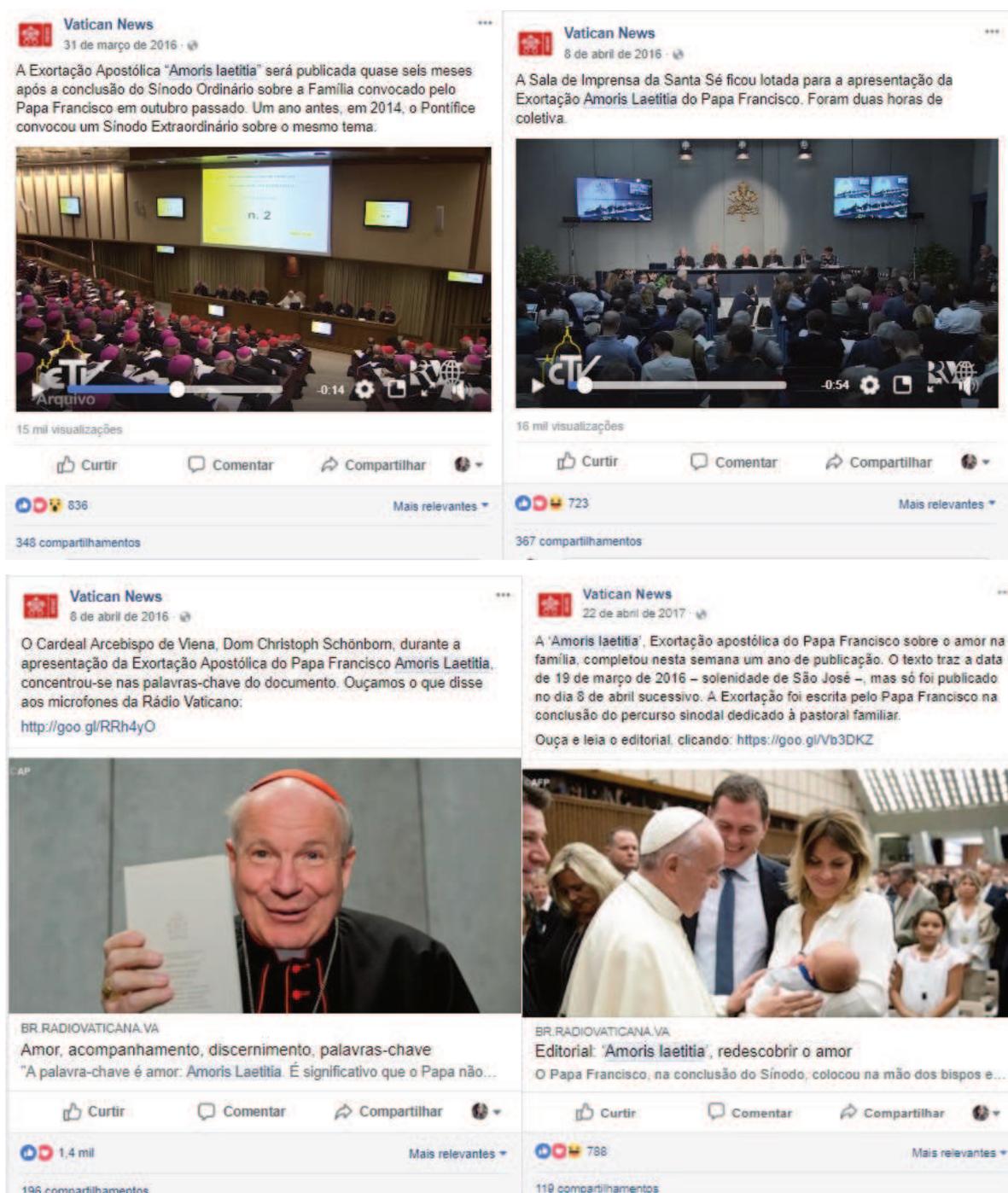
5.3.3 Agonística em reverberação: 2016

Em março de 2016 o Vaticano anuncia a publicação da Exortação Apostólica Pós-Sinodal *Amoris Laetitia* (Alegria do Amor).²⁷ O documento faz o fechamento dos dois últimos Sínodos tematizando questões voltadas à família, e dá ênfase sobre processos em caso de casamento de segunda união. A página oficial do Vaticano no *Facebook* faz diversas postagens sobre a exortação. Contudo, Com a fusão dos meios de comunicação em apenas um canal, identificamos que muitos materiais se perderam não sendo encontrados no site, o que conseguimos captar são as publicações da página no *Facebook*. Salientamos que a busca também se deu no *Twitter*, mas não foram encontrados resultados sobre o documento. Elencamos as principais publicações do *Facebook* abaixo:

²⁶ Disponível em: <https://bit.ly/2stBdcH>. Acesso em: 20 nov. 2017.

²⁷ Disponível em: <https://bit.ly/1Xlj3AS>. Acesso em: 20 nov. 2017.

Figura 33 – Conjunto de prints das publicações do *Vatican News* no *Facebook* sobre a exortação *Amoris Laetitia*



Fonte: *Facebook Vatican News*.

Na primeira imagem há o anúncio de que a exortação será publicada em abril, indicando que o documento é o resultado dos Sínodos anteriores; ao abrir para o texto há um trecho de uma matéria explicativa sobre o documento. Na segunda captura de tela há também um vídeo falando da coletiva de imprensa organizada para que o Papa Francisco fizesse a

divulgação da exortação, como também respondesse dúvidas a respeito do conteúdo do documento. Na sequência, datada do dia 8 de abril, traz uma entrevista que o então cardeal havia concedido a Rádio Vaticano, apontando que o religioso citou palavras-chave para explicar a exortação.

Na quarta imagem datada de 22 de abril de 2017, a instituição Católica faz um movimento de retomada da publicação da Exortação Apostólica, enfatizando o aniversário de um ano da publicação. Podemos destacar a imagem que aparece na última captura de tela: o Papa Francisco indo ao encontro de um bebê que é carregado no colo pela mãe e ao lado o seu esposo. A imagem pode ser identificada como a reiteração de que quando é acionado o tema da exortação *Amoris Laetitia*, o fundamental é perceber que a doutrina permanece imutável no que diz respeito às questões de família. O fato de a instituição retomar o tema em forma de comemoração, e mesmo um ano depois os atores sociais seguirem o debate, significa que o circuito vai além dos anos, ele não se encerra. Essas publicações também geraram reações diversas com os comentários no *Facebook*, desde relatos pessoais em que a condição matrimonial faz com que sejam excluídos da Igreja, como também questionamentos de até quando são válidos os matrimônios.

Figura 34 – Comentários das publicações do *Vatican News* no *Facebook*

Por ser um católico não só por escolha é pela minha família, fiquei decepcionado com alguns acontecimentos, percebendo as mudanças e renovações que a sociedade de maneira ampla, não posso é não dá pra entender algumas tradições e obrigatoriedade imposta pelo clero, tenho uma filha batizada, e agora um recém nascido, que no caminhar dos acontecimento será um pagã, fui em busca da paróquia que frequento para batizar meu filho, mais pra minha surpresa não poderei batizar, pois os padrinhos tem que ser casados, obrigatoriamente casados, mais explicando e tentando resolver não houve sequer uma proposta de resolver isso, e ainda mesmo que, no caso dos padrinhos é meu irmão, casado no civil, frequentador da paróquia, com filhos batizados por mim, em uma outra paróquia, e não sou casado na igreja, além dos afilhados do meu irmão, sou padrinho de outra criança, e mesmo assim vou ver meu filho crescer um pagã, ou atender a ajuda do pastor que de pronto ofereceu batizar meu filho, mais o que mais me deixou triste foi perceber o quanto a igreja que frequento, não propôs alguma ajuda ou solução, a única explicação que recebi foi que o padre não poderia fazer nada. Ouvir isso dentro da igreja me deixou triste demais, desanimado por sempre acreditar que o amor em Cristo e amor pela ser humano é maior que regras ultrapassadas e medievais. Lamento, mais por isso que a igreja está perdendo almas, por ser arcaica e medieval. Por não pregar a palavra e viver a palavra de Cristo. Pois Cristo foi batizado, e não fala nada na bíblia que pra batizar um recém nascido tenha que ser casado na igreja. Lamentável

o q vcs fariam se fossem judiadas e sofressem maus tratos? viver com alguém só por causa disso, nem vcs q estão aí pedindo misericórdia, já vi gente q não se separou mas botou galho no marido, este "é o caso?"

Curtrir · Responder · 1 a

nao aceito este negócio q o casamento é indissolúvel quem é que vai viver toa uma vida sofrendo por causa do documeto? por isso as pessoas estão indo para outras religiões

Curtrir · Responder · 2 a

não vão por Deus, vão por conveniencia e vão tarde. não é coisa de homens, Jesus disse o que Deus uniu o homem não separe, cada caso é um caso e é óbvio que uma mulher que sofre violência doméstica ninguém vai acoiatar.

Curtrir · Responder · 2 a

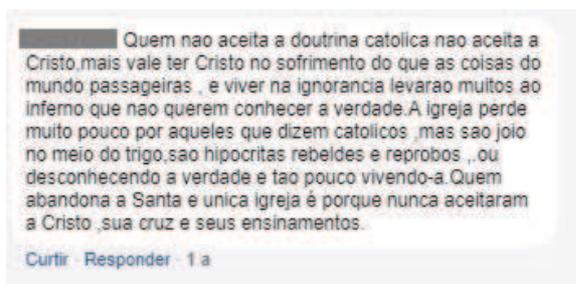
Isso não uma questão dogmática irmã e sim bíblica. A igreja não é moldada pelas conveniências individuais de seus fiéis e sim pelo evangelho!

Curtrir · Responder · 2 a

Caro [nome] fale com o seu bispo diocesano, ele saberá analisar seu caso com misericórdia.

Curtrir · Responder · 2 a

Ver mais respostas



Fonte: Comentários na página *Vatican News* no *Facebook*.

De modo enfático, as críticas se dirigem às doutrinas irrevogáveis da Igreja Católica, que mesmo em casos de maus tratos entende que o casamento é indissolúvel. Há respostas como a que justifica que as regras da Igreja não podem ser moldadas pelas situações individuais, mas sim pelo Evangelho. Esse é um contraponto do que o próprio Vaticano responde na primeira captura de tela, ao auxiliar o caso relatado: “*fale com o seu bispo diocesano, ele saberá analisar seu caso com misericórdia*”.

Nesse circuito, os sentidos se espalham apresentando contradições até com os dizeres do Papa Francisco no documento. O G1 também se manifesta nesse caso²⁸.

Figura 35 – Manchete do Portal G1 sobre a exortação *Amoris Laetitia*



Fonte: Portal G1.

²⁸ Disponível em: <https://glo.bo/23ogO3y>. Acesso em: 20 nov. 2017.

O enfoque do portal está sobre o que pede o Papa Francisco no documento: “*Ele pediu aos sacerdotes de todo o mundo aceitar gays e lésbicas, divorciados católicos e outras pessoas que vivem em situações que a igreja considera ‘irregulares’*”. O jornalismo assume o lugar de chamar as situações como “*irregulares*”, o que manifesta um julgamento.

No caso da segunda união, o G1 utiliza de informações da agência France Presse para explicar: “*no documento ‘A Alegria do Amor’, o Papa estende a mão aos divorciados que voltam a se casar e convida a igreja a ‘fazê-los sentir que são parte da Igreja’ e recorda que ‘não estão excomungados’*”. A matéria gerou 1729 comentários.

Figura 36 – Comentários na matéria do G1



Fonte: Portal G1.

Os comentários suscitam questões reflexivas sobre as falas do Papa Francisco, como é o caso do primeiro que diz: “*Em nenhum momento o papa Francisco disse que compactua com a homossexualidade, apenas frisou que devemos respeitar os nossos irmãos e acolhê-los*”. Já o último comentário da figura acima faz uma releitura do contexto, indicando que o

“chico” como o leitor escreve, fala para fazer o contrário do que a Bíblia ensina, que é condenar esses casos.

As disputas de sentidos se encontram não apenas nos comentários dos atores sociais, mas na forma com que a mídia tradicional se coloca no texto, o que chamamos de gramáticas de produção. Percebemos que a opção em enfatizar o pedido do papa para aceitar casos não tradicionais de famílias, é uma tática argumentativa para se colocar favorável ao ponto de vista da Igreja, assim como de enfatizar o gesto de acolhida de Francisco. Para isso o G1 utiliza as falas do papa que reverberam esse significado. No entanto, a matéria traz ainda uma fala do pontífice que reafirma a posição da Igreja Católica sobre o casamento entre pessoas do mesmo sexo. Ainda assim, a reportagem segue explicitando as falas do Papa Francisco em relação aos principais assuntos do documento, e para isso oferece opiniões de fora para enfatizar o tema. Novamente é a questão do enquadre jornalístico, em que pinça ângulos e posicionamentos do Papa Francisco que o coloquem como quem aceita as famílias não tradicionais, como se quisesse revelar uma disputa entre a Igreja e o papa.

No site ACI Digital, no mesmo dia em que *Amoris Laetitia* foi publicada, a agência católica ressalta em matéria que a exortação “*somente pode ser interpretada à luz da tradição católica*”.²⁹

Figura 37 – Trecho da matéria publicada pelo site ACI Digital

VATICANO, 08 Abr. 16 / 07:00 pm (ACI).- A exortação apostólica pós-sinodal *Amoris Laetitia* do Papa Francisco somente pode ser interpretada em “continuidade doutrinal” e, se houver “dúvidas ou algum parágrafo resultar pouco claro, a correta interpretação deve ser de acordo ao com o ensinamento da Igreja”, explicou ao Grupo ACI um perito teólogo no Vaticano logo depois da publicação do documento nesta sexta-feira.

“O Papa Francisco disse repetidamente que não quer mudar nenhum tema doutrinal e esta deve ser a chave para interpretar o documento”, disse ao Grupo ACI o Pe. José Granados, Vice-presidente do Pontifício Instituto João Paulo II para Estudos do Matrimônio e da Família e consultor da Secretaria do Sínodo dos Bispos.

Fonte: Site ACI Digital.

Percebe-se que a própria Igreja se repete sobre as decisões do Papa Francisco no documento. Como diz no texto, a exortação só pode ser lida/entendida a partir da doutrina.

²⁹ Disponível em: <https://bit.ly/2JmG9d1>. Acesso em: 20 nov. 2017.

Isso significa que o que a Igreja faz nesse documento é dar um sinal de pseudo acolhimento, ou seja, está voltado mais como um discurso de inclusão e não como uma verdadeira prática.

Outro destaque surge com esse debate, porém meses depois do estopim. Com informações da BBC, a Folha chama a atenção para um grupo de cardeais que acusaram o Papa Francisco de “*heresia*”.³⁰ Aqui, novamente há marcas de correferência quando a Folha deixa em destaque que as informações foram tiradas da BBC Brasil.

Figura 38 – Manchete da Folha de S. Paulo sobre os cardeais que acusam o Papa Francisco



Fonte: Site Folha de S. Paulo.

A matéria inicia com uma montagem das fotos dos cardeais que são indicados no texto como autores das acusações ao Papa Francisco. A iniciar pela manchete, já podemos identificar na palavra “*rebeldes*” um posicionamento do jornalismo contrário à atitude dos cardeais. Sobretudo pela forma que a imagem foi montada, com imagens de perfil de cada um dos cardeais, o que ressalta o sentido de acusação. Quer dizer, é uma posição que não diz respeito ao papa, mas aos que o criticam.

Na introdução da matéria, o site afirma que os cardeais acusam o papa “*de causar confusão em relação a assuntos-chave para a doutrina católica*”. Para isso, o grupo de sacerdotes divulgou uma carta em que questionam o pontífice a partir do documento ‘A

³⁰ Disponível em: <https://bit.ly/2L15cL9>. Acesso em: 20 nov. 2017.

Alegria do Amor'. Na carta, os cardeais escrevem que o Papa Francisco faz uma “*tentativa de abrir novas portas para católicos divorciados e tornar a Igreja mais tolerante com questões relacionadas à família*”.

Figura 39 – Parte da matéria publica no site da Folha de S. Paulo

AOS OLHOS DO PÚBLICO

A carta dos cardeais dissidentes, divulgada na segunda-feira, questiona o papa especificamente sobre esta questão.

Eles o fazem por meio de dilemas, questões teológicas que exigem uma resposta positiva ou negativa, e que são um mecanismo para tirar dúvidas sobre temas relacionados aos sacramentos ou padrões morais.

O primeiro dilema questiona se, ao contrário do que foi estabelecido por papas anteriores, "agora é possível perdoar" ou "dar a comunhão a uma pessoa que, embora unida por um casamento, vive com outra como marido e mulher", o que contradiz expressamente a encíclica do papa João Paulo II de 1981.

De acordo com os cardeais, a falta de resposta do pontífice a essa e outras quatro questões levou à decisão de tornar a carta pública, diante da sua "consciência de responsabilidade pastoral."

Os sacerdotes negam, no entanto, que se trate de um ataque "conservador" contra setores "progressistas" da Igreja, ou uma "tentativa de fazer política" ou de se rebelar contra o papa.

AS ENTRELINHAS POLÍTICAS

Para os teólogos mais conservadores, os ensinamentos modernos do papa sobre as famílias e divorciados católicos são, em parte, "sacrilégio" e "podem justificadamente ser considerados hereges", como sinalizou Steve Skojec, cofundador e diretor da publicação católica One Peter Five.

Eles veem o tratado como um movimento do pontífice para afrouxar as normas morais que regem os fundamentos da Igreja.

Fonte: Site Folha de S. Paulo.

No texto o jornal traz o que essa manifestação dos cardeais representa aos olhos do público, explicando que os cardeais questionam decisões que já foram tomadas por papas anteriores. A Folha indica ainda, que o grupo nega que seja um “*ataque ‘conservador’ contra setores ‘progressistas’ da Igreja, ou uma ‘tentativa de fazer política’ ou de se rebelar contra o papa*”. Logo abaixo há indicações que essas acusações partem de indícios políticos envolvendo setores conservadores e progressistas da instituição Católica.

Aqui o caso é levado adiante novamente por ser algo que surge meses depois da publicação da Exortação Apostólica. Esse movimento constitui um fluxo adiante (BRAGA, 2012a), ou seja, ele acontece de várias formas “desde a reposição do próprio produto para

outros usuários (modificado ou não); à elaboração de comentários”, que por sua vez também são replicados de diferentes formas em processo de debates, polêmicas, e “em processo agonístico” (BRAGA, 2012a, p. 39).

Os indícios direcionam para um posicionamento da mídia tradicional de “não deixar morrer” o assunto, sobretudo por ser uma posição contrária a uma hierarquia da Igreja Católica que se dispõe contra o Papa Francisco.

5.3.4 Mapeamento das microprocessualidades do episódio 2

O circuito sobre a temática do casamento de segunda união tem seu início marcado pelo elemento acionador, que é a coletiva no voo de retorno em 2013. A partir disso, apresenta variados desdobramentos relacionados com as fases e acontecimentos que permeiam o tema ao longo dos cinco anos de pontificado do Papa Francisco (2013-2017).

Nesse episódio, a resposta do papa na coletiva em 2013 é enfatizada pelo acionamento de operações. Ao responder a essa pergunta, o papa mantém a mesma lógica da conversa do avião: introduz o tema contextualizando-o, para poder chegar a uma resposta satisfatória. Nesse sentido, quando responde ao jornalista já deixa visível operações que acentuam uma ação sobre o assunto de recasados está em pauta, e por isso cita uma reunião com o presidente do setor que é responsável pelo assunto. Diferentemente do episódio anterior em que respondeu sobre homossexuais, nessa resposta há um indicativo de que as normas da Igreja podem mudar.

Em 2014, com o primeiro Sínodo o tema é inserido na circulação midiática chamando atenção para a diversidade agonística. Os atores sociais passam a debater sobre o assunto em função de maior veiculação do evento pela mídia tradicional. Nesse episódio, em especial nessa fase, é quando começam as críticas de membros do clero da Igreja Católica, investindo em posicionamento contrário às sinalizações de mudança do papa durante o Sínodo. Aqui o Papa Francisco é acusado de fazer “bagunça” em relação a comunhão de recasados, e por consequência, se estabelece uma disputa imagética sobre a figura do papa. Aqui já não se trata mais da imagem do papa novo, que está chegando e fazendo aberturas, do encontro; é o papa da “bagunça”, que está querendo ir contra o que é estático. Entra em xeque a imagem do Papa Pop, ainda que tenha muitos fãs e seja reverenciada.

Parte da sociedade tem se manifestado favorável às tentativas de mudança de atitudes da instituição, e em seguida há uma imagem em jogo que tenta romper com isso. É quando o bispo que acusa o papa de fazer “bagunça”, dando o tom de que Francisco está confundindo

as pessoas (fiéis). Como uma operação inversa, os atores sociais passam a criticar a atitude desse bispo ao acusar o Papa Francisco. Há uma disputa nesse caso, em que a sociedade tenta manter uma imagem positiva do papa, que está atrelada a expectativa de abertura nas regras da Igreja. Uma operação central nessa fase do episódio é quando o Papa Francisco se posiciona criticando a mídia tradicional de espalhar boatos, fofocas, dando espaço a mal-entendidos.

O tema do casamento de segunda união é retomado a partir da simplificação que Francisco faz no documento que trata da anulação do casamento. A operação central nesse processo é quando o Papa Francisco pede que os membros da Igreja estejam aliados a ele nas decisões, ou seja, pede apoio. No mesmo ano, o circuito ganha força com o Sínodo de 2015, em que o que está em destaque é a falta de avanço do Papa Francisco com os bispos. Quer dizer, ainda há uma ação em curso que tenta romper com a posição conservadora, mas sem sucesso. A agonística novamente ganha força com o posicionamento contrário de bispos, que inclusive divulgam inverdades sobre a saúde do papa tentando enfraquecer sua imagem.

O último processo da circulação do episódio 2 está nos circuitos que emergem com o resultado das reuniões de 2014 e 2015, quando o Papa Francisco faz a publicação do documento tratando de mudanças relacionadas às famílias não tradicionais. Aqui é acionada a mesma lógica interacional que Francisco tem na coletiva de 2013 ao falar dos homossexuais. Ao se manifestar respeitando os homossexuais, subentende que há um pedido que a Igreja também o faça; e nesse caso sobre as famílias não tradicionais essa lógica está explícita em documento, ou seja, o pedido é oficial, e passa a ser normatizado.

Nessa fase o que reverbera entre a mídia tradicional e os atores sociais é a manifestação que um grupo de cardeais fazem, censurando o Papa Francisco por praticar heresia com assuntos chaves da doutrina da Igreja Católica. Novamente há uma tentativa de ruptura de uma imagem positiva do papa, atrelada a maior abertura em relação ao tema do casamento não tradicional.

A particularidade desse episódio, está na agonística explícita, e é algo que não cessa, pois se inscreve no tempo e para além do tempo. Nesse caso, o papa já carrega uma resposta atravessada por marcas de tempos anteriores e de outros discursos, por isso propõe mudanças. Também é evidente uma disputa imagética acentuada, sobretudo porque está relacionada a problematizações envolvendo o clero. Ou seja, podemos perceber o caminho da circulação do tema do episódio 2 sendo constantemente tensionado por uma circuitagem densa, composta pela diversidade argumentativa. Isso quer dizer que, de forma tentativa, seria o momento em

que os arranjos disposicionais estão se realizando, com suas especificidades, elementos, objetivos, e pelas relações comunicacionais que o constituem.

Ou seja, no episódio 2 temos: Coletiva em voo com operação de sinalizar mudança na igreja; operação dupla do jornalismo ao realizar a polarização entre o Papa inovador e as normas da Igreja e as fofocas. Já os atores sociais saem para uma produção ampla de debate explícito, mas entram outros atores na arena, agora os integrantes da Igreja, que ascendem aos meios para disputar espaço e voz na chancela sobre o que é legítimo neste caso. A disputa não é de uma fala em entrevista, de um acontecimento pontual, mas de camadas históricas que vão sendo acionadas na memória, trazendo as imbricações culturais da presença de outros papas e da cultura atual.

5. 4 Episódio 3: Circuito do casamento no voo de retorno do Chile em 2018

Este episódio retorna com o contexto do avião, no entanto, não se trata de uma entrevista somente, mas de um acontecimento que se dá dentro do avião protagonizado pelo Papa Francisco. Trata-se do casamento realizado em voo durante viagem para o Chile em janeiro de 2018. Tal comportamento põe em debate questões sociais e doutrinárias importantes, além de evidenciar aspectos e táticas argumentativas da forma como o Francisco interage.

Durante a Viagem Apostólica ao Chile e ao Peru, o Papa Francisco celebrou o casamento de dois comissários de bordo: Paula Podest Ruiz e Carlos Ciuffardi Elorriaga. Sobre o ocorrido, o portal oficial do Vaticano se pronunciou em suas plataformas midiáticas (site, *Facebook*, *Youtube*). No site institucional a publicação sobre o casamento é breve, contendo uma foto do papa abençoando o casal, um texto explicativo com algumas falas do diretor da Sala de Imprensa da Santa Sé, Greg Burke, e um vídeo com a fala do casal que está vinculado ao *Youtube*. Nessa matéria não há espaço para comentários.

Figura 40 – Matéria sobre o casamento no avião no site *Vatican News*

Fonte: Site *Vatican News*.³¹

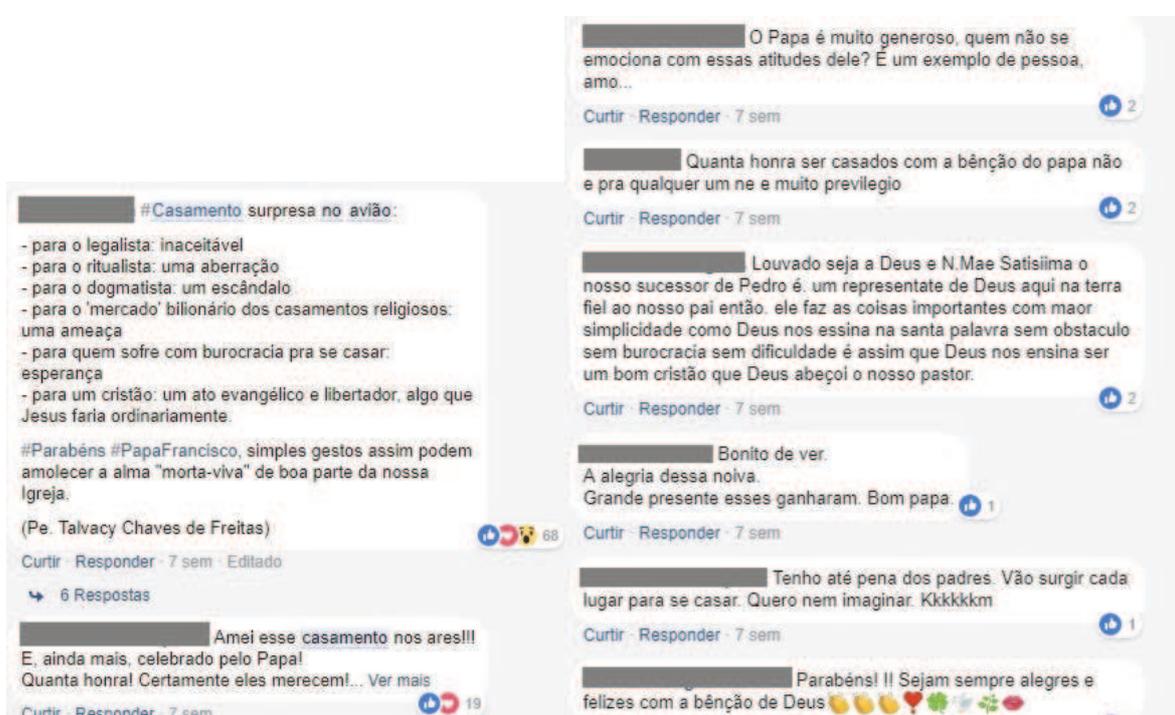
Figura 41 – Matéria sobre o casamento no avião no site *Vatican News*

Fonte: *Facebook Vatican News*.

³¹ Disponível em: <https://bit.ly/2XC3mw5>. Acesso em: 10 fev. 2018.

O texto é replicado no *Facebook* do Vaticano gerando uma variedade de sentidos em relação ao caso. Isso ocorre, por exemplo, quando um ator social comenta o seguinte: “*Cuidado em pintar o Papa e também Jesus como um revolucionário de esquerda, contrário às leis e às instituições*”. As táticas argumentativas dos atores sociais são percebidas a partir de argumentos políticos, econômicos e envolvendo críticas às normas da Igreja. Por conta do gesto do papa, as disputas de sentidos colocam o papa na perspectiva do que é sagrado, e por conta disso o casamento é reverberado no debate dos atores sociais e pela mídia.

Figura 42 – Comentários na postagem sobre o casamento no avião na página do *Vatican News*



Fonte: *Facebook Vatican News*.

Destacamos para o sentido expresso no primeiro comentário (à esquerda), em que o ator social vai fazer uma espécie de análise, explicando como o fato de o papa ter feito esse casamento é visto por cada uma das classificações, como o legalista, ritualista, dogmático, para o mercado, e para as pessoas que estão envolvidas com questões doutrinárias para se casar.

Nas interações ao lado (direita), retiradas da mesma postagem, percebemos uma reiteração do gesto de Francisco, novamente comparando-o com uma figura sagrada: “(...) *o nosso sucessor de Pedro é um representante de Deus aqui na terra fiel ao nosso pai*”. Nesse caso o ator social coloca o pontífice como uma figura que representa Deus com mais proximidade. Destacamos que nesse episódio o debate interacional está se dando em meios

vinculados à Igreja Católica, significa dizer que embora o espaço seja institucionalizado, os sentidos são sempre múltiplos em oferta. Consideramos também que as pessoas que seguem a página do *Vatican News* são católicas, embora entendemos que isso não é delimitador, ou seja, que nem todas as pessoas que seguem a página são católicas. Então, a operação aqui é justamente perceber que pessoas com algum tipo de ligação com a Igreja estão acionando o debate, o que revela que nem todos os seguidores concordam com a estrutura e normas da instituição.

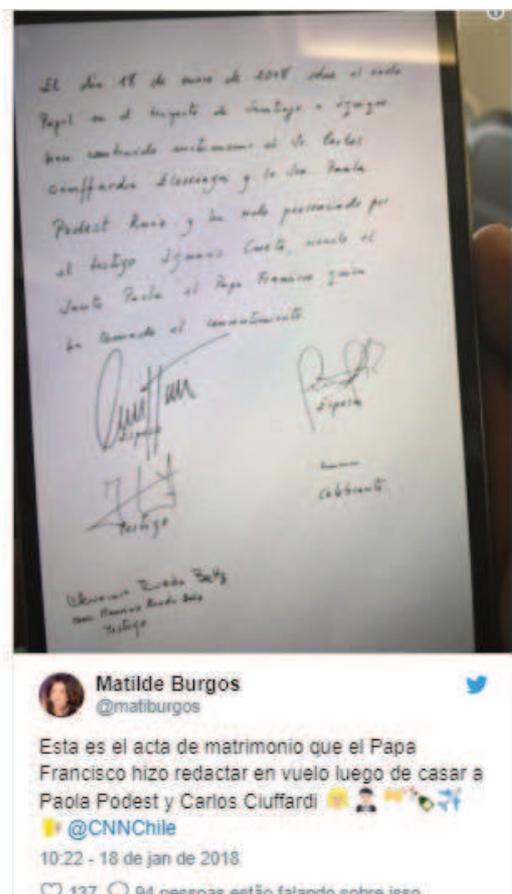
Em meio aos comentários de cunho positivo, destacamos o seguinte: “*Tenho até pena dos padres. Vão surgir casa lugar para se casar. Quero nem imaginar.kkkkkk*”. Nesse sentido, a pessoa está chamando atenção para o fato de que é aceitável e “fácil” o papa como líder da Igreja fazer um casamento fora dos padrões. Contudo, lá nas comunidades, onde os rituais religiosos são operados de maneira mais tradicional, pode haver a demanda por pedidos inusitados quanto a lugares para casamento. Ou seja, de modo geral a atitude de Francisco é positiva, mas o ator social sugere que isso pode vir a ser um problema em hierarquias menores da instituição.

5.4.1 A diversidade argumentativa dos atores sociais: A disputa imagética em jogo

Nos meios de comunicação tradicionais o casamento realizado pelo Papa Francisco no avião teve grande relevância, pois foi veiculado no *Facebook*, *Twitter* e nos sites dos três portais observados. A Folha traz uma matéria³² sobre como o casamento aconteceu. Tal matéria é uma espécie de resgate dos momentos vividos no avião, numa tentativa de realizar o casamento de novo, desta vez, diante dos olhos do leitor. Para isso, recorre a um jogo de imagens, evidenciando o antes e o depois. Outra operação que o meio de comunicação se vale é inserir uma postagem do *Twitter* de uma jornalista com a foto do documento que foi assinado pelo papa legalizando a união religiosa. Novamente há marcas da circulação intermediática quando o jornal faz uso de um site de rede social para construir seu conteúdo. Também indica marcas do que Verón (2013) explica sobre as gramáticas do reconhecimento. Nesse caso, o fato da mídia estar divulgando já se trata de um reconhecimento a partir do fato concreto; ao mesmo tempo possui as gramáticas de produção da mídia tradicional. Assim, o mesmo reconhecimento vai gerar uma multiplicidade de outros reconhecimentos, por parte dos atores sociais.

³² Disponível em: <https://bit.ly/2xFYA80>. Acesso em: 10 fev. 2018.

Figura 43 – Post do *Twitter* usado na matéria da Folha de S. Paulo



Fonte: Site Folha de S. Paulo.

Em tom humorístico trazemos os comentários a respeito do casamento no avião a partir do post do Portal G1 no *Twitter*. Nos comentários aparece uma foto em primeiro plano do casal se beijando, há também memes com a foto do Papa Francisco e opiniões mais controversas ao que encontramos na postagem institucional do *Vatican News*.

Figura 44 – Comentários no *post* do G1 no *Twitter*

Fonte: *Twitter* G1 (@g1).³³

Nesse *post* no *Twitter* também há um tensionamento mais visível, em que o ator social comenta que “*Esse papa ta transformando a igreja católica num circo, onde ele é o palhaço e qualquer local é um picadeiro*”. Aqui entra em jogo uma operação que propõe uma imagem mental, que está qualificando o papa como “palhaço”. Quer dizer, é um sentido relacionado a algo completamente externo a uma instituição religiosa, mas é acionado em função de uma crítica. Ou seja, nesse caso surge uma imagem que se contrapõe à imagem sagrada do papa ou divina, a atitude de proximidade do Papa Francisco na coletiva de avião (Episódio 1), aqui neste caso revela uma proximidade externa, algo que o coloca tão próximo do humano que o desloca do sagrado para o profano, do divino para o palhaço. Essa é uma tentativa de ruptura de uma imagem que também tenta se consolidar como totêmica; a imagem que tenta derrubar é tentativa porque raramente se consolida (a do palhaço, por exemplo); ela existe, mas ganha, muitas vezes, o tom de humor, de sátira e não o tom de seriedade da crítica ácida.

³³ Disponível em: <https://twitter.com/g1/status/953996268250062848>. Acesso em: 10 fev. 2018.

Observamos o *Twitter* como um espaço com maior proliferação de sentidos múltiplos a respeito da circunstância, sobretudo um espaço de questionamento da imagem do Papa Francisco e da própria instituição católica. De certo modo, esse episódio entra na esfera do humor, justamente por ser incomum, então é onde são observadas operações de apropriação de memes, por exemplo, e são reinseridos no movimento de circulação.

No site O Globo encontramos uma matéria³⁴ sobre as acusações ao Papa Francisco por parte de conservadores da Igreja Católica.

Figura 45 – Manchete do site O Globo



Fonte: Site O globo.

Na construção da manchete o posicionamento está explícito quanto ao entendimento de que aqueles que criticam o Papa Francisco são conservadores. A linha de apoio corrobora com esse sentido ao trazer o posicionamento de “progressistas” e de “críticos”. Ou seja, o jornal tem como operação mostrar os dois lados do reconhecimento, mas ao escrever que os progressistas “veem ‘mudança de paradigma’”, percebemos uma marca que condiciona uma postura correspondente a esse ponto de vista.

Na matéria é apresentada a opinião do meio de comunicação ao iniciar dizendo o que o Papa Francisco “*emocionou fiéis e animou internautas ao sugerir e casar dois comissários de bordo de um voo doméstico no Chile. Mas nem todos viram ternura no gesto: a classe católica conservadora questionou a legitimidade do sacramento [...] e alertou que a bênção do pontífice a 36 mil pés de altitude poderia enfraquecer e banalizar a preparação marital*”. Em seguida, a matéria traz a opinião de uma parte dos religiosos, ao dizer que “*parte dos religiosos, porém, vê uma ‘mudança de paradigma’ na instituição e o esforço de trazer casais de volta ao compromisso com a cruz*”.

Em seguida, O Globo explica como aconteceu o casamento, e traz novamente os posicionamentos a partir de postagem na internet dando ênfase ao que as pessoas estão comentando sobre o acontecimento. Nessa matéria, o jornal faz um comparativo com o caso

³⁴ Disponível em: <https://glo.bo/2C3Ivc0>. Acesso em: 10 fev. 2018.

do casamento de segunda união, como é possível ler na figura abaixo. Nesse movimento, o jornal se ancora em outro caso em que as atitudes do Papa Francisco dividiram a opinião das pessoas, dessa forma, insere o assunto novamente na arena do debate.

Figura 46 – Trechos da matéria do site O Globo

"Você sabe o que é um casamento sujeito à anulação? Um celebrado aparentemente por um capricho, em um avião, cujo celebrante não pode assegurar que as partes são validamente batizadas", tweetou a conta do blog Rorate Caeli, afeito às tradições da religião.

Parte dos católicos entendeu o gesto de Francisco como uma forma de incentivar a oficialização das uniões na Igreja em um momento em que os casais cada vez mais meramente vão morar juntos, sem necessariamente subir ao altar.

Francisco já havia dividido membros da Igreja Católica ao autorizar a comunhão de divorciados e casados pela segunda vez no civil. Já a revista britânica "The Tablet", em sua área dedicada ao Vaticano, ressaltou que as núpcias a bordo são parte de uma "mudança de paradigma" que o argentino quer liderar na instituição.

"Não é que o papa esteja driblando as regras da lei canônica ou da burocracia, mas assegurando que elas sejam prioridade. Para o papa, essas coisas devem espalhar a palavra da religião", frisou a publicação.

Fonte: site O Globo.

Analisamos a postagem da Revista Veja no *Facebook*, e nos comentários também aparece essa diversidade de sentidos em relação ao casamento. Nesse caso percebe-se comentários que enfatizam problemáticas sociais.

Figura 47 – Comentários em publicação da Revista Veja no Facebook



Fonte: Facebook Veja.

As questões levantadas sugerem que o Papa Francisco poderia ter aproveitado a viagem para ir até à Bolívia e Venezuela, em que cristãos estão sendo massacrados ou perseguidos pelos líderes políticos. Há uma tática argumentativa forte contra práticas consideradas desnecessárias, enquanto questões reais necessitam de atenção. Outro ponto a se destacar nesse comentário, é o fato de pensarmos pelo lado publicitário, isto é, esse comportamento do papa gerou uma repercussão enfática, o que pensado em problemas sociais talvez não trouxesse tantos espectadores.

Também há comentários em tom de xingamento como o que questiona a autoridade de papa: “*Q autoridade q ele tem, se ele tivesse, já tinha resolvido la na Venezuela, q autoridade máxima nada, ele só sabe falar asneira*”. A vinculação com a política é enfática, e que também colocam a imagem do “encontro” em tensão, pois nesse comentário a operação é de questionar sobre a autoridade do Papa Francisco, e cai em uma crítica quanto as suas falas.

Ou seja, nos comentários dos meios tradicionais não há a predominância de sentido positivo, como acontece no ambiente institucional católico. Ao mesmo tempo há esse atravessamento com outros temas, como as questões políticas, sobretudo críticas pelo tom performativo do Papa Francisco, sugerindo que o pontífice deu mais atenção a algo midiático, e não se preocupando com o sofrimento dos países vizinhos. Esse processo argumentativo

está atrelado com o repertório do público, o que significa que aqueles que acessam o *Vatican News*, muitas vezes já são evangelizados, ou iniciados na religião católica; já os que estão expostos às mídias tradicionais são das mais variadas vertentes. Por conta dessa variedade de gramáticas de reconhecimento, podemos identificar que nesse episódio aparecem com maior intensidade, embora o período em que se estende o circuito seja menor que nos demais episódios.

5.4.2 A lógica interacional em voo: O circuito do casamento acionado pela coletiva no avião

O circuito retorna às fontes institucionais com a resposta do Papa Francisco na coletiva no avião, realizada ao fim da viagem, posterior a cerimônia do casamento. Na coletiva a jornalista Aura Miguel, da Rádio Renascença de Portugal, questiona o pontífice sobre o que ele diria aos párocos e bispos quando noivos os procurarem com pedidos de lugares inesperados para se casar, como praias, parques, navios e aviões. Francisco responde que foi questionado de estar “tonto” para fazer essas coisas, mas que via o caso de modo simples, pois *“o homem estava no voo anterior, ela não. E falei com ele... Depois dei-me conta de que me «sondara»: falou da vida, perguntou-me que pensava da vida, da vida de família, falava... fizemos uma conversa interessante. Depois, no dia seguinte, estavam os dois”*. Francisco então explica a situação do casal a jornalista, e considera que estavam preparados para se casar. E finaliza: *“Mas pode-se dizer aos párocos que o Papa fez bem o interrogatório; e quando me disseram que tinham feito o curso... Mas estavam conscientes, estavam cientes de que se encontravam em situação irregular. Obrigado.”* (Conferência de imprensa, 21/01/18).³⁵

Nessa resposta o Papa Francisco percebemos marcas de que o lugar não seria o problema para a realização da cerimônia, assim como demonstra menor preocupação com os protocolos, simplificando um processo burocrático. Isso está de acordo com a postura interacional do pontífice presente em outras ocasiões, pois mesmo se tratando de um assunto sério, quando chegam os questionamentos até Francisco, ele dá indícios de que não deve ser tratado com tanta rigidez. Também há uma operação identificada a partir dos dizeres de Francisco, que é o fato do casamento já estar sendo planejado por ele, conforme comenta sobre a conversa anterior do tripulante com o papa.

E isso reforça o uso do avião como uma gramática de seu pontificado para atividades que até então a própria Igreja não estava acostumada. Percebe-se ainda que, por expressar

³⁵ Disponível em: <https://bit.ly/2BGYhcH>. Acesso em: 20 jan. 2019.

total aprovação de seu ato, o avião pode se configurar como um espaço que aciona interações por parte do pontífice, e que outras ações comunicacionais “inesperadas” podem vir a acontecer.

Com base nessas observações, voltamos a noção de Braga (2011a, p. 5), ao considerar que cada episódio comunicacional possui “determinas matrizes interacionais e modos práticos compartilhados para fazer avançar a interação”, e são essas matrizes que o autor chama de dispositivo interacional. Dessa maneira é que percebemos os modos que fazem avançar as interações em voos com o Papa Francisco. E é onde o lugar de suspeita de uma hipótese surge, pois os conjuntos (Coletiva em voo – casamento em voo) se assemelham.

Alguns dias após o episódio do casamento, a página da ACI Digital faz a seguinte postagem: “*Você conhece alguém que criticou o Papa por este gesto? Francisco explicou aos jornalistas porque agiu assim...*”, e logo abaixo da foto tem a seguinte manchete da publicação: “*“Estavam preparados”*: Papa responde às críticas sobre casamento realizado em pleno voo”³⁶.

Figura 48 – Postagem da ACI Digital sobre críticas ao Papa Francisco



Fonte: *Facebook* ACI Digital.

Ou seja, há uma necessidade de resposta por parte da Igreja sobre as críticas dirigidas no sentido da legitimidade e validade de acontecer um casamento em um avião, sendo este

³⁶ Disponível em: <https://bit.ly/2HgNeXF>. Acesso em: 20 jan. 2019.

celebrado pelo papa. A matéria traz as falas de Francisco, em que explica sobre o caso do casamento na coletiva de encerramento da viagem. Ao final do texto é mencionado o seguinte: “*O Papa finalizou sua resposta retornando para a pergunta feita por um dos jornalistas: ‘o que eu diria aos párocos?’.* ‘Diria-lhes que o Papa os interrogou bem, e depois quando me disseram que tinham feito o curso... Eram conscientes de que estavam em uma situação irregular’”.

Nesse episódio, é o primeiro caso em que o Papa Francisco se explica, pois nos demais, é ele quem provoca um debate, uma pauta, nesse caso, ele se justifica por uma coisa que fez. Isso significa que o arranjo pensado não funcionou da forma esperada, e depois teve a necessidade de retroagir em cima de sua própria postura performática anterior. Isto é, há uma combinação de gramática de produção e reconhecimento – o papa realizou o casamento e foi reconhecido, em seguida o reconhecimento produziu uma pauta e o papa respondeu a esse reconhecimento, justamente porque as críticas vieram não apenas dos atores sociais, mas dos atores sociais vinculados à Igreja Católica.

Aqui identificamos que a esfera institucional, representada pela ACI Digital, dá ênfase a uma pergunta que remete a casos que possam surgir a setores menores da hierarquia da Igreja, como os padres, por exemplo, como identificado anteriormente. A diferença é que é uma preocupação trazida por um meio de comunicação católico. Sendo um casamento realizado em um avião pelo papa, há a possibilidade de que pedidos parecidos cheguem até os padres. Inclusive o próprio pontífice se explica, dizendo que cumpriu com a obrigação de questionar o casal, o que legitima a sua prática.

5.4. 3 Mapeamento das microprocessualidades do episódio 3

Retomando o movimento de circulação desse episódio, percebemos que o ponto de partida está com o vazamento do vídeo e do conteúdo dos meios institucionais, e a própria circulação intermediática em seus dispositivos (meios), até chegar no jornalismo. Ainda nos primeiros movimentos agonísticos na mídia institucional, há a incidência de operações e lógicas interacionais que tentam marcar a imagem do papa como sagrada, comparando o gesto do papa com Deus.

Nesse mesmo debate, os atores sociais vinculados ao *Vatican News* tensionam esses apontamentos positivos, a partir da operação de indicar que isso possa ser um problema para os padres. Quer dizer, os atores sociais indicam que a atitude do Papa Francisco possa

dificultar o trabalho normativo dos padres ao serem solicitados lugares diferentes para a realização de cerimônias.

Quando o circuito chega ao jornalismo, há uma tentativa de fechar o sentido positivo, que é quando a lógica dos sites de redes sociais dá lugar a uma multiplicidade argumentativa relacionadas ao humor. Nesse sentido, os atores sociais se apropriam do jogo imagético representativo para a sátira, criando memes ou enfatizando detalhes engraçados das cenas. Por conta disso, há uma disputa de sentidos imagéticos que ora veneram o papa, e ora o acusam de “palhaço”. Essa operação incide em uma tentativa de romper com o sentido positivo de realizar um casamento fora dos padrões.

Ao mesmo tempo em que a cerimônia acontece em voo, o próprio acontecimento é questionado na coletiva de encerramento da viagem, também em voo. Ou seja, aqui há uma estreita ligação da performance do papa em coletivas, e de um novo fazer concretizado sob a mesma dinâmica – o avião. Durante o percurso em voo, por conta de Francisco ser questionado na coletiva sobre a realização do casamento, há uma necessidade de justificativa de seu ato, ou seja, por conta do reconhecimento, o papa é pressionado a se explicar, recuperando operações e lógicas do arranjo disposicional em jogo, dando continuidade à circulação.

Destacamos que as lógicas de circuitagem desse episódio se diferem dos demais a partir das operações e estratégias discursivas dos participantes. Temos um movimento inicial da Igreja, liderada por Francisco, que depois de consolidar uma gramática de produção em voo (coletivas), faz uma apropriação do espaço do avião aliada às circunstâncias contextuais (conversa anterior com o tripulante), para a realização de uma cerimônia tradicional do catolicismo (casamento). Esse fazer entra em agonística, fazendo com que o próprio reconhecimento torne a pautar o papa, o que em episódios anteriores o movimento era inverso, pois era o papa que fazia a tentativa de pautar o debate.

Ou seja, no episódio 3 temos: Coletiva em voo que não está presente como ponto de partida, mas como fechamento. O ponto de partida é o avião como lugar de um ato religioso – o casamento. O circuito eclode por uma operação da instituição não midiática – Igreja – que catapulta as imagens para seus meios. Ao inscrever na circulação mobiliza as instituições midiáticas jornalísticas – ela efetivamente pauta o jornalismo.

O jornalismo pautado – faz uma operação de reelaboração – a crítica e a sátira. Os atores questionam a legitimidade do casamento e também do lugar e do Papa. Eles se apropriam das imagens e fazem outras construções que brincam com um Sacramento. Diante

disso, o Papa Francisco se vê motivado a se explicar e por isso recorre da entrevista de avião quando já é questionado sobre isso.

5.5 Análise Transversal

Na observação das especificidades dos arranjos e processos tentativos de comunicação nos circuitos analisados, podemos perceber que a importância da circulação como chave epistemológica para compreender os fenômenos comunicacionais atuais. E nesse sentido, reiteramos que a circulação aqui compreendida não se trata da replicação das temáticas nos meios de comunicação, mas a entendemos como um movimento em que transitam sentidos, cujo caminho se dá de forma singular em cada episódio. Para desenvolvermos uma análise transversal em nossa dissertação é necessário retomar os eixos propostos como centrais para a pesquisa.

5.5.1 Lógicas interacionais operadas pelo Papa Francisco em voo

A lógica interacional do Papa Francisco a partir do espaço em voo dinamiza uma proximidade, o contato físico, que além de ser expresso no modo de dizer, está no modo como se porta na proximidade física. Ou seja, o fato de ter rompido com a ideia de coletiva padrão ou do casamento padrão, significa que o Papa Francisco opta por uma lógica interacional mais disruptiva, que não necessita da formalidade da estrutura da coletiva e nem do casamento, e esse movimento interfere na simbólica de ambas.

Com essa característica, o papa passa a operar um modo próprio de estar em contato com os jornalistas, que acontece em todos os episódios analisados. Nos casos observados, o espaço do avião é onde percebe-se marcas do novo, ou seja, um novo modelo de papa, que inaugura uma gramática de produção.

O avião passa a se constituir como um lugar de produção e interação para o Papa Francisco. Quanto aos modos de dizer, tanto nas coletivas quanto no episódio do casamento, há a peculiaridade de se transformar em um ambiente menos institucionalizado, e que passa a ser próprio do pontífice. Portanto, inferimos que neste tempo-espaço o ambiente torna-se menos regularizado, potencializando questões da vida contemporânea, sem espaço em ambientes formais e normatizados.

Essa lógica interacional mais flexível do papa perpassa todas as ocasiões dos episódios, desde quando pede para ter um encontro individual com os jornalistas que o

acompanhariam na viagem ao Brasil, como na coletiva que finaliza essa viagem. Na ocasião, a performance discursiva é potencializada pela forma que responde a temas polêmicos e mais engessados, como é o caso dos homossexuais e do casamento de segunda união. Posteriormente, no episódio 3 é onde essa lógica e gramática própria de interagir ganha maior centralidade, pois são operadas em sequência com a realização do casamento e a coletiva no encerramento da viagem.

5.5.2 Circuitos que emergem em circulação e a partir das interações dos participantes

Os circuitos analisados nos episódios são produzidos a partir de interações em uma determinada circunstância comunicativa, e de um modo geral, no nosso caso, os circuitos emergem a partir do extrapolar da coletiva em 2013. Quer dizer, quando passamos a ter acesso ao conteúdo da coletiva, é quando ela já está sendo ressignificada pelo jornalismo, e a partir da possibilidade interacional nas plataformas digitais os atores sociais passam a discutir e tensionar os conteúdos. A circulação é o resultado dos modos pelos quais os circuitos se apropriam de falas, temas, opiniões, gestões – processos em geral – que lhes pareçam pertinentes. Os circuitos preexistem – e agem e se movem (eventualmente se modificam) no processo da circulação (BRAGA, 2012a).

Quando o assunto dos homossexuais sai do espaço do avião já não é possível capturar onde o debate aconteceu, pois há um fluxo contínuo de acionamentos do assunto que não o esgota. Nesse sentido, a lógica ocorrente em que os circuitos são mobilizados é exatamente quando o assunto é mediado pela mídia, ou por atores sociais midiaticizados, e nesse processo os assuntos não se restringem ao avião, sendo ressignificados a todo momento em que são comentados, tensionados.

É importante destacar que em razão dessa disposição para os circuitos, o episódio 1 entra em jogo, ou seja, o tema dos homossexuais ganha grande circularidade, acionando circuitos múltiplos, que por sua vez, também extrapolam o conteúdo original (pergunta-resposta). Nessa fusão acontece uma circuitagem, que é quando um circuito outro é acionado a partir de uma resposta de um ator social, por exemplo.

Na lógica processual da viabilização dos circuitos entram em jogo não só sentidos, mas sentidos que originam outras discussões, alterando as gramáticas de produção iniciais. Quando o Papa Francisco precisa se posicionar desmentindo boatos como observado no episódio 2, é consequência dessa fusão de ressignificações que se distanciam a tal ponto da produção inicial, que passam a construir outras produções. É o que Verón (2013) destaca

como condições para a produção do reconhecimento, que nesse caso as condições são o próprio ambiente que é moldado pelos circuitos não podendo conter o fluxo, e então criam-se condições para a produção de boatos.

No episódio 2 os circuitos são uma especificidade marcante, justamente porque os sentidos não cessam com o tempo, são sempre reinseridos na circulação. Já no episódio 3, a circuitagem provoca uma alteração nas gramáticas de produção do papa, quando, a partir do reconhecimento, ele precisa produzir um novo discurso. Isso significa outra gramática, porque é o primeiro momento em que Francisco enquanto pontífice precisa se justificar pela realização do casamento.

5.5.3 O modo como o Papa Francisco tenta pautar o debate

As tentativas de o Papa Francisco pautar o debate ou uma situação são analisados a partir de operações. Evidenciamos essa ação com maior ênfase quando Francisco faz o pedido para se encontrar individualmente com os jornalistas, no primeiro contato com eles antes da viagem ao Brasil. Nesse caso a tentativa está em coordenar a forma como será esse encontro, mas não há operações que indiquem uma tentativa de pautar o que os jornalistas falariam com ele. Nesse caso, está atrelado também as lógicas interacionais do papa, que são enfatizadas pelo contato e pelo “encontro”.

Essa estratégia é também percebida quando o papa fala de forma respeitosa sobre os homossexuais, ou seja, há uma operação de se colocar como alguém que não irá julgar a situação, dando indicações de como o tema poderia vir à tona posteriormente. O movimento inverso ocorre quando Francisco passa a ser pautado pela agonística no episódio 2 e no 3. A necessidade de emitir uma resposta sobre as possíveis tensões dentro da Igreja, sobre o casamento de segunda união, e também quando surgem dúvidas a respeito de sua atitude ao realizar um casamento em pleno voo. São operações tentativas sobretudo porque nem sempre são bem-sucedidas.

Esse trabalho do Papa Francisco – no esforço de pauta nos movimentos agonísticos – se elabora nesse espaço. Dentro da perspectiva de que a comunicação entre os espaços instituídos e os espaços não instituídos se desenvolve por experimentação social (que tensiona o instituído). Ou seja, o papa torna-se um “experimentador interacional”.

5.5.4 Agonística enquanto problemas comunicacionais a serem geridos

O que atravessa toda a análise é a diversidade agonística, ou seja, a diversidade de opiniões sobre um mesmo tema, as possibilidades de relação com outras temáticas, a forma de tensionar as falas e os comportamentos do Papa Francisco, assim como em ocasiões em que os próprios atores sociais entram em agonística sobre outras temáticas acionadas nos episódios.

Essas possibilidades são observadas durante todos os episódios, mas são destacadas quando há operações de tensão entre pessoas internas ao clero da Igreja, em relação ao Papa Francisco. Nesse sentido, o episódio 2 ganha maior visibilidade por conta dessas tensões aparecem em vários momentos. O que é importante reiterar são os movimentos que esse tipo especial de agonística gera. Isto é, quando o Papa Francisco é acusado de provocar “bagunça” ou a “heresia”, por exemplo, novas agonísticas entram em jogo em função de um contexto social que se opõe a essas críticas.

Por conta disso, há uma produção elevada de sentidos, que muitas vezes são direcionados aos próprios membros conservadores, contrários às tentativas de abertura do Papa Francisco. No episódio 2, como destacado na análise individual, o papa chega a pedir mais apoio dos cardeais e bispos para que possam fazer avanços na postura e nas regras da Igreja. Ou seja, o tensionamento é tão intensificado na circulação, que retoma a uma nova operação do papa, que é pedir por aliados.

5.5.5 Imagem em disputa

A partir das análises dos episódios, identificamos que como consequência do processo comunicacional em curso, são engendradas imagens diversas em torno do Papa Francisco. Estas se dão também em disputa, sendo ressignificadas em cada episódio pelo jornalismo, pelos atores sociais e pela própria instituição, isto é, são variados sentidos em jogo que podem ou não confirmar aquilo que foi previsto pela Igreja ou pelo papa. Essas tensões são evidentes em questões sociais (homossexuais, união de recasados, casamento fora dos “padrões”) que colocam em debate as doutrinas da Igreja, e conseqüentemente, a imagem do papa.

Dessa forma, o espaço em voo passa a incidir sobre as operações em circulação para a construção da imagem do Papa Francisco. No sentido que, ao fazer gestos “grandiosos”, como foi o caso de realizar um casamento, parte dos comentários dos atores sociais entendem isso como uma abertura para passos mais simples na realização desse tipo de cerimônia. Por conta

disso, cria-se uma imagem que agrada, mas que está sempre em elaboração e em tensão. Em alguns momentos o papa diz e faz coisas, orchestra os debates; em outros o seu fazer repercute e incide em outros discursos, porque as imagens e os discursos são imbrincados e sempre acionam o fazer anterior.

Quando falamos de operações discursivas que acionam imagens (ROSA, 2012), destaca-se que essa produção imagética acontece em decorrência dos sentidos acionados em agonística, ou seja, em interação entre os participantes (instituições e atores sociais). Por conta disso, elencamos imagens-síntese que são resultado dessa regulação entre as discussões e pela repetição (ROSA, 2012). A partir dos episódios, identificamos imagens-síntese que se sobrepõe diante da construção imagética simbólica em circulação.

Na análise do elemento acionador de circulação, que é a coletiva em 2013, podemos observar como imagem-síntese a imagem de “papa do encontro”, por conta do modo de personalizar o contato com os jornalistas, seja no primeiro momento de conversa antes da viagem ao Brasil, como na coletiva no voo de retorno. As operações de proximidade permitem um contato menos institucionalizado do papa com a imprensa, reverberando um sentido familiar, sem protocolos.

No episódio 1, ainda que haja fortes tensionamentos sobre um fazer concreto do papa perante regras da Igreja, se sobrepõe uma imagem de “papa da abertura”. Ou seja, embora não tenha revelado mudanças nas normas da Igreja, os dizeres do Papa Francisco reverberam uma novidade no modo de abordar o tema da homossexualidade, sem impor barreiras às pessoas diretamente envolvidas. Pela primeira vez um pontífice trata o tema sem que seja enfatizada a doutrina católica, e sobretudo, porque o papa se põe em posição de não julgamento, mesmo ocupando a liderança da instituição.

A imagem-síntese que reverbera no decorrer do episódio 2 é a de “papa da bagunça”, justamente por querer mexer na Igreja, por romper com normas, e por ir para espaços não religiosos. Isso se consolida em virtude do casamento de segunda união ser amplamente discutido, e com uma atemporalidade que perpassa os primeiros anos do pontificado. Aqui acontece um movimento inverso do episódio 1, por exemplo. Mesmo havendo múltiplos posicionamentos positivos sobre os avanços deliberados pelo Papa Francisco em relação a comunhão de recasados, ainda assim o que tem maior destaque são as acusações de bispos e cardeais. Estes, acusam Francisco de provocar bagunça ao levar o tema para o Sínodo; depois o acusam de praticar heresia quando o papa pretende tratar a questão de uma forma mais acolhedora, e também incluem acusações relacionadas à saúde, colocando a público boatos de que o papa estaria com tumor cerebral.

A partir do casamento realizado em voo pelo Papa Francisco, a imagem-síntese que prevalece no episódio 3 é de “papa do conflito”. Essa identificação se dá em função de um debate que surge a partir de atores sociais vinculados à Igreja, e que mesmo depois de ter fortemente acionado no campo midiático, os conflitos interacionais retornam ao papa com a coletiva que encerra a viagem. Quer dizer, há uma disputa de sentidos que divide as opiniões, sendo uma parcela favorável a uma prática menos regularizada para a cerimônia do casamento, assim como há uma parcela expressiva que considera isso uma “depravação”, ou o fim da instituição. Essa divisão está visível no casamento, mas diz respeito à Igreja em si, uma parcela mais aberta a uma Igreja mais humanizada e menos dogmática, e outro lado mais conservador.

O conjunto das materialidades analisadas indicam detalhadamente a disputa de sentidos na circulação midiática dos episódios, que são observados com a polemização da relação entre Igreja, comunicação e sociedade. Ou seja, ao trazer as especificidades dos episódios, percebemos as tensões entre uma comunicação institucional católica, que se dá por meio do Papa Francisco com outros âmbitos comunicacionais voltados à sociedade (a fala da mídia tradicional e as interações dos atores sociais). Podemos “nomear” como problemas comunicacionais essas disputas interacionais, que acontecem dentro da própria Igreja Católica, e também a partir do debate da sociedade.

Sobre a questão imagética, a agonística revela que de cada episódio temos uma coleção de imagens sendo trazida à tona, porém, é no último episódio que imagens “concorrenciais” ou imagens de ruptura do totem aparecem. Essa imagem-totem só se estabelece quando consegue “se impor em rituais sociais de reiteração”. (ROSA, 2014). Ou seja, a imagem-totem do Papa Francisco seria uma imagem positiva simbólica referente a seu modo de ser, contudo, as imagens concorrenciais estão em disputa, não permitindo que uma imagem-totem se consolide.

Por outro lado, temos uma ideia de imaginário, que é um processo resultado das representações sociais, ou seja, produzido pelos seres humanos a partir de seus comportamentos. Em nosso caso, há um imaginário sobre o Papa Francisco em torno de uma ordem “afetivo-racional”, criado a partir da “intersubjetividade das relações humanas, e se deposita na memória coletiva”. (CHARAUDEAU, 2017, p. 579). Assim, o que podemos analisar, é que as imagens que tentam romper com o totem (entendido aqui como a imagem mais próxima da figura sagrada), muitas vezes soam como o meme, mas significa que independentemente de que imagem seja, o Papa Francisco está presente no imaginário social, mesmo daqueles que não são católicos.

5.5.6 A consolidação de táticas do Papa Francisco a partir das especificidades dos episódios

Identificamos que o espaço interacional em voo permite perceber as variações dos elementos nos episódios. Ou seja, são atividades comunicacionais diferentes, com circuitos diferentes, mas que mantém certa similaridade em suas lógicas. O avião significa nesses casos, que tanto os participantes diretos, como a sociedade acionada na circulação, desenvolvem um sistema de interação a fim de atingir seus objetos. E é nessa “prática tentativa” em que se percebem os processos (BRAGA, 2012b, p. 6).

Nesse caso, quem faz esse diálogo intermediador é o Papa Francisco. O pontífice precisa manter o discurso da instituição a qual lidera, e ainda pensar nas demandas sociais, que precisam ser repensadas. Os episódios selecionados tratam de conflitos sociais potencializados pela circulação. Tais conflitos demandam uma postura tanto da Igreja, quanto do Papa Francisco, e da sociedade que se vê imbrincada em tais questões. Quer dizer, há um problema comunicacional entre a instituição católica e seus públicos que precisa ser gerido, pois a postura antiga e até então usada para dialogar com a sociedade não funciona mais, é preciso um novo modo de resposta, de contato.

Ainda que o pontífice fuja à regra, ele ainda continua institucionalizado. O avião papal não contribui para a acolhida, ele recria modos de contato, desloca ambiências. Mas como já mencionamos, são protocolos de interação assim como a entrevista. A questão é que o que ocorre no avião não fica nele, ganha o mundo não só pelas transmissões televisivas, ou em jornais, mas sobretudo porque os atores sociais passam a ser pautados por aquilo que o papa diz e faz. De forma inversa, o papa também é pautado pela sociedade, isto é, a ambiência da midiatização os liga.

Com base nos materiais empíricos, o avião não seria uma tecnologia, e sim um espaço em que há interação, e nesse caso, a palavra “tentativa” significa que esse avião pode vir a ser entendido coma tática interacional que compõe o feixe de relações do dispositivo interacional. No sentido transferido de Braga (2012b), no dispositivo interacional são acionadas “práticas testadas em episódios parecidos”. Tais práticas são observadas como sendo o espaço em voo como lugar de interação. Ou seja, se constitui como um primeiro episódio, tendo o avião como espaço principal, e que se transforma e se adequa conforme as interações ali realizadas. E no momento do casamento percebemos que ele se torna indício do que pode ser um dispositivo interacional, que tem as atitudes/ações do Papa Francisco como central.

Essas práticas se caracterizam, sobretudo por estratégias, por especificidades da experiência ocorrente, o que significa dizer que é o momento em que o dispositivo está se

realizando, com suas particularidades, objetivos, e pelas relações comunicacionais que o constituem.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A midiaticização nos encaminha para investigações em que o foco está voltado para os entrecruzamentos (ou imbricamentos – articulações) entre os processos sociais e os midiáticos. Isso significa que avançamos em relação aos estudos que se concentravam em perspectivas centradas em mídias, portanto em meios ou aparatos, e se desloca para o fazer social, incluindo aí a produção de sentidos, que desde sempre é elemento fundante da comunicação.

Com a percepção das transformações da sociedade, e por extensão nos processos comunicacionais, concordamos com as palavras de Faxina e Gomes (2016, p. 187) quando dizem que a midiaticização “configura para as pessoas um novo modo de ser no mundo”. De que forma isso é possível? Se considerarmos o contexto aqui indicado, a expressão utilizada pelos autores quer dizer que, a midiaticização não é simplesmente a influência da tecnologia sobre a vida das pessoas, mas um modo de viver em sociedade que é alterado em função de uma demanda informacional intensa. Ou seja, as pessoas passam a ter um novo modo de vida a nível emocional e físico, em que há uma necessidade abrasiva em exteriorizar os sentidos por vias mecânicas (aparatos técnicos).

Contudo, ao mesmo tempo essas vias mecânicas passam a incidir sobre o modo como a vida se desenha ou desdobra, a que a arquitetura comunicacional é tecida em *feedbacks*. Se por um lado as pessoas necessitam exteriorizar sua vida, de outro, sua vida já não é mais a mesma quando exteriorizada, ela tem lógicas outras, demandas outras. Tome-se como exemplo o uso do *Instagram* na prática esportiva. Não basta correr ou ir na academia, torna-se um ritual outro de postar, curtir, antes e depois da prática, o que afeta a vida e a sociabilidade.

É nesse espaço de troca, de produção de sentidos, de exteriorização do que é particular que o nosso caso de pesquisa se estabelece. Por conta desse contexto, as instituições também passam a ser impelidas a fazer parte dos processos interacionais emergentes, se posicionando de forma mais aberta, fazendo uso de sites de redes sociais, e alterando seu modo de se comunicar. Isso é perceptível com o modo de falar ao mundo do Papa Francisco, que por consequência leva a Igreja Católica a uma arena de debates intensos. Portanto, o que nos inquieta em nosso percurso acadêmico são as construções simbólicas e significativas geradas a partir do comportamento do Papa Francisco enquanto líder de uma religião extremamente institucionalizada.

É exatamente esta inquietação que faz mover a pesquisa, mas que ao término da dissertação percebemos um deslocamento. Já não se trata mais apenas do comportamento do

Papa, ou de sua centralidade, mas do que esse comportamento nos dá a ver sobre mudanças que incidem sobre um fazer social, que vão além do fazer religioso *stricto sensu*. Neste sentido, a pesquisa se amplia para pensar o comunicacional e não o midiático ou o atravessamento de campos, mas para se debruçar sobre questões específicas de lógicas e estratégias de mediação.

Em todas as etapas da pesquisa foi possível ampliarmos nossas perspectivas a partir do olhar êmico, em que nos propõe uma atitude de nos atermos aos aspectos particulares das relações comunicativas desenvolvidas no interagir das pessoas. Em nossa pesquisa, não nos detemos a estudar a Igreja Católica enquanto instituição religiosa, mas os processos comunicacionais que a atravessam por conta de uma ambiência que coloca em relação os campos em circuitagens. Adotamos este termo “circuitagens” como uma derivação do termo circuitos que Braga (2012a) trata. Em nossa visão a ideia de circuitagem envolve a produção de circuitos de modo contínuo, assim como no esquema elétrico em que temos lâmpadas sucessivas que funcionam em corrente. Entendemos que na circulação há um processo de circuitagem, onde os campos acionam e são acionados por circuitos outros criando correntes, para além dos fluxos. Isso significa dizer que não se trata apenas do ir adiante. Ao comparar com a ideia de corrente elétrica, estamos nos remetendo a ideia de ir e voltar e da sequencialidade de condução. Nestes termos, a corrente é um fluxo ordenado que já possui uma carga de várias camadas de sentido, ou seja, esta corrente não cria um circuito, mas circuitagens.

Logo em nossas primeiras incursões da pesquisa nos deparamos com as coletivas em avião, percebendo que não eram simples coletivas, mas um modo de contato fundado em outras lógicas de contrato, isto é, não se tratava de algo esporádico, mas de uma regularidade que nos fez observar a singularidade interacional deste momento iniciado no papado de Francisco. No início víamos muito a ideia de um papa de acolhida, o que constatamos ser, ao invés de uma abertura empírica, um fechamento categorial. A partir do adentrar na perspectiva êmica, passamos a observar detalhes em cada situação, em especial nas lógicas presentes em voo. Ou seja, não direcionamos a sistematização com categorias, e por isso foram necessários vários exercícios descritivos e observacionais, de modo a perceber elos que ligavam todos os episódios e particularidades de cada um. Com o processo inferencial é que foi possível elencar os eixos analíticos, cuja característica não é categorizadora, mas evidencia as processualidades.

Retomando a questão das dinâmicas interacionais em voos, essa gramática de produção é inaugurada por Francisco, e torna-se algo consolidado desde 2013. Podemos

constatar que os movimentos de abertura de contato com a mídia e com a sociedade intencionados pelo Papa Francisco indicam uma ruptura com velhos padrões, e passam a constituir características próprias de liderança. A coletiva é marcada por um modo de fazer e dizer muito característico onde o pontífice assume para si a tarefa de mediar, desconstrói o modelo de entrevista coletiva já presente na rotina jornalística e desenvolve táticas aproximativas. Tais táticas, ao mesmo tempo que o privilegiam em um contato menos “duro” em termos institucionais, de outro o expõem para temáticas sociais não previstas no protocolo. A lógica das entrevistas de avião, porém, é a do encontro e não a do embate. Mas o embate se manifesta em outra esfera, na circulação.

É no cenário em circulação que a ideia de uma coletiva em voo aciona outros contextos, como por exemplo o do debate agonístico. A agonística se caracteriza como um palco de tensões, em que mobiliza as pessoas para a esfera discursiva – ressaltando que o debate acontece tanto entre atores sociais como também com instituições midiáticas. Dessa forma, o jogo de sentidos é percebido a partir de um discurso ou comportamento do Papa Francisco, que em seguida é publicado pelos meios de comunicação, sejam eles tradicionais ou institucionais, em que são tensionados e ressignificados, gerando produções outras.

Para além dessa abrangência presente no contexto interacional, foram realizados exercícios para a compreensão das lógicas e operações acionadas nas interações entre os participantes (papa, mídia tradicional e atores sociais). Da mesma forma, passamos a perceber as táticas do Papa Francisco ao tentar pautar a diversidade de assuntos, e sobretudo a diversidade no modo de abordá-los. Conforme procedimentos de análise realizados, chegamos a proposições de que nesse jogo de sentidos, de uma comunicação que se dá de forma intermediária, há uma acentuada produção de imagens, estas no âmbito da imaterialidade, sobre a figura do papa e também da própria instituição.

Infere-se que a entrevista de avião possui duas funcionalidades centrais: a) é o estopim para o desencadeamento de circuitos; e b) é o espaço para fechamento de circuitos sem fim. Ou seja, em ambas as situações vemos que a circulação implica em ações por parte tanto da Igreja e do Papa, como dos atores sociais e do Jornalismo. Cada um, dentro de suas lógicas, de seus usos e apropriações dos meios, recorrem a formas de lidar com os sentidos e de tentar integrar ao processo de valoração social. Entende-se que quando o Papa Francisco ao se abrir para a interação durante o voo, abre-se um espaço de comunicação efetivo que permite não só trocas, mas agenciamento de circuitos que extrapolam as bordas de uma coletiva. Por outro lado, esse movimento está relacionado a um trabalho de coprodução de sua imagem, o que

não significa ver se a Igreja, enquanto instituição mudou, mas como esse fazer mudou a forma da Igreja se comunicar, e como isso interfere na constituição da imagem do papa.

Há um dispositivo interacional sendo elaborado que envolve arranjos por parte do Papa Francisco para consolidar a entrevista de avião como um espaço de interação. Um outro momento, é quando as circulações de sentidos e de imagens tensionam os arranjos disposicionais da Igreja (incluindo a entrevista), como a ideia de cultura do encontro. Há claramente, uma agonística que se revela na circulação e que tem como palco o âmbito midiático. De um lado, tal agonística versa sobre o fazer da Igreja e seu *modus operandi*, e de outro o fazer do papa frente a questões sociais como a homossexualidade, o casamento de segunda união ou mesmo o casamento de improviso. Se de um lado Francisco é considerado tema, de outro, ele é aquele que pauta, que media os acontecimentos; quando o papa cede espaço ao jornalismo se cria uma imagem, mas ele também conduz o modo da interação; ora a Igreja Católica disponibiliza vídeos e notícias em suas plataformas sobre o fazer de Francisco em nome da Igreja, ora se vê questionada por aqueles que não pertencem a ela. Há sempre um jogo entre uma dualidade de uma mesma esfera institucional: uma face de conquista, de chamar para o contato, e a face da crítica. São constantes movimentos de abertura e fechamento que intensificam a ideia de agonística, não pelo confronto direto, mas pela negociação com as regras.

Para compreendermos esses caminhos, os estudos no âmbito da circulação foram essenciais, pois é a partir dessa abordagem calcada na diversidade de gramáticas de produção e reconhecimento que é possível capturar parte do fluxo para adentrar em suas especificidades. O que faz com que esse processo interacional seja caracterizado como arranjos de um dispositivo interacional são suas particularidades. Ou seja, as tentativas dos participantes de se colocar, a forma com que argumentam, e sobretudo, a forma com que o próprio Papa Francisco experimenta o debate. Ele aciona as discussões pautando os debates pela forma que fala dos homossexuais, sendo que há modos próprios do pontífice de rever tensionamentos, e também apontar para uma “nova” forma da Igreja discutir tais assuntos.

Assim, esta dissertação foi desenvolvida com a finalidade de perceber as especificidades e lógicas em que ocorrem os embates comunicacionais nos episódios, e como o Papa Francisco articula essas discussões de forma a se posicionar e responder a todos os públicos, e também perceber como se dá esse movimento diante da Igreja Católica a qual lidera. Para podermos sistematizar o empírico a fim de dar conta dessa centralidade observacional, elencamos movimentos específicos que nos ajudassem a responder nossa problemática: a) observar as lógicas discursivas e estratégias discursivas dos participantes nas

interações agonísticas; b) examinar as gramáticas de produção e de reconhecimento que emergem no processo de circulação; c) investigar como o Papa Francisco redimensiona a agonística fazendo prevalecer sua própria organização de posições no debate; d) analisar, na disputa de sentidos, as formulações imagéticas sobre a figura do Papa Francisco e da própria Igreja Católica.

Inicialmente é necessário destacar que os quatro objetivos só são possíveis de serem observados a partir de como opera a circulação. Implica dizer que a circulação é a lente conceitual que permeia nosso trabalho. A entendemos como um espaço heterogêneo que dinamiza o objeto, pois se trata de um trabalho significativo, simbólico e de sentidos, em que nada é estático, sendo um ambiente complexificado com os discursos postos em rede. Ou seja, são dois lugares (produção e recepção) que estão constantemente em tensão. Inserido nesse contexto de circulação, foi imprescindível a compreensão de um outro conceito acionado, que é o de circuitos.

Podemos observar que em nosso caso de pesquisa, os processos discursivos acontecem a partir de lógicas de circuitagens, em que há uma sobreposição de circuitos. Ou seja, inicialmente há um discurso do Papa Francisco que faz emergir uma multiplicidade de debates, que muitas vezes se tornam debates pessoais entre os atores sociais; como também são formulados a partir de outras questões suscitadas com o primeiro discurso. Isso quer dizer, que a lógica de circuitagens é o extrapolar do discurso, sendo este percebido de variadas formas, sob diferentes marcas e operações interacionais.

A circuitagem acontece quando os circuitos são acionados criando correntes, para além dos fluxos contínuos, e é composta pelas camadas de sentidos que se revela na agonística. Esta não pode ser gerida, nem contida ou estancada, porque é viva como a própria comunicação, e o problema comunicacional não é a agonística, mas a nossa ânsia de estancá-la. Porém, quando queremos o controle dos circuitos, quaremos impedir que a circulação ocorra, o que é impossível, porque ela é incompletude. Ainda que haja aberturas por parte do Papa Francisco, ainda que ele mude regras, ele sempre está em uma posição de tensão, pois tudo o que é falado ou realizado está no espaço da agonística.

Assim, a agonística embora seja uma disputa de sentidos, há regras quando os participantes entram em jogo, seja no espaço midiático, discursivo, imagético. Mas a midiaticização nos expõe a um ambiente em que nem as próprias regras sociais estão fechadas, estas também estão em negociação, inclusive com o diverso. Toda essa sobreposição, essas processualidades que recaem sobre outras é onde visualizamos a circuitagem.

No que diz respeito às lógicas e estratégias discursivas dos participantes expressas na agonística, podemos observar uma tentativa de mostrar ao mundo uma forma própria de diálogo do Papa Francisco não só em relação à sociedade, mas sobretudo como avança no modelo de coletivas de imprensa. O que antes era considerado como um espaço institucionalizado, com uma bancada em que os jornalistas ficavam dispostos à frente do papa para as devidas perguntas, o Papa Francisco reinventa uma organização, em que essa distância entre entrevistado e jornalistas diminui. Ou seja, “o encontro com os jornalistas” se dá em um espaço de bordo conjunto, em que ali há um contato para além do fazer profissional apenas.

Ou seja, o papa se coloca como produtor de um espaço totalmente reinventado; por meio de uma lógica que foge das ações protocolares, inaugura um modelo de troca com jornalistas que se dá pelo contato próximo, estimulando a afetividade. Nesse sentido, observamos que as instituições midiáticas assumem essa proximidade como algo positivo, como é possível identificar pela forma com que tratam os assuntos já explorados. Ainda que haja ocasiões em que o jornalismo opine sobre determinadas condutas, o que prevalece são matérias e reportagens que enfatizam o fazer diferenciado de Francisco.

Nessa mesma lógica sobre tensionamentos do lado do reconhecimento dos atores sociais, percebe-se que os conflitos se expandem a partir da emergência de opiniões que reverberam as práticas do papa, como também há uma incidência significativa de questões que colocam em jogo contextos sociais e políticos, à luz de demandas não cumpridas por parte da Igreja. Outro aspecto observado é quando o próprio papa traz apontamentos críticos sobre a forma de tratar dos assuntos, que em alguns casos acabam por gerar boatos e mal-entendidos.

Conforme o contexto em que são produzidos os discursos, sendo que em cada episódio são diferenciados, as gramáticas de produção do Papa Francisco passam a se constituir com uma certa similaridade em momentos em voo com a imprensa. Diante disso, temos a normatização da estrutura produtiva das coletivas ao final das viagens em que o pontífice faz fora da Itália. Com a realização do casamento no avião (Episódio 3), compreendemos que esse espaço em voo possui as condições necessárias para momentos de descontração, assim como é o espaço em que há uma maior liberdade comportamental do Papa Francisco. Ou seja, pressupondo a realização de um casamento em uma viagem de avião, podemos inferir que outras atividades como essa podem surgir.

Ainda que o pontífice fuja à regra, ele ainda continua institucionalizado. O avião papal não contribui para a acolhida, ele recria modos de contato, desloca ambiências. Mas como já mencionamos, são protocolos de interação, assim como a entrevista. A questão é que o que

ocorre no avião não fica nele, ganha o mundo não só pelas transmissões televisivas, ou em jornais, mas sobretudo porque os atores sociais passam a ser pautados por aquilo que o papa diz e faz. De forma inversa, o papa também é pautado pela sociedade, isto é, a ambiência da midiatização os liga.

Quanto às gramáticas de reconhecimento, verificamos que quando o papa trata de um tema polêmico, a mídia expõe operações de reverberação de um determinado momento, elencando ou pinçando um determinado sentido. Por conta disso, as gramáticas de reconhecimento dos atores sociais entram em jogo sendo explicitadas dos debates e tensionamentos.

Nesse sentido de disputas de sentidos, operacionalizados pela circulação, apontamos alguns momentos em que há uma tentativa de o Papa Francisco redimensionar o debate, fazendo prevalecer sua própria posição. Isso acontece desde quando convida os jornalistas a se encontrarem pessoalmente com ele, sem manter uma estrutura formalizada de perguntas e respostas, até quando faz uma crítica ao jornalismo pela forma como abordam as temáticas, pois a partir de um posicionamento causam confusão.

Nesse sentido, há uma tentativa de fíndar a agonística em torno de questão mal esclarecidas. Esse movimento agenciador aparece de modo inverso quando se justifica em relação ao casamento realizado no avião. Há uma discussão em jogo que aciona esse discurso, contudo, quando o papa diz que cumpriu com a tarefa de conhecer o casal e questioná-lo sobre o Sacramento do Matrimônio, está de novo expressando uma operação de fazer silenciar as críticas quanto a validade do ato.

Em relação a disputa imagética, também potencializada pela circulação, pudemos elencar imagens-síntese que são reiteradas em cada episódio. As imagens de “papa do encontro”, “papa da abertura”, “papa da bagunça” e “papa do conflito” fazem parte de uma disputa simbólica, que é representada pelas vivências pessoais dos atores sociais e expostas de forma discursiva. Ou seja, embora tenhamos analisado imagens representacionais, o foco esteve em perceber as formulações imagéticas sobre a figura do Papa Francisco a partir de disputas de sentidos.

Como resultado desse processo, foi possível constatar que há sempre uma tentativa de romper com uma possibilidade de imagem totêmica em relação ao papa. Essas tentativas são colocadas em circulação de maneiras diversas, como a partir do humor, da crítica ácida, e também a partir de operações que comparam Francisco a um imaginário de papa anterior. Diante dessa constatação, percebe-se que independentemente das tentativas de rupturas, o Papa Francisco está presente no imaginário social, sendo daqueles vinculados ao catolicismo

ou não. Quer dizer que mesmo que chamem o papa de bagunceiro, de herege, de palhaço, ele é o símbolo de uma cultura de fé e amorosidade para além da religião que representa.

Observando o conjunto de objetivos, eles parecem ter sido respondidos de forma aproximada e tentativa, assim como é o próprio fazer da pesquisa. No entanto, ao longo do trabalho, novas indagações surgem atreladas a questão imagética do Papa Francisco e da instituição católica, por extensão. Nos questionamos: Com o avançar dos processos comunicacionais, levando em conta que – mesmo de forma tentativa – Francisco encontra cada vez mais barreiras dentro da própria instituição para um diálogo mais satisfatório com a sociedade, como a circuitagem comunicacional será desenhada daqui em diante? Seguindo com a analogia do processo de uma corrente elétrica, de que maneira os componentes da maquinaria (cita-se: instituição, líder e seguidores), a partir de lógicas e funcionamentos próprios já consolidados poderão modificar o fazer comunicacional e dialógico da Igreja Católica com a sociedade? Que outras táticas o Papa Francisco vai incorporar em seu repertório particular para operar a grande peça que é a instituição religiosa?

São questões que movem o fazer científico, e sobretudo são questões reiteradas pelas complexidades dos processos comunicacionais, pois ao dinamizarem toda a sociedade, implicam em direcionamentos a outros campos. Da mesma forma que não podemos estancar o fluxo dos sentidos, assim os objetos ganham continuidade com a midiaticização, nos indicando processos importantes para serem investigados. Do mesmo modo a vida segue seus fluxos, considerando a trajetória de estudante de mestrado a mestre, assim novas preocupações e novos horizontes de pesquisa, como também novos objetivos. O percurso que se finda fica marcado pelas agonísticas e articulações sendo elas do próprio Papa Francisco, da midiaticização, da pesquisa e eu.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS¹

- AUSTIN, J. L. **Sentido e Percepção**. São Paulo: Martins Fontes, 1990.
- BECKER, Howard. **Truques de escrita**: para começar e terminar teses, livros e artigos. Rio de Janeiro: Zahar, 2015.
- BONIN, Jiani Adriana. Delineamentos para pensar a metodologia como práxis na pesquisa em comunicação. **Rastros**, Joinville, v. 11, p. 9-21, 2010. Disponível em: <https://bit.ly/2SLRdkz>.
- BORELLI, Viviane. **Da festa ao cerimonial midiático**: as estratégias de midiaticização da TeleRomaria da Medianeira pela Rede Vida. Tese (Doutorado em Ciências da Comunicação) – Unisinos, São Leopoldo, 2007. Disponível em: <https://bit.ly/2TyhEif>.
- BRAGA, José Luiz. Sobre “Mediatização” como processo interacional de referência. In: **Anais do 15º Congresso da Compós**, Unesp. Bauru: SP. Junho - 2006. Disponível em: <https://bit.ly/2SNAIEx>.
- BRAGA, José Luiz. Comunicação, disciplina indiciária. **Revista Matrizes**, v. 1. n. 2, abr, p. 73-88, 2008. Disponível em: <https://bit.ly/2XEPn8R>.
- BRAGA, José Luiz. Dispositivos Interacionais. In: Encontro Anual da Compós, 20., 2011, Porto Alegre. **Anais**, Porto Alegre, [...], v. 1, p. 1-15, 2011a. Disponível em: <https://bit.ly/2HepIhA>.
- BRAGA, José Luiz. Constituição do campo da Comunicação. **Verso e Reverso**, São Leopoldo, v. 25, n. 58, p. 66-77, jan-abr, 2011b. Disponível em: <https://bit.ly/2TsFcol>.
- BRAGA, José Luiz. Circuitos versus campos sociais. In: MATOS, Maria Ângela; JANOTTI JUNIOR, Jeder; JACKS, Nilda Aparecida (Org.). **Mediação e Mediatização**: Livro Compós 2012. Salvador/Brasília: UFBA/COMPÓS, 2012a. p. 31-52. Disponível em: <https://bit.ly/2EPPzuF>.
- BRAGA, José Luiz. Uma teoria tentativa. **E-Compós**, Brasília, v. 15, p. 1-17, 2012b. disponível em: <https://bit.ly/2H3Ghxu>.
- BRAGA, José Luiz. O grau zero da comunicação. **E-Compós (Brasília)**, v. 18, p. 1-17, 2015. Disponível em: <https://bit.ly/2H3Ghxu>.
- BRAGA, José Luiz. Circulação & circuitos: situações. In: CASTRO, P. C. A. (Org.) **circulação discursiva: Entre produção e reconhecimento**. Maceió: Edufal, 2017a. p. 49-64.
- BRAGA, José Luiz. Dispositivos Interacionais. In: Braga, José Luiz *et al* (Org.). **Matrizes Interacionais - a comunicação como modo de produção do social**. Campina Grande: Eduepb, 2017b. p. 8-25.
- BRAGA, José Luiz. Dispositivos Interacionais. In: Braga, José Luiz *et al* (Org.). **Matrizes Interacionais - a comunicação como modo de produção do social**. Camina Grande: Eduepb, 2017. p. 8-25.
- BRAGA, José Luiz. Interagindo com Foucault: Os arranjos posicionais e a Comunicação. In: Encontro Anual da Compós, 27., 2018, Minas Gerais. **Anais** [...]. PUC – Minas Gerais, Belo Horizonte - MG, 2018b, p. 1-21. Disponível em: <https://bit.ly/2NM4h8H>.

¹ Todos os acessos aos materiais aconteceram entre março de 2017 a fevereiro de 2019.

BRAGA, José Luiz. **O horizonte da midiaticização** (Inédito – acesso dado pelo a versão provisório, em 2018). 2018a.

BRATOSIN, Stefan. La médialisation du religieux dans la théorie du post néo-protestantisme, **Social compass**, Lovaina, v. 63, n. 3, p. 405-420, 2016. Disponível em: <https://bit.ly/2SLoso3>.

CHARAUDEAU, Patrick. Os estereótipos, muito bem. Os imaginários, ainda melhor. **Entrepalavras**, Fortaleza, v. 7, p. 571-591, jan./jun. 2017. Disponível em: <https://bit.ly/2SMjrvJ>.

DELEUZE, G. Do sentido. In: DELEUZE, G. **Lógica do sentido**. São Paulo: Perspectiva, 1974.

DOYLE, Conan. **Sherlock Holmes em: Um estudo vermelho**. Porto Alegre: L&PM, 1999.

FAUSTO NETO, A. Como as linguagens afetam e são afetadas na circulação?. In: Antônio Fausto Neto; José Luiz Braga; Jairo Ferreira; Pedro Gilberto Gomes. (Org.). **Dez perguntas para a produção de conhecimento em comunicação**. São Leopoldo: Unisinos, 2013, v. 1, p. 43-64.

FAUSTO NETO, A. Midiaticização, prática social – prática de sentido. In: Encontro anual da Compós, 15., 2006, Bauru. **Anais [...]**, UNESP-Bauru, 2006. Disponível em: <https://bit.ly/2TiUNYB>.

FAXINA, Elson; GOMES, Pedro. **Midiaticização: um novo modo de ser e viver em sociedade**. São Paulo: Paulinas, 2016.

FERREIRA, Jairo. Como a circulação direciona os dispositivos, indivíduos e instituições? In: BRAGA, J. L.; FERREIRA, J.; FAUSTO NETO, A.; GOMES, P. G. (Org.) **10 Perguntas para a produção de conhecimento em comunicação**. São Leopoldo: Editora Unisinos, 2013. p. 140-155.

FERREIRA, Jairo. Midiaticização: dispositivos, processos sociais e de comunicação. **E-Compós**, Brasília, v. 10, p. 1-15, 2007. Disponível em: <https://bit.ly/2VF7uK4>.

FERREIRA, Jairo. Uma abordagem triádica dos dispositivos midiáticos. **Líbero (FACASPER)**, v. 1, p. 1-15, 2006. Disponível em: <https://bit.ly/2NM0xE5>. Acesso em: 10 nov. 2019.

FORD, Aníbal. La exasperación del caso. In: FORD, Aníbal. **La marca de la bestia: identificación, desigualdades e infoentretenimento en la sociedad contemporánea**. 2. ed. Buenos Aires: Grupo Editorial Norma, 2002. p. 245-287.

FOUCAULT, Michel. A Microfísica do poder. São Paulo: Editora Paz e Terra, 2017.

FOUCAULT, Michel. Le jeu de Michel Foucault. Entrevista dada à revista *Ornicar?* In: Foucault, Michel. **Dits et Écrits**, Tome III [1977], 1994, p. 298-329.

GOMES, Pedro Gilberto. Da Igreja Eletrônica à sociedade em midiaticização. São Paulo, Paulinas, 2010.

GUINZBURG, Carlo. Sinais: raízes de um paradigma indiciário. In: GUINZBURG, Carlo. **Mitos, emblemas, sinais: morfologia e história**. São Paulo: Companhia das Letras, 1989. p. 143-179.

HOOVER, Stewart. Mídia e religião: premissas e implicações para os campos acadêmico e midiático. **Revista C&S**, São Bernardo do Campo, v. 35, n.2, p. 41-68, jan-jun, 2014. Disponível em: <https://bit.ly/2Ti5U46>.

- MONTEIRO, Dayane Sávia. **Mídia e Religião: A construção dos imaginários sociodiscursivos referentes ao Papa Francisco nas notícias das revistas Veja e Carta Capital.** 2016. 134 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Federal de Viçosa, Viçosa, 2016. Disponível em: <https://bit.ly/2H2ky96>.
- MOUILLAUD, Maurice. Da forma ao sentido. *In*: MOUILLAUD, M.; PORTO, S. D. **O Jornal: Da forma ao sentido.** Brasília: Editora UnB, 2012. p. 47-53.
- REIS, Joice de Araujo. **Fé na ponta dos dedos: produção de presença e cultura do encontro na jornada de Francisco.** 2014. 82 f. Dissertação (Mestrado em Comunicação) UFRJ, Rio de Janeiro, 2014. Disponível em: <https://bit.ly/2H0xeNL>.
- Rodrigues, A. D.; Braga, A. Análises do discurso e abordagem etnometodológica do discurso. *In*: São Paulo, **Matrizes**, v.8, n.2, 2014, pp. 117-134. Disponível em: <https://bit.ly/2Tyzodc>.
- ROSA, Ana. Paula. Atentado em looping: quanto uma palavra aciona uma imagem. **Revista FAMECOS**, v. 22, p. 01-20, 2015. Disponível em: <https://bit.ly/2TBFVnm>.
- ROSA, Ana. Paula. Imagens em proliferação: a circulação como espaço de valor. *In*: Colóquio de Semiótica das Mídias, 5., 2016, Japaratinga., 2016, Japaratinga. **Anais [...]** Alagoas: UFAL, 2016. Disponível em: <https://bit.ly/2VEpUKP>.
- ROSA, Ana. Paula. Imagens-totens em permanência x tentativas midiáticas de rupturas. *In*: Denize Correa Araujo; Malena Segura Contrera. (Org.). **Teorias da imagem e do imaginário.** Brasília: COMPOS, v. 1, p. 03-368, 2014. Disponível em: <https://bit.ly/2XJ9ran>.
- ROSA, Ana. Paula. Imagens-Totens: a fixação de símbolos nos processos de midiaticização. 2012. 360 f. Tese (Doutorado em Comunicação Social) – Unisinos, São Leopoldo, 2012. Disponível em: <https://bit.ly/2GZI5aA>.
- SÁ MARTINO, Luis Mauro. **Mídia, religião e sociedade: das palavras às redes digitais.** São Paulo: Paulos, 2016.
- SÁ, S.; POLIVANOV, B. B. Auto-reflexividade, coerência expressiva e performance como categorias para análise dos sites de redes sociais. **Contemporanea** (UFBA. Online), v. 10, p. 574-596, 2012. Disponível em: <https://bit.ly/2H2gWDX>.
- SÁ, S.; POLIVANOV, B. B. Presentificação, vínculo e delegação nos sites de redes sociais. **Comunicação, Mídia e Consumo**, São Paulo. Impresso, v. 9, p. 13-36, 2012. Disponível em: <https://bit.ly/2H3r1jY>.
- SANTA SÉ. **Carta Apostólica em forma de «Motu Proprio» sobre a reforma do processo canônico para as causas de declaração de nulidade do matrimônio.** 15 de agosto, 2015. Disponível em: <https://bit.ly/2HhUBOh>. Acesso em: 20 de mai. 2018.
- SANTA SÉ. **Exortação Apostólica Pós-Sinodal Amoris Laetitia.** 19 de março, 2016. Disponível em: <https://bit.ly/1Xlj3AS>. Acesso em: 20 de mai. 2018.
- SANTA SÉ. III Assembleia Geral Extraordinária. **Os desafios pastorais sobre a família no contexto da evangelização.** Relatio Synodi. 18 de outubro, 2014. Disponível em: <https://bit.ly/2Jr6ary>. Acesso em: 20 de mai. 2018.
- SANTA SÉ. XIV Assembleia Geral Ordinária. **A vocação e a missão da família na Igreja e no mundo contemporâneo.** Relatório final do Sínodo dos Bispos. 24 de outubro, 2015. Disponível em: <https://bit.ly/2LVVznh>. Acesso em: 20 de mai. 2018.
- SBARDELOTTO, M. **E o Verbo se fez rede: religiosidades em reconstrução no ambiente digital.** 1. ed. São Paulo: Paulinas, 2017. 397 p.

SBARDELOTTO, M. Entre o social e a técnica: os processos mediatizados do fenômeno religioso contemporâneo. **Ação Midiática**, v. 2, p. 1-16, 2012. Disponível em: <https://bit.ly/2UpYNTG>.

SEBEOK, A. T; UMIKER-SEBEOK, J. Você conhece meu método? In: ECO, Umberto; SEBEOK, Thomas. **O signo de três**. São Paulo: Perspectiva, 2014.

SIMÕES, P. G; FERREIRA, J. da S. Acontecimento, celebridade e carisma: uma análise da imagem pública do Papa Francisco. **Linguagens midiáticas**, Bauru, v. 10, n. 1, p. 70-83, 2015. Disponível em: <https://bit.ly/2IVJRvo>.

SOUZA, Marilena Inácio. Dos discursos do Papa Francisco à produção e circulação de pequenas frases: A construção do papa heterodoxo. **Linguagem em Discurso**, Tubarão, v. 16, n. 3, p. 564-486, 2016. Disponível em: <https://bit.ly/2EADKHk>.

TFOUNI, Fabio Elias Verdiani. Entre o acontecimento e a memória: discursos sobre o Papa Francisco em capas de revista de grande circulação. **Linguagem em Discurso**, Tubarão, SC, v. 16, n. 1, p. 11-33, jan./abr. 2016. Disponível em: <https://bit.ly/2EF7ymg>.

TORT, Paulliny M. G. F. **Dois Franciscos: O amor como meio de comunicação simbolicamente generalizado**, de São Francisco de Assis a Jorge Mario Bergoglio. 2014. 170 f. Dissertação (Mestrado em Comunicacional Social) – UNB, Brasília, 2014. Disponível em: <https://bit.ly/2Hguhrz>.

VERON, Eliseo. **A produção do sentido**. São Paulo: Cultrix, 1980.

VERÓN, Eliseo. Esquema para el análisis de la mediatización. **Revista Diálogos de la Comunicación**, Lima, n. 48, 1997.

VERÓN, Eliseo. O último debate. In: FAUSTO NETO, A.; RUBIM, A. A. C.; VERÓN, E. **Lula presidente: Televisão e política na campanha eleitoral**. São Paulo: Hecker, 2003. p. 159-174.

VERÓN, Eliseo. **Fragmentos de um tecido**. São Leopoldo: Editora Unisinos, 2004.

VERÓN, Eliseo. **La Semiosis Social 2: Ideas, momentos, interpretantes**. Argentina: Paidós, 2013.

YIN, Robert K. **Estudo de caso: planejamento e métodos**. 2.ed Porto Alegre: Bookman, 2003.